



ILUSTRAÇÃO

COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL REALIZADO
2.500.000\$00

Telef. : 2 4171 — 2 4172

SAGRES

VALOR ACTUAL DO
SEU ACTIVO
10.000.000\$00

A vossa velhice

Só podemos verdadeiramente garantir o amparo na velhice por uma capitalização forçada. Trabalhamos e gastamos. É agradável viver bem e por vezes há quem se esqueça de acumular umas reservas.

Quando as forças faltam, quando a velhice nos ameaça, que será de nós?

A Previdência aconselha, pois, um seguro de vida com reembolso a prazo. Se vivermos, após um número determinado de anos receberemos o produto da nossa capitalização. Se faltarmos, um capital será entregue a quem desejarmos beneficiar, será recebido por quem nos seja querido.

E para cobrir um encargo de tão grande e benéfica precaução, basta um teatro a menos, uma cerveja a menos... uma redução nas extravagâncias.

Rua do Ouro, 191 — LISBOA
Delegação no Porto: Rua Sá da Bandeira, 142, 1.º



ASPECTO DO EDIFÍCIO NA RUA DO OURO EM LISBOA
PROPRIEDADE DA COMPANHIA, ONDE ESTÃO INSTALADOS OS SEUS ESCRITÓRIOS

O dever dos pais para com suas filhas

Cheia de ilusões uma menina vai casar. Não pensa nas realidades da vida, não as conhece.

Só pensa em ir à Igreja e ao Registo Civil. Mas a vida tem encargos e, pior que isso, imprevistos. O noivo é rico? Pode vir a ser pobre. Precisa ser económico a bem do seu futuro; e ser previdente a bem do futuro de sua Esposa.

Os noivos cheios de felicidade não pensam nas coisas práticas da vida e necessitam de quem os aconselhe.

Os pais devem impor, aos filhos que casem, um seguro de Vida, seguro que os obriga, com um pequeno encargo, uma pequena economia, a receber, após um determinado número de anos, um capital e que assegura o amparo para a Esposa, se o marido lhe faltar.

Incendio — Marítimos — Postaes e Automóveis SEGUROS DE VIDA

MODALIDADES DO SEGURO DE VIDA

VIDA INTEIRA — A Companhia pagará o capital, após o falecimento do segurado, à pessoa por este escolhida.

MIXTO — O capital seguro é pago ao segurado no vencimento de um prazo determinado ou, no caso de morrer antes deste prazo, à pessoa que tiver indicado.

CONJUNTO SOBRE DUAS PESSOAS — Por esta tarifa podem segurar-se duas pessoas (por exemplo, mulher e marido, sócios, etc.) e o capital será pago ao sobrevivente, após o falecimento de uma delas, ou no fim de um prazo fixado, se ambos ainda vivos.

SEGURO DOTAL — Este seguro é feito por um prazo fixado sobre a vida do pai, tio, madrinha, etc., a favor de um filho, sobrinho, afilhado, etc. Se o falecimento do segurado ocorrer antes do vencimento, cessa imediatamente o pagamento dos prémios e, no vencimento do seguro, a Companhia pagará o capital à criança. Se a criança falecer antes do vencimento, a Companhia restitui todos os prémios pagos.

A Companhia faz seguros noutras modalidades — Responde a tôdas as consultas que lhe sejam feitas



MARGARINA VAQUEIRO

BANCO LISBOA & AÇORES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 22 DE MARÇO DE 1875

Capital: Esc. 10.000:000\$00 Reservas: 7.050:000\$00

LISBOA — Endereço telegráfico — AÇORES

Telefone 2 5252

PORTO — Endereço telegráfico — LISBAÇORES

Telefone 93

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS

Depósitos à ordem e a prazo — Descontos — Cobranças

Sede em Lisboa: RUA AUREA, 88

COMPRA E VENDA de Cheques e Letras sobre o Estrangeiro.
Abertura de Créditos Documentários.
Contas Correntes com Juros em Escudos, ou moeda Estrangeira.
CARTAS DE CREDITO sobre o País e qualquer Praça do Estrangeiro.
PAGAMENTO POR TELEGRAMA no País ou no Estrangeiro.

Filial no Porto: AVENIDA DAS NAÇÕES ALIADAS

COMPRA E VENDA de Coupons, Notas do Banco e Moedas de Ouro e Prata Estrangeiras, Cobrança de Coupons Nacionais ou Estrangeiros.
Empréstimo com garantia de Títulos.
EMPRESTIMOS HIPOTECARIOS sobre propriedades urbanas em Lisboa.
Ordens de Bolsa Lisboa-Porto e todas as Praças do Estrangeiro.

Instalações especiais para guardas de fítulos e volumes diversos

CRISTAES PORTUGUÊSES



Companhia Industrial Portuguesa

Largo D. João da Camara, 11
LISBOA

RAMIRO LEÃO & C.^ª

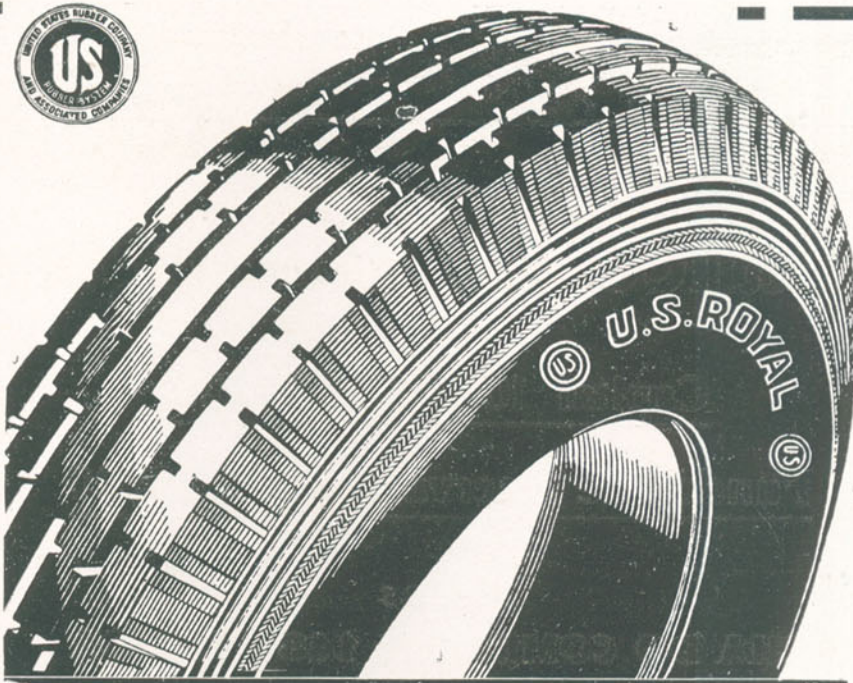
Secção de Estofador

Completo sortimento de:

Carpettes, Tapetes, Rideaux, Lambrequins, Abat-jours, Tapos para almofadas, Bri-se-bises, Napérons.

Damascos, Cretonnes, Reps, Moirés, Cassas para cortinas, Filets, Vitragens, Etamines, etc

ATENÇÃO — Fornecem-se orçamentos gratuitamente



Os pneus "U. S. ROYAL", são fabricados e garantidos pela United States Rubber Company
A MAIOR COMPANHIA PRODUTORA DE BORRACHA DO MUNDO

Representantes exclusivos em Portugal:
C. SANTOS, L.^{DA}
 R. DO CRUCIFIXO, 55, 57, 59 — LISBOA



TELE { FONES — 2 6241 — 2 6242
 GRAMAS — **BOAMENFIL**

Banco Pinto & Sotto Mayor

Soc. Anon. Resp. Limitada

Capital realizado 30.000.000\$00

Séde — LISBOA

FILIAIS :

Porto, Coimbra, Braga,
 Vizeu, Viana e Chaves

AGÊNCIAS :

Régoa e Celorico da Beira

Todas as operações bancárias
 no País e no Estrangeiro

TELEFONES: 2 0066 (3 linhas)

GUILHERME GRAHAM JUNIOR & C.^ª

Rua dos Fanqueiros, 7 — Lisboa

Fabrica de Papel da Abelheira

TOJAL-LOURES

Papeis de escrever

- » para correspondencia
- » para livros comerciais
- » imitações de «Couché»
- » de impressão
- » de cores para capas
- » Affiches em còr e riscados
- » Manilhas
- » de embrulho, ordinários

Cartão Bristol, etc., etc.

Encontrem-se em todos os Armazens de papel e Papelarias

Deposito Geral:

Rua da Alfandega, 156 a 158

LISBOA

Banco de Portugal

Capital 100.000.000\$00

Fundos de reserva 72.700.000\$00

Séde :

RUA DO COMERCIO, 148 — LISBOA

Caixa filial no PORTO



Agências em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Elvas, Extremoz, Figueira da Foz, Guimarães e Lamego. Correspondências privativas em Moura, Olhão, Portimão, Tórres Vedras e Vila Rial de Santo António.

Correspondentes nas principais terras do País e nas mais importantes praças do estrangeiro

Operações — Descontos, transferências, empréstimos caucionados, créditos em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de crédito sobre praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e valores e todas as operações que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

FABRICA



PORTUGAL

REGUEIRÃO DOS ANJOS

Marca registada

LISBOA



Casas de banho — Artigos sanitarios — Utensilios de cosinha, etc., etc.



**Salas de Exposição
e Venda :**

Rua Febo Moniz, 2 a 20

Praça dos Restauradores, 49 a 57

Avenida da República e Elias Garcia

Rua da Graça, 82 a 84

— Tel. N. 4671

— Tel. 2 4948

— Tel. N. 3376

— Tel. N. 3377

LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGÊNCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COURO E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 GROSSO VOLUME DE 1.152 PÁGINAS LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA A CÔRES E OURO, CUSTA APENAS 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

Borges & Irmão BANQUEIROS

LISBOA: Largo de S. Julião

PÓRTO: Rua Sá da Bandeira

BRAGA—ÓVAR—RIO DE JANEIRO

**Todas as operações de
Banco e Bolsa
às melhores cotações**

Secções:

MARÍTIMA, TRÂNSITO E SEGUROS

Avenida 24 de Julho, 2—LISBOA

Agentes e consignatários de navios.—Tôdas as operações alfandegárias e trânsito.—Agentes gerais para Portugal e Colónias da

Caledonian Insurance Company

FUNDADA EM 1805

MISERICÓRDIA DE LISBOA

Grande Lotaria do Natal de 1931

Prémio maior: 6.000.000\$00

2.º prémio: 600.000\$00 3.º prémio: 150.000\$00

Total de prémios a distribuir: 5.627

Importância de prémios: Esc. 15.008.000\$00

Os lucros das lotarias revertem a favor do Tesouro Público, Misericórdia de Lisboa, Hospitais Cívicos, Casa Pia, Fundo Nacional de Assistência, Tutorias da Infância e Caixa de Aposentações do Pessoal da Misericórdia

Bilhetes a 1.600\$00—Meios bilhetes a 800\$00—Quartos de bilhete a 400\$00—Décimos a 160\$00—Vigésimos a 80\$00

A COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

não poupa esforços para manter a

**UNIFORMIDADE e
ELEVADA QUALIDADE**

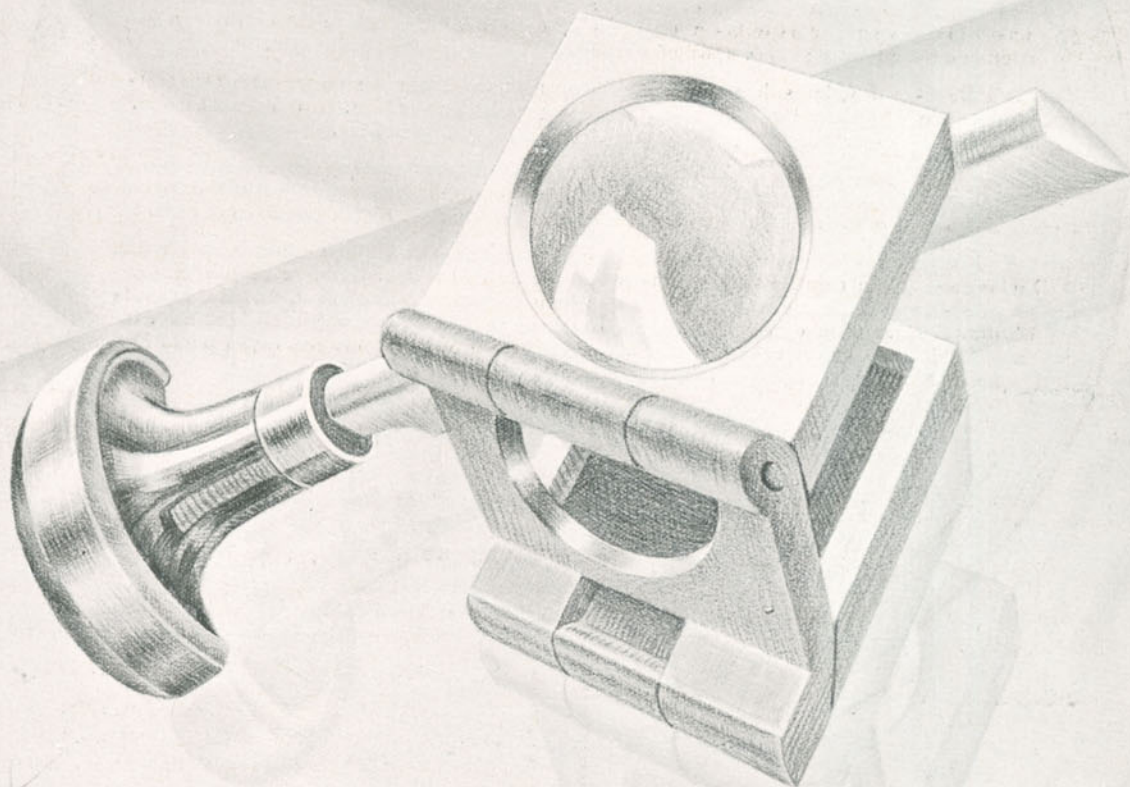
de todas as suas marcas, em que emprega sempre

OS MELHORES TABACOS

Transformou as fabricas e adquiriu os mais modernos aparelhos para corresponder á grande aceitação dos seus productos pelos fumadores.

bertrand
irmãos, Lda
gravadores
impressores

na
tra. da Condessa Rio, 27
Lisboa
telf. 21368



Rio
31/5



*Pavão que andava na muda
Sua plumagem largou
e uma galinha presunçosa
com ela o corpo adornou*

FALSIFICAÇÃO!!!...

Todos os anos aparecem uma ou duas vezes produtos que procuram emitir a Ovomaltine. Isto é bastante lisongeiro, porque prova a excelencia do nosso produto; mas é necessario ter cuidado sempre que o empregado diga que este ou aquele produto é «tão bom» ou «idêntico» á Ovomaltine. Não esqueceis, com efeito, que a Ovomaltine tem atrás de si um longo passado de experiencias feitas por sabios de toda a honestidade e trabalhos scientificos conscienciosos; duas condições que se não adquirem facilmente.

Deve-se duvidar sobre tudo quando o emittador tenta por concessões especiais interessar o negociante na sua obra. A passagem abaixo citada, tirada duma carta, mostra claramente como o publico julga este modo de proceder.

Recentemente, uma mercearia não me deixou sossegado até que eu comprasse uma lata de produto X. Mas tive que pôr de parte o produto comprado, porque a imitação não me satisfaz. Julgo que alguém tenha feio toda a especie de promessas para atrair os vendedores.

Eis, pois, um caso em que a mercearia perdeu a confiança dum bom cliente. Ora, o commercio a retalho o que mais precisa é de confiança. Acontecerá assim sempre que se queira substituir a Ovomaltine por qualquer outra coisa, ainda que mais barata. E se alguém conseguisse criar um produto tão bom como a Ovomaltine, tinha fatalmente que o vender n'ais caro, porque só uma grande produção permite que os fabricantes a possam vender aos preços actuais.

OVOMALTINE
é a saúde

A' venda em todas as farmacias e drogarías e boas mercearias,
em latas de 110 gr., 250 gr. e 500 gr.

DR. A. WANDER. S. A., BERNE

Unicos concessionarios para Portugal:

ALVES & C.ª, (Irmãos) - R. dos Correeiros, 41 - LISBOA

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

O caminho para o céu

- «Avô, como é que a gente vai para o céu?»
Perguntou-me ela, de surpresa, um dia;
E eu, confuso, a fingir que a não ouvia,
O peito lhe apertei de encontro ao meu.

Ela insistiu. - «Não sei!» respondi eu
à pergunta, que tanto me aflegia.
- «Tu julgava que o avô tudo sabia...»
E, ante a minha ignorância emudeceu.

Tremendo da infantil curiosidade,
Tive o pressentimento, nessa hora,
Da desgraça que enfim me aconteceu...

Zeizinha, meu amor! Da Eternidade,
Tu é que podes responder-me agora:
- Filho, como é que a gente vai para o céu?

Engenheiro de S. Paulo

Mãe Divina Criança

QUEM conhece os museus e as galerias de arte da Europa tem, sem dúvida, muitas vezes reflectido acêrca da maneira por que conceberam e representaram a infância de Cristo os velhos mestres da pintura, desde o século XIV até ao século XVII. Estamos no Natal. Não podia oferecer-se-me melhor ensejo para dizer algumas palavras sôbre a interpretação que, através dos tempos, tem sido dada pelos artistas à doce «legenda doirada» do Jesus bambino.

De um modo geral, a divina criança é representada, em tôda a iconografia católica, numa idade que varia de poucos dias a dois anos. Recem-nascido, sôbre as palhas do presepe; de dias apenas, ao colo da Virgem púérpera; lactante ainda, mas já de meses, sugando os peitos maternos, como na linda Virgem de Beltraffio, que está na Galeria Nacional de Londres, ou como na célebre «Virgem do coxim verde», de Solario, que há pouco voltei a admirar no Louvre; menino, enfim, de cabelos anelados, de olhar vivo, acariciado pela mãe (por exemplo, na «Virgem do Grão Duque», de Rafael), ou brincando com S. João, como no belo quadro de Murillo, que enriquece o Museu do Prado. O mais velho dos *Jesu bambini*, que conheço, deve ter três anos: é o de Giovanni Bellini, representado num quadro da Academia de Veneza, de pé sôbre um bufete, loiro, grave, amparado pelas mãos ternas e brancas da Virgem. Passada essa idade, a figura de

Cristo criança deixa de interessar o programa agiográfico, quer na pintura primitiva, quer na do Renascimento. Em tôda a arte religiosa, o menino Jesus aparece-nos, essencial-



«A VIRGEM DA CADEIRA», DE RAFAEL
(GALERIA PITTI, FLORENÇA)

mente, como uma representação da primeira infância.

Outra particularidade que caracteriza a imagem infantil de Cristo na iconografia da Igreja é a sua nudez. Jesus bambino apresenta-se-nos sempre nú. Às vezes, tem apenas um cueiro («Virgem da Casa Tempi», de Rafael); uma faixa de côr em volta da cintura («Virgens», de Beltraffio); uma ligeira túnica, como o menino Jesus de Crivelli, que vi em Londres, na galeria Benson; ou uns calções, como o de Verrochio, jóia

da *National Gallery*. Completamente vestido, só me lembro de um: o da Sagrada Família, de Murillo, no Museu do Prado. A nota pagã da infância nua, sobretudo numa época como a medieval, cuja tábua de valores morais proscovia a nudez, explica-se pelo conceito em que na ideologia católica era tida a criança, como representação de um estado moral superior: o estado de inocência. Purificado do pecado original pelo baptismo, e não tocado ainda do espírito pecador, o bambino era uma imagem sensível da perfeição e o objecto de um culto que teve a sua expressão ritual e litúrgica no *episcopus puerorum*, e a sua consequência política no govêrno de crianças que Savonarola quis estabelecer na Florença do século XV, considerando a puerícia inocente a única detentora da suprema sabedoria. O estado angélico presunha, nas representações agiográficas, a nudez. É por isso, ao colo da Virgem rigorosamente vestida — e, por vezes, de brocados de oiro e veludos de Génova, como certas Madonas venezianas — nós vemos meninos friorentos, completamente nus, alguns de grande ventre (lembro-me, neste momento, do menino Jesus de Alviso Vivarini, deitado sôbre um coxim, no regaço da mãe), que nos dão a impressão de estar tomando banhos de sol ou experimentando, sob uma lâmpada de Murray Lovick, os benefícios dos raios ultra-violetas.

O exame, por ordem cronológica, dos *bambini* de todos os mestres pin-

tadores, desde os «primitivos» italianos, alemães e portugueses — tão ricos em imagens do Jesus menino — até às representações da pintura moderna e às interpretações da infância divina nos quadros dos pintores contemporâneos, como Bouguereau, Degas, Breslaw ou Jacques Blanche, dá-nos conta da evolução do conceito do Deus criança, quer sob o ponto de

vista teológico, quer sob o ponto de vista estético, quer ainda sob o aspecto puramente humano. Nos «primitivos» — e neste número incluo os pintores portugueses Jorge Afonso, Gregório Lopes e Cristóvão de Figueiredo — o menino Jesus, representado sob as várias invocações do ciclo da sua legenda mística, aparece-nos como um pequeno manequim inexpressivo, por vezes de aspecto e de atitudes fetais, dando-nos a impressão de que o artista, ordinariamente cuidadoso na escolha do modelo para a Mãe (algumas Virgens de Van Eyck, de Memling, de Jean

Grossaert, de Filippo Lippi, de Quentin Metsys foram belas cortesãs do tempo), dispensou o modelo para o Filho e pintou de cór os seus *Jesu bambini*. Os de Schongauer, de Cranach, de Grien, dos «primitivos» alemães, são particularmente notáveis pela ausência de vida e de expressão, e, às vezes, pelas suas cabeças monstruosas e pelo seu conside-

rável volume esplâncnico. O primeiro pintor que nos dá, ao colo da Virgem, tipos de criança vivos, belos, saudáveis, com todo o encanto da infância inteligente e inocente, é Rafael. A «Virgem da Cadeira», a «Virgem de Foligno» (Vaticano), a «Virgem do Peixe» (Prado, de Madrid), a «Virgem de Sixto II», e, sobre tôdas, a «Virgem do Grão Du-

rillo, fazem consistir a maravilha das suas agiografias, não apenas na imagem da Virgem, mas na do menino, pintada do natural, transportada para a tela, mais do que com tintas, com beijos; e, não poucas vezes, um filho, um neto do próprio pintor, sentado nos joelhos da mãe, foi o modelo, ou, pelo menos, o inspirador dessas representações gra-

ciosas em que o sentido católico se alia ao sentido pagão, confundindo-se o menino divino, filho de Maria, com um loiro e sisudo Amor, filho de Vênus.

E digo «sisudo», porque, com raríssimas excepções, não se vê nos quadros religiosos dos pintores ilustres um menino Jesus ri-sinho. Todos são tristes, reflexivos, um pouco severos, até os que simulam brincar no regaço materno. Dir-se-ia que velhos mestres recearam pintar a jovialidade, ou sequer a benevolência, na fisionomia da divina criança predestinada para o martírio. A Virgem sorri quasi sempre; o Me-

nino não sorri quasi nunca. Essas duas figuras eternas, tais quais os pintores-teólogos as conceberam, são, na verdade, dois símbolos. Cabe, nelas, a vida inteira. Uma — a mãe — representa a alegria de criar; a outra — o filho — a tristeza de nascer.



«A VIRGEM DE S. FRANCISCO», DE CORRÉGIO
(MUSEU DO ESTADO, DRESDEN)

que» e a «Virgem da Casa Tempí», têm, deitados no regaço, ou de pé e amparados ao peito, encantadores lébés, rosados, doirados, ressumantes de ternura e de graça pueril, como representação mística da infância de Jesus. A criança divina começa, com Rafael, a ser uma criança humana. Daí por diante, Corregio, Sassoferrato, Ticiano, Mu-



As mulheres da Bíblia

DE todas as *mulheres da Bíblia* a única que se impõe à minha admiração como heroína, à minha piedade como mártir e à minha veneração como santa, é a *Mãe dos Macabeus*.

Evoco o drama do Calvário, e não me comove o sofrimento de Jesus crucificado entre dois ladrões.

A gente sabe lá como sofrem os Deuses!

Nem sequer sabemos se eles sofrem quando se transfiguram em homem.

Descortino Maria perdida na multidão que rodeia a Cruz, e também a sua paixão me não comove, certa como ninguém da natureza divina do seu filho, sabendo que ele está ali, sofrendo agressões e enxovalhos, para que se cumpram as Escrituras, isto é, os mandamentos de Deus, e que dentro de algumas horas, ao cabo de três dias, ele ressurgirá de entre os mortos, não apenas como Deus mas como Homem, deixando vazio o sepulcro em que o seu corpo fôr depositado.

Evoco o episódio do Calvário, e sinto-me num teatro ao ar livre, assistindo à representação dum formidável drama, destinado a manter-se em cena pelos séculos fóra.

Quando me sucede evocar o suplício dos Macabeus, comovo-me como se assistisse a uma luta de feras e homens no Coliseu de Roma, ou como se assistisse a um auto de fé no santíssimo tribunal da Inquisição.

Os reis da Síria, os Antioqus, tomados da ambição de alargarem os seus domínios, resolveram a conquista da Judéa, que era uma espécie de República independente, a aguçar o apetite de Roma, no seu tresloucado sonho de império universal. Coube ao cognominado Epifânio a má sorte de arremeter contra os Judeus, que não quiseram aceitar as suas propostas, e se mostraram fortes perante as suas ameaças.

A investida de Jerusalém, que resistiu heroicamente enquanto dispôs de combatentes, foi uma das maiores brutalidades que regista a História. Homens, mulheres e crianças eram atiradas do alto das muralhas, sem nenhuma piedade a soldadesca

de Antioqus, monstro duma crueldade tigrina, embebedando-se com sangue, e no delírio da embriaguês perdendo quasi a qualidade de homem — uma fera real.

A cidade santa foi tomada, custando a sua difícil conquista a vida a mais de oitenta mil judeus, gente de todas as condições e idades.

O Epifânio não era por completo desti-

los — como se não fôsem ídolos todos os deuses que povoavam a terra.

Era bem pouco o que se exigia dos judeus; mas êsse pouco a ferocidade de Antioqus não pôde arrancá-lo à firmeza das suas crenças, à pureza da sua fé, à intransigência da sua moral religiosa.

E aqui vem o episódio dos Macabeus, drama mais pungente, tragédia mais acerba, mais altiva, mais dolorosa que o episódio do Calvário.

Foram levados à presença de Antioqus sete homens e uma mulher, acusados de judaísmo intransigente, agravando êsse crime a feroz intransigência com a dominação síria que se pretendia estabelecer na tetrarquia judaica.

A mulher era a mãe dos sete homens, sete valentes rapazes dispostos a darem a vida pelo seu Deus e suas leis ou mandamentos.

Como se chamava essa mulher?

Na história evangélica e na tradição eclesiástica ela não tem um nome próprio — é simplesmente a *Mãe dos Macabeus*.

Antioqus resolvera usar da corrupção até onde ela pudesse ser eficaz, e usar da violência sem conta nem medida onde a corrupção não surtisse os apetecidos resultados.

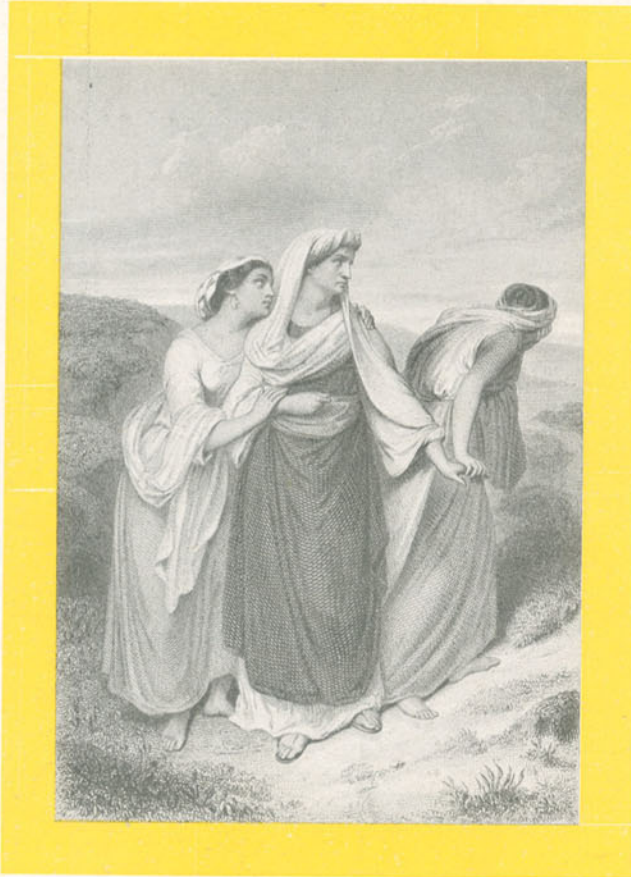
Assim êle começou por oferecer aos Macabeus tudo quanto eles poderiam desejar para realizarem as suas maiores ambições e satisfazerem as suas mais descompassadas vaidades. A Judéa seria uma província da Síria disfrutando duma independência tão larga como se fôsse uma nacionalidade.

Eles, os Macabeus, seriam guindados aos mais altos e mais rendosos cargos, quasi príncipes, como se lhes girasse nas veias boa porção de sangue real. Os usos e costumes da Grécia seriam adoptados na Judéa, e a Grécia de então, de requintada cultura, sabia tornar aprazível a vida em sociedade, proporcionando a cada homem o máximo de prazeres sensuais.

Falou em primeiro lugar o mais velho dos Macabeus, e falou por forma que Antioqus não cabia em si de espanto e indignação.

Pois quê!

Então aqueles miseráveis judeus atreviam-se a repudiar as suas propostas, e levar a



RUTH E NOÉMIA

tuido de tino político, e se êle queria obrigar todos os povos conquistados e a conquistar, os judeus sobretudo, a professarem uma só e a mesma religião, era para mais facilmente os sujeitar à mesma política administrativa, organizando-os numa forte unidade nacional.

Parecia-lhe fácil e achava razoável que os judeus se fizessem pagãos, renunciando aos seus deuses e às suas leis, e desde que no reino sírio houvesse um só pensamento religioso, a sua unidade política estava realizada.

Afinal, de que se tratava?

Tratava-se de levar os judeus a comerem carne de porco, e a admitirem na sua mesa os despojos das vítimas sacrificadas aos deuses pagãos, depreciativamente chamados ido-

audácia, o atrevimento até ao ponto de afirmarem que só era verdadeira a sua religião, e que só era omnipotente o seu Deus?

Obteria pelo suplicio o que não conseguia obter pela exortação, e a apostasia, verdadeira ou fingida daqueles homens, prestigiosos na sua tribo por merecimentos de toda a ordem, decidiria os seus irmãos em crenças a seguirem-lhes o exemplo.

Começou a tortura.

Os executores da alta justiça real apoderaram-se do corajoso moço que, como o varão junto de Horácio, se conservava impávido. Cortaram-lhe primeiro a língua, cortaram-lhe depois as mãos, prosseguindo nas mutilações sangrentas, só cuidando em que não morresse depressa. Quando já não tinham que cortar, atiraram o que restava do que fôra um homem de formas correctas, Hércules e Apolo fundidos, para dentro duma espécie de caldeirão de bronze, aquecido ao rubro.

Para que o espectáculo durasse mais tempo, assentou-se em que seria supliciado um de cada vez, seguindo a ordem decrescente das idades. Esperava Antioeus que tão horrível espectáculo, à força de repetido, acabaria por quebrar o ânimo daqueles homens resolutos e daquela mulher prodigiosa, por forma que alguns deles, e ela em todo o caso, renegassem da sua religião, blasfemassem dos seus deuses, prestassem culto aos deuses inimigos, jurando viverem segundo os preceitos da nova religião adoptada.

O segundo supliciado, como o primeiro, não teve uma palavra de lamentação nem um gesto de fraqueza, antes afirmou, como o irmão, a fé inabalável no seu Deus, a confiança absoluta nas suas promessas, feitas por intermédio de Moisés. Exprobrou a Antioeus a infâmia do seu proceder, talvez ainda mais covarde que cruel.

Os tormentos eram condimentados com insultos, mas nada quebrava a fortaleza daquelas vítimas, condenadas e executadas por não quererem estender aos pés de Antioeus, como um vil capacho, a sua consciência religiosa.

Chegou a vez do mais novo, quasi uma criança, e pensou o algoz coroado que a sua ingénua mocidade não resistiria a promessas lisonjeiras, riquezas e honrarias, uma situação de destaque, por tantos cubizada, na hierarquia cortesã.

Baldado empenho.

O mártir afronta o algoz com o seu olhar sereno e límpido, em que havia a condenação dos crimes que ali se estavam praticando, esfacelados os corpos, mas incorruptíveis as almas.

Ocorreu então ao chagal sírio um estratagemma diabólico, que dir-se-ia uma inspiração do Inferno—se tamanha vileza não excede a capacidade inventiva das potestades infernais.

Que fez Antioeus?

Aconselhou a mãe dos Macabeus que procurasse chamar o filho ao bom caminho e à sã razão, evitando as torturas que lhe estavam reservadas e a morte horrível que tinham tido os irmãos, e a que elle não poderia escapar.

Vai então a mãe dos Macabeus, debruçada sobre o filho, já estendido para o suplicio, diz-lhe que tenha coragem, que a não

resignação de mártir e a mesma dignidade de apóstolo.

E a mãe?

Para ella só havia um suplicio a temer, uma tortura a recear—pouparem-lhe a vida, o coração feito em bocados e a alma escurentada como numa noite de loucura trágica.

Foi supliciado como os filhos, sem nenhum respeito pelo seu sexo, feita em pedaços e queimada, os olhos fitos no alto, lá onde acreditava que elles a esperavam recolhidos no seio de Deus, Senhor da infinita Misericórdia.

O que valem, em relação à Mãe dos Macabeus, as outras mulheres da Biblia, a maior pelo seu heroísmo na dor, a ver os filhos sofrendo torturas indizíveis, e nem por um instante fraquejando perante o algoz, certa de que aquele suplicio seria agradável a Deus?

Prestes a render o espirito, conforme a linguagem bíblica, já sem capacidade de sofrimento, homem fraco perante a dor incomportável, Jesus increpa Deus, gritando para os altos céus:—*Pai, porque me abandonas?* E pede aos seus algozes que lhe dêem de beber, porque arde em febre, muito mais homem do que Deus no transe derradeiro. E não tem uma palavra de protesto contra os que tinham maquinado a sua morte e assistiam ao seu agonizar de crucificado, ferindo-o e injuriando-o, numa embriaguez de loucos com fúrias de criminosos.

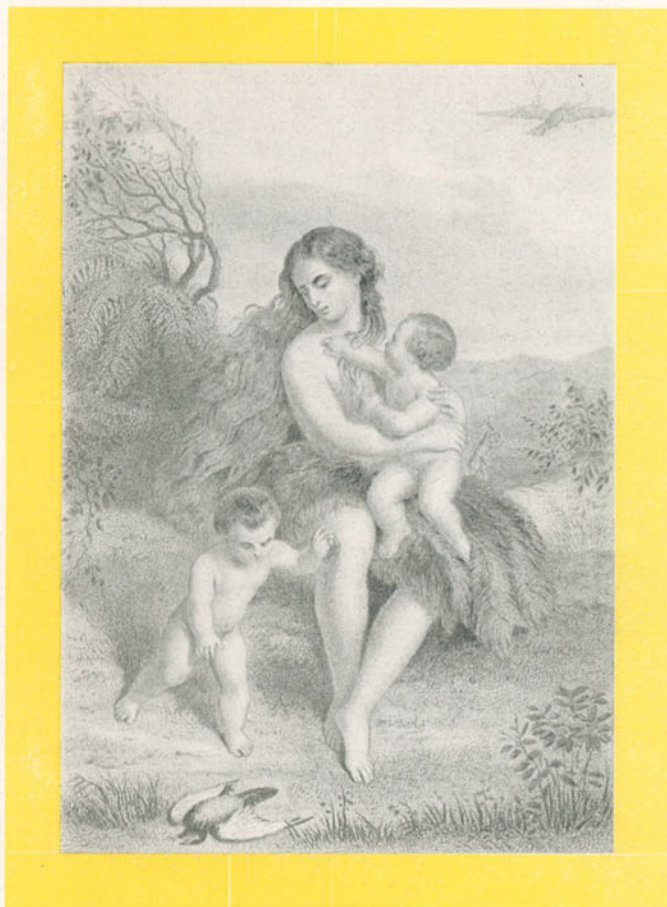
A Mãe dos Macabeus!

Ella é a maior de todas as mulheres da Biblia—a maior pelo seu heroísmo na dor, pela sua resignação no mártirio, pelo seu inquebrantável vigor na fé, pela sublimidade do seu amor de mãe, morrendo sete vezes, sem um queixume, sem um sinal de fraqueza, antes de lhe darem a morte.

Nunca a liberdade de consciência, a mais sacrossanta de todas as liberdades, teve quem por ella se impusesse tão duro sacrificio, avançando para a morte, por entre torturas e suplicios, os suplicios e as torturas mais deshumanas, a cantar o seu triumpho, porventura tardio, mas inevitável.

A Mãe dos Macabeus, a verdadeira *Mater Admirabilis*, santa que não é venerada em nenhuma Igreja, mas que tem um altar em cada coração bem formado!

Salvé *Regina Martyrum*, ventre bendito em que se geraram homens, no mais alto e nobre significado da palavra!



EVA

faça envergonhar-se de ser sua mãe; que não se intimide perante o vil carrasco; que se mostre digno de ir encontrar-se com os irmãos no seio da Misericórdia divina, na eterna mansão dos justos.

Ainda a mãe falava, seis vezes apunhalado o coração, o filho grita a sua fé no definitivo triumpho da sua causa, isto é, a independência da Nação judaica, e num rapto de inspiração profética, grita a Antioeus, implacável na sua fereza:—*Ó tu, o mais cruel e o mais infame de todos os homens, tu sofrerás o justo castigo do teu orgulho, e à força de tormentos e misérias reconhecerás como Deus único o Deus que nós adoramos.*

Morreu como os irmãos, com a mesma

O BOM PASTOR E O MENINO JESUS

-LENDA DE TRAZ-OS-MONTES-

O pai do Albino levaram-no umas febris terças. Duma nascida no braço morreu-lhe a mãe. E aí fica o Albino, corpinho frágil de nove anos, sem pai nem mãe, o buraco da cabana de colmo sequestrado pelos erêdores, a belga de pão centeio vendida ao desbarato.

Órfão e no desamparo, dá-lhe asilo no seu condado Egas Afonso, rico homem das quebradas trasmontanas do baixo Sabor, tão rico em vinhedos, searas e rebanhos como pobre em dons de justiça, temperança e caridade. Dá-lhe asilo. E alheio à sua pequenez e à sua fraqueza entrega-lhe a vara de pastor de boa dúzia e meia de ovelhas, sem falar no corpulento carneiro que desfruta no seio da comunidade regalos de sultão entre as amoráveis e pacíficas odaliscas. Não olha à pequenez, não atende à fraqueza do novo servo, nem ao ínvio aspérrimo dos fragmentos pendores do seu pastoreio, onde é regra o rolar e agonisar das rês nos fundos abismos e onde o lobo contumaz impera de rei e tirano, nos bens dos seus vassallos cobrando frequentes tributos. A nada atende o fero donatário—que percorre coutadas e sementeiras bifurcadas em alazão de sangue, a longa espada à cinta para a defesa do lobo ou o monteio do javardo, na dextra o tagante de sôga para castigo dos servos menos atentos às leis da obrigação.

Mas o tamaninho pastor, tal qual como se o amor tutelar da mãe ainda agora lhe alumiasse o passo, na cabeça o capuz de lã, no corpo o andrajo de burel, sarrão às costas com o pão e o prezigo, manta ao ombro contra a chuva e a neve, conduz ao monte e traz a casa o rebanho, sem coíma por ovelha tresmalhada, e sem ofensa do lobo lambareiro a *malato* ou *rosental*—as crias menores das donas confiadas à sua guarda. E no entanto, venha do céu a neve que tudo enregela ou o sol que enflora cardos e silvedos, êle não esquece a terna flauta de barro merecada pela mãe na feira de Moncorvo. O dia a nascer no corúto dos cabeços coroados de rochedos, ou o dia a morrer no alto dos cérrros penhascosos da outra banda, e o Albino de ôlho fito nos movimentos do gado e ouvido sujeito aos trilos da flauta—no ensaio daquelas melodiosas môdinhas que mestre rouxinol lhe ensinou na Primavera, à beira do rio, e mestra cotovia lhe repete todos os dias, batendo o compasso com as asas, no embalo dos habituais passeios às alturas.

Ora nas vésperas de invernos e frio Natal, com muitos ventos e muitas neves, já noite

cerrada, recolhidas as ovelhas no redil, enchareado até aos ossos, o bom pastor vai esmoer a côdea de pão centeio e enxugar os trapos de burel ao fogo paternal da lareira.

Pois foi nessa noite, rente ao lume, ao calor da lareira, que o Albino pela primeira vez ouviu a história da soma de brindes, com que o Menino Jesus, no Natal transacto, presentou os filhos do patrão e os do feitor. E uns e outros não precisaram mais que requerer-lhos na noite da Consoada, com Padre Nossos

da neve debaixo do frondoso pinheiro manso, sempre a cogitar no Menino, na mão a flauta de barro, que já se lhe afigura a requerida nas orações e cujo veio canoro se lhe desentranha em maviosos acordes.

Abusando da sua cogitação e do seu enlêo o sultão desta grei, à vanguarda das odaliscas, transpõe o portelo duma granja vizinha e serve-se do centeio recém-nascido—o centeio, em linhas paralelas, a verdejar nos pontos em que a neve não solidificou, nos pontos branqueados pela neve o chão coberto de alvo sendal, em que se desenha o fio da trama ao longo do sulco negro do arado.

Nem de propósito. O sultão e suas senhoras teriam provado, quando muito, os rebentos da orla do portelo. Nisto, no tópo da encosta, qual bruto centauro da fábula, surge o donatário da granja e do rebanho.

—Albino! Albino!—brada lá de cima, descobertas as intrusas no agro, sem enxergar a posição do pastor.

O mísero zagal desperta do sono ao reboar dessa voz tremebunda de mau agoiro. E antes mesmo de se refazer do assombro, e de atingir a granja violada pelo dente das incontidas, já a correia de sogas, num zumbido de enxame alvoroçado, lhe morde as carnes quasi nuas—a flauta de barro escaqueirada sob o pé brutal do carrasco.

II

Noite de Consoada. Lá fora, à neve e ao vento, pastores e cabaneiros dos povoados próximos tângem pandeiros e pífaros, cantam as lóas ao Menino Deus, peitam a oferenda da castanha pilada e do figo sêco à liberalidade solarenga.

O Albino, acororado em frente dos toros a arder, estranho aos coros e à música, mais do que os vergões tatuados no rosto, braços e tronco, chora a perda da sua flauta. E de novo se encomenda ao Menino Jesus. E decide colocar o seu tamanco, por não ter sapato ou sandália, no lugar próprio da chaminé.

Pelo que, concluída a faina do jôgo do *par* e do *pernã* ao fogo da lareira, com os costumes risos, vozeios e chacotas, desviados os mais bisonhos para o repouso da enxêrga, os mais folgasões para a missa do galo, Albino recolhe ao ninho de feno que lhe cabe por dormitório à ilharga dos currais. O ouvido àlerta, mal o silêncio assinala o sôno de grados e mindos, sai do ninho, sobe ao solar e coloca o tamanco na lage morna, perto dos toros adormecidos sob as cinzas.



e Avê-Marias, colocando na chaminé os sapatos de uso quotidiano, visto que o Menino, como tal, todo se compraz em atender os amigos depois de lhes experimentar o calçado.

O Albino é homem por fora, no exercício da grave tutela das suas pupilas. Por dentro, nos recessos do corpo e da alma, coração e sentimento, tudo se mede pelos nove anos—sentimento e coração no engôdo de tudo quanto aos nove anos apetece e sorri.

Por isso gasta tôda a santa noite a bichanar Padre Nossos e Avê-Marias, com enderêço ao Menino, no anseio de certa flauta—uma flauta de madeira lustrosa, com fechos de metal branco, igualzinha à do músico dos domingos de Páscoa na igreja matriz. E por isso trepa aos plainos da riba Sabor, e se abriga

Não prega ôlho no resto da noite. À hora de levantar para a sortida do gado, ainda a madrugada nem luz pelas frinchas da têlha vã, trepa novamente à cozinha. E ao brando luzeiro dos toros acordados a mêdo, em sopros dêbeis, num sapato adivinha espada luzente de ferro, noutro minúscula trombeta de caça — apalpando sôbre o seu tamanco, arredado para debaixo dos potes, um chifre retorcido de carneiro.

Minguado de corpo e anos, a sua alma não lembra o pigmeu, antes afirma o gigante. E tanto que saf da cosinha, de cabeça erguida, atribuindo só à ruindade do senhor o presente oferecido ao misero pegureiro.

E porque as cumieiras se mostram paramentadas de neve, êle desce às bordas do Sabor — onde, por ser mais abrigado, a neve quási não pegara. Ao atingir os plainos fundeiros, ressumantes de pastos dignos do cordeiro de S. João, os cerros alvinitentes tomam a côr das rosas abertas. E como se a arca profunda dos abismos se convertesse no seio de imensa rosa aberta em louvor do Menino, tôda ela ganha o colorido dos mimos da roseira nas aleluias de Abril.

Da banda de lá do rio, na igreja debruçada sôbre as águas revôltas, ressoa o toque à missa de alva — nessa manhã consagrada ao Filho de Maria, exposto à adoração dos fiéis em tócco presépio. E se fôsse à missa, se ajoelhasse à beira do presépio, se falasse ao Menino e lhe pedisse a sua flauta?

O rebanho retouca tranqüilamente a erva ribeirinha. Ele aproxima-se da corrente a passo lesto. O pior é que o rio vai de monte a monte, e não há por ali ponte, nem pol-dra, nem barca.

Quêdo e mudo à borda do açude que dá vida e alento ao moínho do Zé Moleiro, ouve de súbito uma voz inefável, doce como a malvazia, que não sabe donde vem, mas que lhe faz tirar dos ombros a manta de farrapos e de pronto lançá-la à tona do açude. A manta, por sua vez, como se obedecesse à mesma voz, e a voz lhe ensinasse o sortilégio, ageita-se à forma e tamanho das barcas de passagem.

O bom pastor deita a vista às suas ovelhas — que continuam no saboreio da erva apeti-

tosa. E logo, ainda em obediência ao secreto mandado, atravessa o rio na barca do milagre, mais ligeira do que se a agitasse palpitante vela latina.

Mas o fero Egas Afonso, que na antevéspera surpreendera e punira a falta do pequeno zagal, que nessa madrugada zombara da sua inocência e da sua pobreza, em vez do prêmio cubicado colocando-lhe no tamanco afrontoso penhor de escárneo, jurou a si próprio apanhá-lo em reincidência, no afan de lhe duplicar corrigenda

— Ah! lá está o rebanho...

Enxerga e conta as ovelhas, uma por uma, e o chefe da família, o opulento carneiro de chavelhos rompantes, todos juntos, todos amigos, no gôzo comum do manjar sem igual.

— Mas... o pastor? Não enxergo o pastor...

Desvia-se uns covados do sítio onde assomara, esquadrinhando à esquerda e à direita, a garra ferina a comprimir o cabo do azorrague.

— Ah! Lá está também...

Na verdade, sôbre fraga coberta de fino musgo, que visto dali reflecte o brilho do veludo em penha de igreja e em dia de festa de orago, quando muito a dez passos do rebanho, descobre-se bem o vulto do pastor, no govêrno dos seus súbditos e no trauteio da sua flauta—flauta que, desta vez, espalha pelos recôncavos harmonias mais suaves do que trilo de rouxinol.

— Hum... — resmungo o tórvo Herodes, sem mostra de comoção pela música suavíssima e sem sequer atentar no aro de luz, leve como engaste de ouro, que recorta a cabeça do zagal. — Hum... Já amanhaste flauta de cana... Queira Deus que a flauta não te venha a amargar a chicote...

E abanando a cabeça taurina, e sibilando pragas e esconjuros, arremete ao trilho pedregoso no retorno ao solar.

Albino, finda a missa, cantadas as lóas do Menino, ao estrugir de pandeiros e castanholas, regressa ao seu posto. De novo a manta lhe serve de barca. Mas, ao assentar pé na margem oposta,

face a face do rebanho, abre olhos e bôca de espanto.

Sentado em penha musgosa, à cabeceira das ovelhas, descortina o seu vulto, tão fiel como se o visse no lúcido espêlho das águas correntes. Arrisca dois passos indecisos. O vulto dilue-se, porém, em luminosa palha de arco-íris. E em vez dêle, fica no altar da penha o corpo vivo do Menino Jesus — que o chama por acenos, nas órbitas duas estrêlas matutinas, e lhe estende na mão esplendorosa uma flauta de prata e cristal.

Sousa Costa.

(Il. de Alberto Sousa).



que sirva de lição ao delinqüente e de exemplo à manada passiva de abegões, pastores e cavadores.

Assim, Albino a subir a nave da matriz e a ajoelhar ao flanco do presépio, no têsso da vertente assoma o torso hercúleo de Egas Afonso, montado no alazão, à cinta velha durindana, na dextra o azorrague das justças sumárias.

Como a luz da manhã, que desponta da montanha fronteira, lhe bata em cheio no rosto, da mão felpuda e grossa faz pala sôbre os olhos. Esquadrinha lameiros e pousios. Da meia encosta desce-os à margem do rio.



Os Reis Magos

dos seus filhos, geração a geração, milenário a milenário, pulsaria constantemente o alvoroço e o anseio da viagem prodigiosa à busca dum pequenino Deus, que logo ao nascer, na sua inocência risonha, anunciava a promessa de perfeita, de fraterna amizade entre os homens...

Não foram, na verdade, o oiro, o incenso e a mirra, as dádivas mais preciosas dos opulentos Reis Magos...

que lhes parecia não ter fim, os Reis Magos a si próprios iam perguntando se a estrêla sem par voava realmente na altura, ou se brotava, instante a instante, — chama de vida sequiosa — dos seus olhos ávidos de não perderem o rumo na escuridão da longa noite de inverno...

Estrêla auroral de concórdia, sob a clara bênção enlaçando, na mesma espiração de Bem, a inteligência calma de

Não eram só a mirra, o oiro, o incenso — riquezas de espessa ou frágil materialidade — os presentes que os misteriosos Reis Magos levavam consigo para ofertar, glorificando-a, à candura omnisciente do menino-Deus...

Através da solidão e do silêncio coalhados e extasiados na limpidez daquela noite inefável, em que uma nova certeza alvorecia na Terra, a marcha oscilante dos dromedários conduzia outras dádivas, infinitamente mais belas e mais perduráveis: — três almas fortes, caldeadas nas lutas do saber e da experiência, três almas habituadas a medir e a compreender o destino, obedientes já ao milagre de amor sorrindo no humilde presepe de Belém...

A mirra, embora símbolo da prece, o incenso, embora símbolo da austera mortificação da carne — que mais valeriam do que o fumo? O oiro — símbolo da paixão incorruptível — que mais seria do que senhor da corrupção? Mas a oferta suprema dos Reis Magos — a fé das suas energias inflexíveis, ardendo no sonho imenso de paz e de ternura que dealbava na Judeia — essa ficaria eterna, resplandecente, imaculada sempre. Desafiava o tempo, a hostilidade das coisas, o sarcasmo das plebes e o desdém dos poderosos.

A presença desses grandes sábios, hábeis em desvendar e em prever o Futuro remoto, era, afinal, a presença de três raças — de três raças que já mais se extinguiriam... E no sangue

Gaspar, o espírito meditativo de Baltasar, o ímpeto juvenil de Melchior — Mestres de povos diversos, chefes de opostas civilizações, desde essa hora reconciliados e unidos por igual visão dum universo harmonioso...

*
* *

Em vão a procuramos hoje, a estrêla guiadora, em vão tentamos adivinhar o seu apêlo de luz na torva noite da nossa inquietação. Apagou-se de todo? Ou fugiu de nós a difícil, a ingénua ciência de contemplá-la e de segui-la?

O céu é crepuscular. A névoa esconde os horizontes. E Jesus-menino, se despertasse agora na pobreza dum curral, apenas o visitaria a devoção dos Pastores, seus irmãos de miséria terrena. Nem oiro, nem mirra, nem incenso — nem a adoração dos sábios e dos fortes!...

Adivinhei, porém, ouvi o pressentimento de alegria matinal que, por vezes, balbucia, freme e canta em nosso oculto desejo. É o velho, o secular pressentimento doutro — o pressentimento feliz da maravilha ambicionada. Não o deixeis emudecer! Quando êle

se ergue, ao seu tímido gorgoejo dir-se-á que furtivamente desponta e brilha no firmamento, além, o esquivo lucilar duma estrêla desconhecida, gêmea talvez da estrêla morta dos Reis Magos...



RUBENS — A ADORAÇÃO DOS MAGOS (ESBOÇO)

Nem, se o fôssem, correria no céu a estrêla guiadora, tão diversa das estrêlas vulgares — rudes corpos incandescentes, simples formas abrazadas... Esta era também uma alma, uma alma encaminhando almas — incoercível e serena emanação da esperança que então fluía dos corações. E a cada passo da jornada,



RUBENS.—A Virgem da Corôa de Flores—Munich (na antiga Pinacoteca)



A CATEDRAL DE TOLEDO

A caminho de Toledo

glauco, se vem ouvindo pelos séculos fora. E meus ouvidos entendiam, como o lamento do mar nos búzios, essa lástima da corrente estrangulada entre cerros, e os desesperos das águas que caçoam nos açudes e a tóda a hora matracam o seu secular protesto de encontro àqueles formidáveis rochedos que lhes barraram e ensombraram a feliz carreira pela Castela Nova abaixo e violentamente as obrigaram a torcer seu deslize risonho.

Em síntese, Toledo afigurava-se-me êste cartaz de réclamo: ao fundo de uma veiga verde, uma alcandorada cidade amarela de sombras lilazes, posta em céu azul, circundada de rio violeta.

Moralmente, o meu previsto Toledo era um heterogéneo amontoado de povos — celtiberos, romanos, godos, árabes; de raças, sôbre raças, de instituições vivas erguidas sôbre instituições mortas, no embate violento de credos religiosos e de sociedades civis antagónicas. Na so-

ceremónia: as que serviram o Islam passaram a servir o Cristianismo; nos harens instalaram-se conventos; nos alcáçares, paços imperiais e escolas militares.

Enfim, uma cidade-cemitério onde há o pó dos fanáticos do Corão e o pó dos obcecados do Evangelho; pó, caído e morto, que, em certas noites de ardentia, se ergue e revive, espectralmente, em rondas macabras, no baile opala e verde dos fogos-fátuos. Então, árias dansam com semitas, cristãos com sultanas, alcaides com freiras!

*
* *

E o combóio vai avançando através da Castela-Nova dos arredores de Madrid, que, neste florido dia de Maio, parece menos descampada, menos árida, menos sêca, menos nua. Nos maninhos verdes, há papoilas vermelhas como cristas de galos, e «paquettes» brancas, como chuva de pingos de cal; as lombas dos montados cobrem-se de feno tenro para pasto de gado; nas terras arentas pungem tomilhos; e nas paludosas, funchos húmidos.

O «Expresso», com o seu vagão internacional, roda, roda veloz. ¡Que trivialidade, um combóio moderno!

¡Pois não seria mais idóneo, com esta jornada de um letrado a antiga e curiosa terra, ter êle vindo, por essas «carreteras» fora, escarranchado na mula de Gil Blas de Santilhana, ou no balanço da sege de amarrações de Tírso de Molina, senão naquella deligência de tejadilho de lona, cortinas de oleado negro e altas rodas vermelhas que, desde Madrid, escoltada por guardas a cavalo, trouxe, aos solavancos, pela esburacada e poeirenta estrada de Caramanchel e Hescas, certo «parfait magique à lettres», que correu êste mundo e o outro para escrever livros de viagens, agradáveis aos ouvidos em seus ritmos puros, afagosos aos olhos nas suas frases de esmalte, e em tudo atraente pelo bem trajar da forma acabada: — Teófilo Gautier? E logo o «impecável» Theo, que Baudelaire endeusou, surgiu diante de mim, e com gôsto o relembrei na minha

admiração literária. Vi-lhe os olhos sôfregos de pitoresco, na avidez de saborearem os deslumbramentos da luz esplêndida e a doçura dos coloridos inefáveis, no espectáculo da côr, da linha, da mo-



PORTA «DEL PUENTE DE ALCANTARA»

breposição, digamos, nas profanações e secularizações diversas (mesquitas que passaram a catedrais, sinagogas a capelas) as architecturas acomodaram-se, apropriaram-se, sem escrúpulo e sem

TODO o viajante culto, ao meter-se a caminho para longes terras de fama, que não viu ainda, leva no fundo dos olhos e dos ouvidos, em nebulosas imagens (remiscências de leituras idas, penumbras de relatos passados, memórias delidas de vistos desenhos), se não a fisionomia, pelo menos o aspecto daquilo com que se vai encontrar. E essas imagens esfumam-se na gase doirada do prestígio das coisas cubiçadas de que se enamora a nossa fantasia acêsa.

Assim cogitava eu, certa manhã, ao esperar, na movimentada estação de Atocha, o «Expresso» que de Madrid havia de levar-me à velha capital imperial.

¡Toledo!

Eu via e ouvia esta cidade antiga, antes de a ter visto, antes de a ter ouvido. Pictóricamente, ela surgia diante de mim num encastelado de tons quentes nas suas fachadas pardas, com seus tejolos vermelhentos, seus muros betuminosos, — lá num alto, sôbre ingentes escarpas esverdinhadas, tudo posto em céu azul de hortênsia luminosa. Enxergando, distinguia, para além de pontes medievais, irrompendo d'esse coronal cimeiro de muralhas vistosas, — torreões de alcáçovas, flexas de catedrais, cúpulas de igrejas; e, em baixo, circundando-a em ferradura, a pasta barrenta d'esse lamentoso Tejo contorcido, cuja ânsia de correr, liberto entre almargens chãs, e espreado em lezírias esmeraldinas que lhe anunciam a proximidade do mar

delação forte, ou dos movimentos graciosos; senti-lhe a alma voluptuosa de pintor, escultor, architecto para quem a vida era um sumptuoso cenário de coruscações magníficas,— para quem o mundo concreto das belas verdades palpáveis existia realmente. Presenciei esse sensorial gozar a luminosidade que as suas pupilas frementes incendiavam na púrpura, na violeta, na laranja dos poentes de vapores de oiro nessas águas ígneas, feitas de lascas brilhantes de esmeraldas, turquesas e safiras,— as do maravilhoso Bóforo sulcado de vaporzinhos penachados de fumo branco, enormes rodas a espadanar espumas e a pingar miríades e miríades de aljófares irisados, que deixam atrás de si ferveduras de milhões de pérolas desabrochadas em diamante. E tudo isto o Theo descreve, ora com o pincel rútilo de Turner, ora com o pincel vaporoso de Ziem que, em tintas fôfas, fixou a hora vespertina do Oriente religioso, quando tôdas as côres se fundem, se pulverizam, se beatificam...

Vi-o por tôda a parte (em Espanha, na Itália, em Constantinopla, na Rússia) tomar, cúpido, notas de luz berrante e notas de côr estridente:— um raio de sol doirando as crinas revôltas de um cavalo a galope; as estrelinhas de prata que as ferraduras espirram nas pedras das calçadas côr de aço; os arceios pintalgados das mulas de Saragoça; as raxas vermelhas, verdes e negras dos cobrejões sevilhanos ourelados de medronhos de diversos amarelos quentes; a verdura metálica das figueiras índicas que, mouras curiosas, se debruçam dos muros de cal viva na Córdova árabe; e as violências de luz crua nos areais mauritanos, que cegam os olhos europeus.

E porque também me viesse à memória o Barrés do «Du Sang, de la Volupté et de la Mort», e do «Greco», foi, um tanto ou quanto, na companhia estética destes escritores, o primeiro com a sua literatura plástica, êle que não quis servir a outra beleza senão à que se vê e apalpa; o segundo, com aquela subtilidade de sensibilidade que estima, solitária, balouçar-se no recato das coisas...; enlevar-se no mistério da existência...; e em tudo colher o perfume da flor triste do enigma universal que a sua emoção bela interroga e interpreta (ambosromeiros da formosura nestas interessantes terras semitas e árias);— foi na companhia destes artistas que me fui aproximando da revelha Toledo.

A todo o momento, eu esperava avistar, ao longe, num alto, a antiga «cabeça de las Españas», essa cimeira e imperial

Toledo, trono de reis visigodos e godos, alcáçar de kedivas, palácio de imperadores, paço de cardeais, arcebispos, bispos, grandes abades, solar de condestáveis, duques, condes;— cidade de concílios, de sinagogas aristocráticas e populares, cidade litúrgicamente romana e mosárabe,



PORTA DE VISAGRA: PORMENOR

sufragânea da magia. Sim, esperava avistá-la, sobranceira, como, em certo dia de outono, na resteva da Úmbria chã, eu avistei a alcandorada Oviote, branca, no alto do seu morro ingente de terra de Sena e verde-musgo. E se, lá do sul da Itália, me chamou outrora, a mim, peninsular e sensorial, a



VISTA PARCIAL DA CIDADE

vigorosa arte pagã de Lucas Signorelli (o precursor dos nus musculosos e apolíneos do «Juízo Final», na Sixtina miguelangelesca) guardada numa moderna catedral policrômica em seus mármoreos variegados, seus refulgentes metais, suas gemas cintilantes;—

a esta velha e parda Toledo chama-me hoje o espírito de um artista independente, plástico e psicológico, que pretendeu pintar a luz da Natureza através da luz do seu pensamento; de um poeta da claridade transcendente e dos transcendententes movimentos, que nas telas interpretava a fuga sobrenatural dos seres celestes, como a apercebia o seu visionar de esteta a quem arrouba e atormenta a realização artística dos temas da santidade, que quasi estão fora da vida, dos da divindade, que não são deste mundo:—Greco.

Mas não avistei semelhante Toledo. Para isso, teria sido necessário (soube-o depois) ter vindo pela «carretera» de Talavera de la Reina, através das «Veigas», chãs e verdes, de onde a cidade se avista, lá num cômodo; ou pelas de Ávila ou de Madrid, de maneira a entrar pela antiga porta Bisagra, transpôr as muralhas medievais de Afonso VI, subir a costa lendária do «Cristo de la Luz»; ou, melhor ainda, atacar a cidade pela margem esquerda do Tejo, como quem vem das bandas de Ciudad Real, pelo monte da «Virgen del Valle», em Maio, à tardinha, quando, ao sol poente, as lombas de urze e tremontêlo se transformam em chapadas de latão, as sombras azuis-violáceas dos penedos de bronze se estiram nos tapêtes roxos do rosmaninho em flor, e há esteirados de fogo nas águas de turquesa e ametista do Tejo, que se vê sob a ponte de São Martinho, lá no fundo, num abismo, à quem das escarpas formidáveis onde se encastela Toledo, dominada pelo alcáçar e pela catedral, erupta de muitas tôrres, num apinhado casario feito de cinza de charuto e musgo, com as vidraças de centenas de janelas incendiadas pelos reflexos vermelhos do sol no occaso.

*
* *

O combóio estacou. Desço na plataforma quasi vazia. A moderna estação de caminho de ferro, em estilo mudéjar — torre-mesquita, paredes de tejos, arcos em ferradura, tectos de artesoados, estuques policrômicos, ferragens negras de ferros torcidos, silhares de azulejos hispano-árabes com revêrberos metálicos — é o primeiro encontro do viajante com o espírito mouro do Passado toledano.

Antero de Figueiredo.

Do livro TOLEDO — IM-
PRESSÕES E EVOCÇÕES —
(No prelo)

Soliloquios e Comentários



DEZEMBRO.

Está a chegar o Natal com o seu velho barbaçado carregado de neve e de brinquedos. Jesus desce e transfunde nas almas um suavíssimo e imperturbável minuto de Paz. E as almas enlevadas parecem inaugurar o seu reinado. Mas o calor do Natal em breve passa. Derrete-se a neve, na lareira as brazas são já cinza fria. E o Homem, esquecido de que é filho directo dos Deuses, ajusta as suas armas e recomeça a luta. Torna-se fera. E no Olimpo o bom Deus, ouvindo o ronco do canhão e o estertor dos agonisantes, não desce a apaziguá-lo, crente de que se o fizesse lhe perderia, de todo, o respeito...

O Natal! Como é lindo! Quem seria o poeta que o inventou? Pois só esse teria, se houvesse Justiça na terra, direito ao prémio Nobel. Paz seja, pois, em toda a terra e nos céus. E maldito seja quem turbar a queira...

Tiro da estante um velho livro de Guilherme de Azevedo, *Aparições*, publicado em 1867, e leio:

«À noite, as estrelas são [olhos serenos Das virgens que em sonhos vagueiam no céu;

Quando o poeta publicou isto tinha o genial Olavo Bilac dois anos, pois nasceu em 1865. Naturalmente nunca leu estes versos e todavia eu recordeo o soneto *Virgens mortas*:

«Quando uma virgem morre, uma estrela aparece, Nova, no velho engaste azul do firmamento;

E penso que a mesma linda ideia fulgurou no cérebro dos dois grandes poetas. E penso também que parece que os grandes poetas acabaram. Eu não li isto em parte nenhuma, mas não há dúvida que já morreram todos...

ENCONTREI ontem o último romântico.

Dera uma tarefa na mulher com um grosso volume encadernado, das obras de Musset...

Os chinas andam por lá jogando as cristas com os japoneses. E não sei porquê eu lembrei-me de um acto curioso *Lei-San* escrito por Manuel Penteadado:

Tai-fó diz: «Atrás de cada sonho há sempre um bando de corvos! Em êle indo alto, bem alto, na curva do céu, tão alto que já nem se prenda à terra, vão os corvos numa revoada negra e despedaçam-no...»

Manuel Penteadado, o grande amigo de Filho e de Júlio Dantas! Os artigos que publicou no *Jornal do Comércio* davam um livro bem interessante que nunca se

publicará. Manuel Penteadado esqueceu. E ouço o diálogo da sua pècinha:

LEI-SAN:

«Onde as almas são doentes...» — Que país é?

TAI-FÓ:

«Não sei... É dentro de mim, talvez...»

ESCREVEU Sampaio (Bruno), há poucos dias comemorado:

«O empenho há-o em toda a parte do mundo, como o vinho pouco mais ou menos; mas como o vinho, o bom, o legítimo, o fino, o autêntico, o superior, o impiedoso e furioso empenho é coisa nossa portuguesa...»

«...aqui, nesta pequenez toda a gente sabe quem é bom para o senhor fulano, para o senhor cicrano. Esta a nossa miséria. Ai de nós! Sômos todos primos...»

Que nem um livro aberto. O major



OS SINOS CANTAM OU CHORAM?

Domingues, há pouco falecido, ainda foi do tempo em que na Escola de Guerra um discípulo possuía um *Dicionário de Empenhos*.

E por um ou dois tostões êle dizia quem era bom para o Pimentel Pinto ou para outro qualquer dos lentes. E às vezes era um *quidam* de quem ninguém suspeitava e que o marau descobrira: um alfaiate crêdor, um senhorio, uma senhora muito simpática, etc. O camarada, naturalmente, é hoje general, pelo menos.

PALAVRAS énicas:

Gostava de ver morrer antes de mim as pessoas que me estimam muito.

Porque assim lhes pouparia o desgosto de me chorarem.

COMO consôlo supremo, Nietzsche na *Genealogia da Moral* diz que «tudo tem o seu preço, tudo pode ser pago». Pois tem. Mas que importa que tudo se venda se muitas vezes só se tem cotão nas algibeiras?

UM indivíduo sem vintém é anarquista. E forma nas esquerdas. Depois, à medida que lhe aquecem as algibeiras alinha nas direitas. Pela igualdade!, foi substituído por: Pelo meu direito! A propriedade é um roubo!, por: Felizmente que já tenho uma casa! e o José trata dos outros, por José trata de ti,

trata de ti José. Às vezes chega a ser um bom cidadão.

HÁ em Portugal, onde os prémios literários não abundam, o prémio da Agência Geral das Colónias que por ano põe em foco dois ou três livros, dando aos seus autores uma dezena de milhares de escudos.

Quem lhe não liga nenhuma é a imprensa, que noticia o facto em duas ou três linhas. Para se ser notável é preciso praticar um crime. E depois tem-se pela certa a mobilização de meia página com a audiência...

A PARECEM de vez em quando umas pobres, vivendo na maior sordidez e imundície e possuidoras de belas notas, papéis de crédito, etc. Não as censuro. Penso no trabalho que aquele dinheirinho lhes custou a ganhar, arrancado à miséria dos tempos, que correm egoístas e torvos, sem grandes probabilidades de condoer corações, nem de sangrar bôlsas. E nos terrores de lhes ser roubado o que elas ardidamente souberam roubar aos corações condofidos.

AGORA deu em chamar-se ao teatro da Trindade, o Trindade. E é o Trindade para cá, o Trindade para lá, apesar de não estar certo.

Estou com Rangel de Lima, que me afirma:

— Êles convencem-me no dia em que também disserem *cai o Carmo e o Trindade*. Mas é que são capazes de o dizer...

Mors ultima linea rerum est. A morte é a última linha do livro da vida, diz o fescenino Casanova nas suas *Memórias*. É apenas para quem morre.

O Hábito! É um amigo que nos é fiel. E quasi sempre sacrifica a nossa vida à sua comodidade...

PRETENDIA Balzac que muita gente acreditava que as pessoas de talento são imorais ou velhacos.

Das do tempo dêle há com certeza exagêro. Agora das do nosso tempo há até quem acumule. Mas sem talento nenhum.

Albino Forjaz de Sampaio.





O IMAGINÁRIO DA FLORESTA

LENDA DO NATAL DA BOÊMIA

O inverno estendia seu manto branco sobre os picaros da serra e sobre a planura.

O riacho engrossava e os moínhos, animados pelas torrentes vindas da montanha, moíam o pão de todo o ano.

Numa tarde negrejante de Dezembro passeava açodado, à porta de um dos moínhos, um rapagão robusto, envolto num espesso capote.

Por fim abriu-se a porta e safu uma garrida donzela de longas tranças cõr de azeviche. Para ela correu o moço e as mãos se entrelaçaram meigamente. Mas a linda moleira tinha nos olhos uma tristura de morte e triste babuciou:

—É preciso que não voltes, Krilay, porque, por desgraça, não basta que meu coração te pertença. O pai não quer esperar mais e diz que, se até ao Natal não arranjas os 600 reais de prata de que ele precisa para pagar a hipoteca do moínho, me obriga a casar com Leoljü, que me pediu em casamento.

—Teu pai enlouqueceu! — exclamou o moço com indignação. — Um homem de tantos anos, viúvo e com uma filha...

—Meu pai quer... Leoljü emprestou-lhe o dinheiro para o moínho e êle, com a doença, nem os juroz lhe tem pago.

—E tu, Sonja?

—Eu não posso casar contigo contra a vontade do pai, mas antes de casar com o velho avarento atiro-me ao açude...

No sobrado do moínho, retumbou uma tosse rouca, soaram passos pesados. E Sonja fugiu para casa, fechando a porta, sigilosa...

600 reais de prata!... 600 reais de prata o separavam da felicidade de chamar sua a Sonja, a linda montanhesa, quicá a mais bela de tôda a Boémia.

Como havia de, em tão pouco tempo, amontoar 600 reais de prata um humilde imaginário, um simples entalhador de madeiras?

Já na sua pobre casita de madeira, me-

tade habitação e metade oficina, logo contou tudo a sua mãe, lamentando-se:

—Faltam só quinze dias para o Natal e nem encomendas de trabalho tenho!... É para uma pessoa desesperar!

A boa vèlhinha, com os olhos razos de água, alvitrou timidamente:

—E se... tentasses fazer outras obras! Decerto Deus não se ofenderia...

—Que dizes, mãe?... A minha arte deu-ma o Senhor Todo Poderoso para talhar imagens sagradas. Queres que desça ao aviltamento de copiar coisas profanas? De resto, sinto que a Providência me não abandonará. No sul da nossa terra há muitas igrejas cristãs e Deus há de querer que algum dos seus anjos indique aos prelados o nome de Krilay, o imaginário da floresta. Quem sabe se já está a caminho o mensageiro, portador de grandes encomendas?

A vèlhinha não quis desanimar o filho. Krilay dirigiu-se à oficina. Pousou a candeia de azeite e ia sentar-se ante a vasta mesa de trabalho quando notou que alguma coisa se movia num dos mais escuros cantos da estância. Ergueu a luz e topou com um menino que, sentado no chão, frente ao presépio monumental em que o imaginário empregava sua arte, brincava com os animaizinhos da sagrada cena.

—Quem será êste pequenito? — perguntou a si próprio o artista.

Conhecia todos os da aldeia menos aquele, que tinha os cabelos como uma corõa de luz em torno da carita de anjo.

Estendia nesse momento a mãosita travessa para o cordeirito que se aninhava na saia da Virgem Mãi.

—Não mexas aí, meu menino — disse Krilay. — Não vês que são os animaizinhos que acompanham o Menino Deus no seu presepe?

O menino de cabeça de sol olhou o imaginário com seus olhos claros e serenos, respondendo:

—O Menino Jesus não se zanga!...

Com efeito, pareceu ao imaginário que era mais belo ainda o lindo sorriso que tanto trabalho lhe custara talhar à deminuta imagem.

O menino ergueu-se. Estava descalço e quási nu. Docemente, pediu:

—Deixas-me levar o cordeirinho? O Menino Jesus ainda fica com muitos bichos para brincar...

Não sabia Krilay que responder e por fim ocorreu-lhe dizer:

—Põe o cordeirinho onde estava, meu menino, que eu te prometo talhar-te outro que mexa a cabeça!

—Devéras? — perguntou o menino ao tempo que se ajoelhava para depôr o bonequito no presepe. — E quando o farás?

—Amanhã mesmo. Vem cá amanhã à tarde. Onde moras tu?

—Aí fora... — disse o menino sem mais detalhes.

E o imaginário de novo recordou que nunca o vira na aldeia perdida.

O imaginário Krilay deixou da mão um Arcaño e tomou um novo pedaço de madeira. Pensou, de si para consigo, que Deus se não zangaria com êle por ser o trabalho para dar a uma criança... Com tanto afan trabalhou, que antes do meio-dia já tinha pronta a obra mais perfeita que de suas mãos saíra. E sempre pensando nos olhos negros de Sonja. Que fazer para salvar seu amor?

Soaram detrás dêle os passos miúdos de uns pés descalços.

—Já tens o teu cordeirinho pronto — disse, sem erguer a cabeça.

Mas, como não lhe responderam, voltou-se e deu com os olhos numa ciganita esfarrapada que levava ao colo um pequenito quási do tamanho dela e que, ao ver o cordeirinho, que baloiçava a cabeça, começou num alarido de alegria estendendo para êle as mãos sujas.

Quis Krilay expulsar os pequenitos que pediam esmola, mas o que ia ao colo entrou de chorar, e a cigana explicou:

—Agora já não deixa de chorar enquanto não tiver o brinquedo, e o meu pai vai dar-lhe açoites para que se cale!

—Bater num anjo tão tenro! — exclamou Krilay, horrorizado.

E, entregando-lhe o cubiçado animalzinho, acrescentou meigamente:

—Toma, meu menino. Ao menos que desta vez te não batam!...

Ao anoitecer estava pronto outro cordeirinho meigo, mas quem veio à oficina não foi o menino da cabecita de sol, mas Yag, o pobre orfãozinho da aldeia. Como os outros meninos, estendeu mãos cubiçosas para o brinquedo.

—Não te posso dar êsse cordeirito, Yag, porque já tem dono. Mas não te entristeças, que te faço outro...

—Impossível, Krilay, porque vinha despedir-me. Amanhã o senhor abade leva-me para o asilo dos órfãos...

E os seus olhos húmidos não se afastavam do cordeirinho meigo.

—Bom... pois leva-o, pequeno...

E pensou fazer outro cordeirinho para o menino da cabecita dourada...

No dia seguinte acabou o terceiro anho e pô-lo no beiral da sua janela. Mas não voltou o menino a buscá-lo.

Só faltavam três noites para o Natal e já Krilay começava a sentir o desespero quando entrou na oficina um homem coberto de ricas peles, que disse, à entrada:

— Viva lá, mestre. Tive ocasião de admirar ali uma das suas obras...

— Eu lho agradeço, senhor. Se quere ver mais coisas, aqui as tem. São Nicolau, Santa Helena...

O forasteiro atalhou, impaciente:

— O que me interessa são os brinquedos.

E pegando no cordeirinho, exclamou:

— Compró brinquedos. Quanto quere por cada cento destas figurinhas?... Posso fazer-lhe grande encomenda...

— Não! — interrompeu violentamente o moço imaginário. — Sinto muito, meu senhor, mas eu entalho santos e não brinquedos... A menos que o céu mo ordene, não!... Nem que de tal dependesse a minha ventura!...

Insensível ao frio, vagueou pelas ruas, até que, a uma esquina, topou com o velho abade da aldeia.

— Onde vais, filho, com aspecto de tão grande desvairado? — lhe perguntou o pastor de almas.

— Nem sei, padre... Estou tão cheio de angústia...

— Todos os tempos, meu filho. Agora mesmo desci da montanha e já topei com um quadro que parte a alma. Lisel, a pequenita, a filha do velho Leoljü, há já dias que tinha febre, mas agora está que queima. Diz o prático que, se não dormir esta noite,

não escapa da febre... Pobre velho... Ser o mais rico da comarca e não poder salvar a pequenita!... Ele mesmo me contou que a noite passada esteve na fazenda uma quadrilha de ciganos. Entrou em casa uma pequena com um menino ao colo e a doentinha viu um cordeiro que o ciganito levava na mão...

— Dei-lho eu, feito por minhas mãos...

— Tu, meu filho?... Então foi Deus que te pôs no meu caminho... Ouve: Lisel quis o brinquedo e os ciganos não o quiseram dar nem vender a Leoljü. De tanto chorar agravou-se o estado da doentinha... Bem sei que não és amigo do pobre pai, mas se tens outro cordeirinho procederás como cristão se...

— Para a filha de Leoljü? — Nunca! — exclamou o artista.

Seguiu o seu caminho mas, sem saber como, foi dar à sua oficina.

Ali estava o cordeirito. Dêle dependia, talvez, a vida duma criança inocente. E ele, cuja mão Deus guiava para reproduzir as imagens de Seus eleitos, não havia de aliviá-la?

Meteu o cordeirito e a isca nos bolsos do capotão, pegou na lanterna apagada e, sem hesitar, meteu a caminho da montanha perdida no negrume.

Voltava de casa do seu inimigo sem ter querido aceitar o oiro que este

— Estás cego?

E como abrisse os bracitos, viu Krilay que na neve estava a sombra de uma cruz.

Caíra de joelhos cobrindo os olhos deslumbrados.

— Vim a ti para te dizer que, talhando brinquedos, serves também a Deus, pois que, a Seus olhos, todo aquele que contribui para a felicidade das crianças pratica obra de misericórdia.

Quando Krilay abriu os olhos, o menino feito de sol desaparecera. Aturdido, seguiu seu caminho. A tempestade era cada vez maior.

Num barranco próximo divisou uns vultos. Chamaram-no umas vezes. E em breve reconheceu entre os cavaleiros ali refugiados o comprador de brinquedos. Andava perdido com outros, à mercê dos lobos, e foi Krilay quem os guiou de novo à aldeia perdida sob o manto da neve.

Quando se viu ao lume da hospedaria, o forasteiro deu uma bolsa ao guia improvisado.

— É demais, senhor — protestou Krilay. — Aqui estão mais do que 600 reais de prata!...

— Valem mais nossas vidas — disse o negociante. E, fixando bem o seu salvador, acrescentou, contente: — Mas agora vejo que é este o artista entalhador...

— O próprio, senhor... e se quereis ainda fazer-me a encomenda, estou pronto a executá-la...

Logo que foi dia, contou Krilay tudo a sua mãe, e depois de ver que a bolsa

continha mil reais de prata, correu à ermida a dar graças a Deus, e depois dirigiu-se ao moínho.

Mas já Sonja vinha ao seu encontro:

— Krilay! Como sou feliz! O pai consente em que nos casemos. Veio um moço da fazenda com carta de Leoljü, em que diz que, como te deve a vida da filha, nos manda o recibo da hipoteca como prenda do casamento!...

E linda foi aquela Noite de Natal no velho moínho. Ali se armou, sob um abeto florido de luzes, o presepe inteiro de Krilay. E em alegria todos comemoraram a vinda ao mundo do Filho de Deus.

(Adaptação duma tradição popular, por Amâncio Cabral).



lhe oferecia. A neve fustigava-lhe o rosto.

E, de súbito, à beira do atalho, surgiu-lhe, risonho, o menino da cabecita doirada, dizendo-lhe:

— Dá-me o meu cordeirinho!

— Tu aqui, a estas horas? — disse Krilay, assombrado. — O teu cordeirito, como o não vieste buscar, dei-o a Lisel para que dormisse esta noite sossegada. Mas eu faço-te outro...

— Não é preciso, porque o que deste ao ciganito, o do orfãozinho e o de Lisel, todos foram para mim...

— Não te compreendo!...

Com voz tão clara que dominou o mugido do vento, disse o bambino:

Formosura e Graça

(Excerpto do livro a publicar, *A Alma do Trinca Fortes*, obra póstuma sobre Camões, de Henrique Lopes de Mendonça)

INJUSTO será comigo quem me assacar empenhos de denegrir a fama do grande poeta, à conta de não confiar na persistência e sobretudo na pureza de suas paixões amorosas. Culpa dêle? Não! Se culpa existe, é ela do sangue, ? inerente à raça. Como genuíno português, Camões — êle próprio o confessa:

Em várias flamas variamente ardir.

A diferença entre êle e a imensa maioria dos seus patrícios é o apanágio do gênio, que lhe permitiu o desdobramento da sua personalidade e a conseqüente assimilação do sentimento alheio. Não se pode, pois, argüi-lo nem de falso, nem de insensível. Nunca talvez se houvesse operado no seu sentir aquela transformação a que argutamente alude numa volta sua, da qual cito os primeiros versos:

*Numa casada fui
[pôr
Os olhos, de si se-
[nhores,
Cuidel que fôsseis amores,
Elês fizeram-se amor.*

Por mais que barafustasse durante tôda a existência contra a fatalidade da sua compleição — e essa luta parece-me visível em tôda a sua obra — nunca lhe foi possível concretizar aqueles diluídos plurais num forte e dominador singular. E, no entanto, a sua sensibilidade exalta-se, por vezes, a ponto de igualar, senão de exceder, a dos dois grandes iniciadores da Itália medievá, como a sua ambição entrevia na sonhada Musa dotes que a avantajariam às famosas inspiradoras da Poesia Toscana, Beatriz e Laura (Ode VI da ed. de 1852). Nos seus amores houve arroubamentos que avizinham do Céu, penas que emparelhariam com as do Inferno, minutos em que coube a Eternidade. O amor religioso e entusiasta, «tal como desde Petrarca, a

moda literária se comprouve em representá-lo, ainda quando menos se sentia» (*Sismondi*), ninguém mais alto o imaginou, ninguém lhe soube dar mais nobre e sentida expressão do que o nosso poeta máximo.

Que importa, pois, que, perante o altar de uma deusa ignota, êle houvesse balanceado o turbulo, se, através dos séculos, ainda nos deliciam as emanações do incenso? Ao desventurado poeta, escudeiro obscuro e pobre, e ainda por cima deforme, negou-se, de certo, durante a vida, a individuação corpórea dessa divindade, por mais que seu desemparelhado olhar buscasse desencantá-la entre as damas da côrte, únicas que poderiam compreender-lhe os raptos platônicos. À míngua dêsse alimento espiritual, não admira que se exacerbassem os apetites sensuais, espontaneamente excitados pela vista de encantos mulheris, qualquer que fôsse o ambiente e o ensejo em que êles se deparassem.

Lembra-me, a êste propósito, uma sentença de S. Basílio, cujo teor é, pouco mais ou menos, o seguinte: «*O amor espiritual e o amor carnal moram paredes meias. Assim sucede vezes sem conto que uma pessoa entra em casa dum, quando julga entrar em casa do outro*». Não se me dava de apostar que o grande poeta foi sujeito, durante a vida, a frequentes equívocos. Como o amor espiritual se negava

a abrir-lhe a porta, não espanta que êle se acolhesse ao abrigo do vizinho, para não ficar exposto, em plena rua, às chuvas e soalleiras.

Que desaires teve que arrostar, nessa amorosa caça a que o impeliu o temperamento fogoso! Chamavam-lhe *diabo e cara sem olhos*; viravam-lhe desdenhosamente o rosto; e não faltava quem menos prezasse a sua grandeza mental para lhe preferir os detentores da fidalguia cortesã, quem o afrontasse com duras insolências (*V. Obras, l. II, ed. 1852, págs. 428, 431, 445, 465, 476 e Odes IV-V*). Verdade

seja que êle próprio era, também, réu de amorosos desforços, nas conjunturas, provávelmente raras, em que não era o desdenhado. Assim o confessa ingenuamente (a darmos crédito ao seu lirismo auto-biográfico) na Canção I, onde diz:

*De vontades alheias que eu roubava,
E que enganosamente recolhia
Em meu fingido peito, me mantinha,
O engano de maneira lhes fingia,
Que depois que a meu mando, as subjugava,
Com amor as malava, que eu não tinha.*

É é nestas alternativas de despeitos, de mágoas, de vinditas, de alegrias, que realmente decorreu a vida sentimental de Camões.

Não se imagine, porém, que o poeta prodigalizasse a esmo os amavios do seu estro e o cingidouro dos seus braços. A beleza das formas e a harmonia das feições influam-lhe certamente no ânimo o enlêvo estético, mas não eram suficientes para lhe cativar o coração, nem sequer, mesmo, para lhe estimular os desejos. Para o enfeitigar, necessitava a Formosura que a acompanhasse o misterioso dote que a espiritualiza,

*Aquele não sei quê,
Que inspira não sei como,
Que invisível saindo, a vista o vê,
Mas para o compreender não achá tomo.*

conforme êle próprio intenta definir na Ode VI. Aos olhos da sua imaginação não se deparava tal predicado, nem na austera eicirone que guiou Dante pelos círculos do Paraíso, nem na exemplar mãe de família que foi o perene enlêvo de Petrarca. Assim explicitamente o declara na seqüência dos versos acima:

*E que tôda a Toscana Poésia,
Que mais Febo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via.*

Esse inefável atributo é a Graça, que nem sempre anda forçosamente ligada à Beleza.

Tal independentemente a julgou o povo mais esteta da Humanidade, que no seu risinho antropomorfismo criou, para a personalizar, nada menos de três deidades, virgens coroadas de rosas, que, com suas dansas, alegam Afrodite. Porque pelos sentimentos inspirados se justificaria a distinção das alegorias. Estática por natureza, a Formosura suscita o êxtase; cinemática por essência, a Graça gera o arrebatamento. Bem apartadas andam muitas vezes as duas. Mostrengozinhos numerosos, por exemplo, chegados à puberdade, desenvolvem de improvisto en-



UM QUADRO DO GRANDE PINTOR JOSÉ MALHOA



ALMA MINHA GESTIL... (Quadro do prof. José de Brito)

*Tenha outro a Formosura.
Ninguém pode aqui pôr glosa
Que não fique com desgraça.
Pode haver Graça formosa,
Não Formosura sem Graça.*

Aqui têm os leitores, bem a propósito, um frisante exemplo de graça literária nesta ligeira peça poética, despretenciosamente escrita por Camões. Comparem-na com a perfeição escultural de certas passagens dos *Lusíadas*, e terão a nítida impressão do que, no domínio das letras, diferencia a graça da formosura.

Isto sem entrar na análise filosófica desta gentil bugiganga, onde *à priori* se depara uma flagrante contradição entre os dois últimos versos da primeira e o correspondente final da segunda estrofe.

Está aqui bem patente, em todo o caso, a regra que intuitivamente seguiu o poeta na sua vida sentimental. Já vimos como êle desdenhava Musa de amor

platónico, em que se não discernisse a a graça. A mesma preocupação de gosto se denuncia nas numerosas aventuras em

que predomina o terceiro dos inimigos da alma. Repara-se no uso, um tudo-nada imoderado, que o grande poeta faz do substantivo *graça* e do qualificativo *dêsse* derivado.

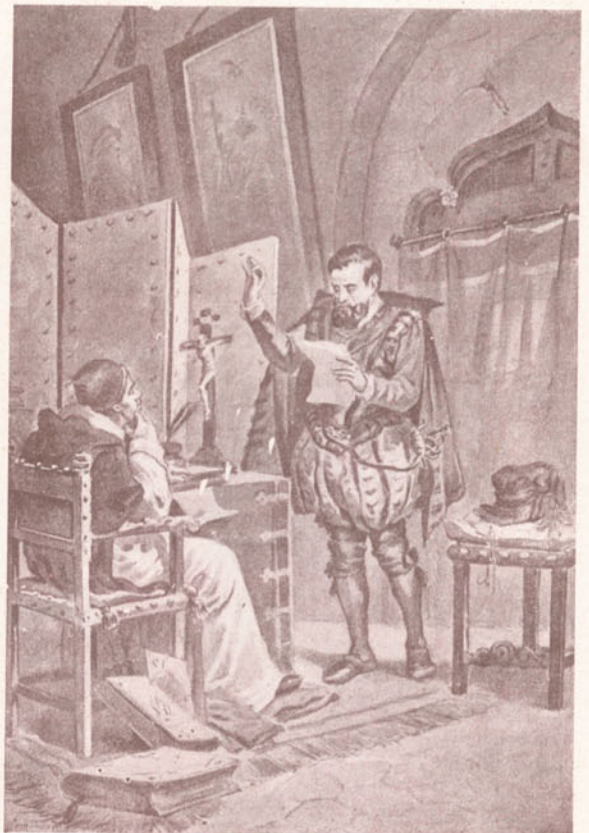
Eu não tenho extrema simpatia pela aplicação da estatística a casos de natureza literária. Mas socorre-me um exemplo autorizado. Posso um exemplar da *D. Branca*, de Garrett, que pertenceu a Camilo e em cuja guarda o grande romanista deixou a seguinte nota: «O autor emprega neste poema o epíteto *doce* vinte vezes!» E, com efeito, para demonstrar a sinceridade do anotador, acham-se no texto marcados, com cruces a lápis, todos os versos em que se encontra o corriqueiro adjetivo.

Ora eu, percorrendo muito perfuntoriamente os sonetos, canções e redondilhas, encontrei, só nessas obras, mais de trinta vezes a palavra *graça*. Não será, decerto, tão estranha repetição que manifeste pobreza vocabular. Mas é suficiente, a meu vêr, para corroborar a constante obsessão daquele predicado nas preferências estéticas do poeta.

Não andarão abaixo desta conta as mulheres cuja interferência na vida de Camões é denunciada, mais ou menos claramente, na sua divina Lírica. Isso nos dá a perceber que não foi muito difícil topar entre as suas contemporâneas quem correspondesse às aludidas exigências. E, sendo portuguesa a grande maioria, se não a totalidade, das damas contempladas com seus affectos, a constatação dêsse facto enche-nos de um certo orgulho patriótico.

São estas últimas, rudes campónias ou simples burguesas, quem povôa as páginas descerimoniosas das *Redondilhas*. A elas mimoseia o vate com duros remoque, descabeladas chufas, galanteios ambíguos, entremeando conceitos alambicados que já trescalam rescendências antecipadas de Gôngora, quadrinhos cheios de frescura idílica, esparsas tocadas de sentimento comunicativo que sem o mais leve anacronismo fulgurariam a primor numa futura antologia romântica.

Henrique Lopes de Mendonça.



CAMÕES LENDO «OS LUSÍADAS» AO CENSOR DO SANTO OFÍCIO (da ed. da Emp. da Hist. de Portugal)

cantos inexprimíveis, que enviscam os homens, mas que se esvaem rapidamente, até ainda na força da juventude. É o que os franceses chamam *la beauté du diable* — graça da adolescência, efêmera poeira dourada duma borboleta que não raro reverte à lagarta.

Camões deveria embevecer-se, como todos os grandes artistas, perante a beleza olímpica da *Vénus de Milo*. Talvez lhe faltasse a voz para as suas jaculatórias magníficas se lhe fosse dado entrar naquela majestosa galeria do Louvre, onde a mutilada sublime preside à assembleia das suas marmóreas irmãs. Mas acudir-lhe-ia aos olhos o riso, aos lábios o franzir dum beijo, às mãos a ânsia dum afago, se acaso se lhe deparasse uma curiosa figurinha de Tanagra, em tôda a graça da realista atitude.

Porque as suas predilecções neste capítulo claramente se acham expressas nas seguintes redondilhas, com que perfume esta árida página:

*Há uma questão de amor,
Na qual ninguém se assegura
Qual seja de mais valor:
Se a Graça, se a Formosura.
Julgo, a poder julgar nela,
Se a afeição não me embaraça,
Que muito mais vale a graça
Que a Formosura sem ela.*

*Se me dessem a escolher,
(Mas não tenho tal ventura)
A Graça quizerá ter,*

Inauguração dos Altos Estudos, na Academia



A douta Academia das Ciências de Lisboa quis demonstrar que não cultivava apenas a tradição, que também o progresso preocupa as individualidades, notáveis nas letras e nas ciências, que dela fazem parte. Assim, inaugurou, em 5 do corrente, e em sessão solene, o Instituto de Altos Estudos, que é como que um prolongamento dos estudos universitários, profundando-os e renovando-os, buscando, através das lições dos maiores valores intelectuais, as formas originais do pensamento contemporâneo. São cursos livres estes, que versarão tanto as ciências morais e políticas como as ciências de observação e de cálculo, e deles há a esperar um vigoroso impulso à vida mental portuguesa.

Foram oradores nessa solenidade, além do ilustre presidente da Academia, os srs. drs. Egas Moniz, sábio de reputação europeia, Mosés Amzalak, vice-reitor da Universidade Técnica, a quem se deve esta iniciativa, e Joaquim de Carvalho, catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e uma das mais completas inteligências de que se orgulha o nosso professorado superior e a quem coube o encargo de pronunciar nesta sessão memorável a oração inaugural, um magnífico elogio à Ciência.



EM CIMA: UM ASPECTO DA SELECITA ASSISTÊNCIA À SESSÃO INAUGURAL DO INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS, NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, VENDO-SE À DIREITA A MESA DA PRESIDÊNCIA, COM O SR. DR. EGAS MONIZ PROFERINDO O SEU BRILHANTE DISCURSO. EM BAIXO: O PRESIDENTE DA ACADEMIA, SR. DR. JÚLIO DANTAS, RODEADO DAS ALTAS INDIVIDUALIDADES, ENTRE ELAS OS SRS. MINISTROS DA INSTRUÇÃO E DOS ESTRANGEIROS, QUE ASSISTIRAM A ESSE ACTO SOLENE

O 6.º ANIVERSÁRIO DA "ILUSTRAÇÃO"

COM o presente número, a «Ilustração» completa o seu 6.º ano de existência. Graças à simpatia que o público desde a primeira hora nos dispensou e se tem acentuado cada vez mais, simpatia bem expressa no aumento crescente da sua tiragem, temos conseguido fazer da «Ilustração», sobretudo na fase em

que entrou recentemente, uma grande revista simultaneamente de carácter europeu, uma revista que, em suma, honra a cultura portuguesa. Um novo ano temos diante de nós e, no decurso dele, contamos e prometemos não apenas manter as condições de agrado obtidas no passado, mas ampliá-las mesmo, acrescê-las muito e sempre mais. Porque só assim entendemos corresponder à carinhosa aceitação dos nossos assinantes e mais leitores, aos quais, por ser esta a quadra de tais

cumprimentos, endereçamos as nossas sinceras Boas-Festas, extensivas a todos os que conosco cooperam e tanto contribuem para o êxito que tanto nos desvanece e orgulha.

Entre estes, e sem que a omissão dos nomes restantes implique menos apreço nosso, cumpre-nos salientar os que subscrevem, neste número, uma colaboração expressamente escrita para êle. Estão neste caso os srs.: dr. Eugénio de Castro, dr. Júlio Dantas, dr. Brito Camacho, dr. João de Barros, dr. Sousa Costa, Meneses Ferreira e João de Sousa Fonseca.



CARLOS REIS. — Uma saúde aos noivos

A BATALHA DO CABO DE MATAPAN



armada do Conde do Rio, mandada por D. João V em socorro de Venesa ameaçada pelos turcos, entrou no pôrto de Corfu, na

tarde de 10 de Junho de 1717, quarenta e três dias depois de ter saído a barra do Tejo. Era uma forte esquadra de sete naus, dois brulotes, uma calandra ou charrua armada em hospital e uma tartana ponteaguda, de forte esporão e velame latino, cujo perfil adunco recordava o de certos chebecks. A mais bela das naus, *Nossa Senhora da Conceição*, servia de capitânia: a pôpa erguia-se, trabalhada de opulenta talha doirada, e no traquete flutuava a bandeira redonda, sinal de que vinha a bordo o almirante da armada de Portugal, Lopo Furtado de Mendonça, conde do Rio Grande, comendador-mór de Loulé, capitão das guardas reais, espécie de varão de Plutarco, com a elegância orgulhosa de Alcibíades e a cabeleira frisada de Saint Simon. A mais possante e a melhor artilhada, *Nossa Senhora do Pilar*, era a nau almirante: fôra construída na Baía com liame e tavoado de fortes madeiras do Brasil, troavam no seu bôjo oitenta canhões de bronze, e o mastro de mezena ostentava a insígnia do capitão-mór, D. Manuel Carlos de Távora, conde de S. Vicente, segundo comandante da armada, bravo e galante homem cujos tacões pisavam, com a mesma distinção, a tolda dos navios e os tapetes do paço. A missão de fiscal fôra confiada à nau *Senhora da Assunção*, que se distinguia pela sua bandeira farpada; serviam de naus-guardas, a *Senhora das Necessidades*, comandada pelo avô de Bocage, a *Rainha dos Anjos*, nau do infante D. Francisco, a *S. Lourenço* e a *Santa Rosa*.

Quando a armada portuguesa, disparando a sua artilharia, entrou no

pôrto da bela ilha venesiana coroada de muralhas e de ciprestes, já se encontravam fundeadas nas águas de Corfu as galés pontificias de Giacomo Ferreti, com as chaves de S. Pedro no velame triangular, doirado de sol; as do grão-duque da Toscana; cinco galés de Malta, comandadas por Monsieur de Tré-noux, com as velas xadrezadas de branco e azul, como um enxequetado heráldico, a que se juntara a nau *Fortuna Guerreira*; as vinte e duas galés e galeças da armada subtil de Venesa, floridas do estandarte do Leão, sob o comando de Andréa Pizani, aventureiro do mar, cuja fisionomia glabra e irónica lembrava a do Inquisidor vermelho do tecto de Veroneso. No meio de tôda aquela galetagem miuda, que coalhava, erigida de remos e armada de tendalotes de púrpura, a baía coruscante de sol, as opulentas, as formidáveis naus de D. João V davam a impressão de sete leões caminhando entre um cortejo de tartarugas. As fortalezas salvaram; trou a peça de prôa na arrombada de tôdas as galés, irmãs daquelas que Tintoretto pintou; fizeram-se descargas de mosquetaria; tôda a marinagem, tôda a soldadesca, malteses, venesianos, romanos, florentinos, empoleirados nos mastros, nas enxárcias, nos tendais, nos fanários, nas perteguetas, saüdou, num brado, num clamor de admiração, o nome de Portugal. Calcamares, borrelhos cinzentos, gaivotões bravos, revoaram, gritando, sobre a baía em festa. De pé, no castelo de prôa da nau capitânia, apoiado ao bastão, magnifico no seu redingote de terciopelo rôxo, o tricórnio de baixo do braço, os anéis da cabeleira ao vento, o conde do Rio Grande sorria, perguntando, desvanecido, ao frade capelão-mór:

— Quem nomeará Sua Santidade para almirante geral da armada católica?

E o frade, o hábito branco ondulado à aragem, a cruz de trinó

aberta no peito, respondia curvado, na mesma vénia lisonjeira com que teria assistido à passagem do rei entre os Gobelinos do paço:

— Quem há de ser, senão Vossa Excelência ilustríssima?

* * *

Esperou-se seis dias, no pôrto de Corfu, que chegassem as naus de Malta. Só entraram no dia 17, pela manhã. Eram duas—*Santa Catarina*, com o sinal de almirante no traquete, e *S. Raimundo*—cascos velhos franceses, mal artelhados, seguidos de uma balandra pojada de munições. Comandava-os o bailio De Bellefontaine, tenente-general da armada do rei de França, comandante da praça de Toulon, homem baixo, irritante, autoritário, nervoso, com a fita azul do Espírito Santo sobre o brocado de oiro da véstia e uns ares de herói de Corneille, que contrastavam com a feminilidade das suas mãos, cheias de anéis de mulher. Logo começou a dizer-se que o Papa Clemente XI entregara a De Bellefontaine o comando em chefe da esquadra aliada que devia cooperar no Mediterrâneo com a grossa armada de Venesa. Convidado para o primeiro conselho de guerra, a bordo da única nau venesiana em Corfu—*Fortuna Guerreira*—o almirante português, justamente susceptibilizado, escusou-se a comparecer, e mandou, pelo capitão de mar e guerra Bartolomeu Freire, o seu parecer escrito. No dia seguinte, De Bellefontaine anunciou a sua visita à nau capitânia de Portugal. O conde do Rio Grande vestiu-se de gala, pôs a sua melhor cabeleira de França, mandou cobrir a tolda de tapeçarias, servir conservas de rosas, e, quando o bailio de Malta chegou, recebeu-o com o seu melhor sorriso e com uma salva atroadora de quinhentos canhões—tôda a artilharia portuguesa. O ar estremeceu; as gaivotas, que andavam ao peixe, levantaram-se espantadas; uma fumarada

espessa envolveu as naus; e De Bellefontaine, avançando, de chapéu na mão, para o conde almirante, perguntou-lhe, num desdenhoso gesto:

— *C'est donc toute l'artillerie de votre roi, Excellence?*

— Não a trouxemos tôda, porque contávamos com a de vossa Ilustríssima! — respondeu, com pronta ironia, o conde do Rio Grande, apontando a meia dúzia de peças de ferro das naus velhas de Malta.

Sem perda de um momento, De Bellefontaine tirou da algibeira da casaca de seda um rôlo de papel e, affectando uma gentileza de maneiras digna do Mascarillo de Molière, entregou-o ao almirante português.

Era a cópia de um breve de Clemente XI, concedendo ao baillio de Malta o comando supremo da armada auxiliar, e fulminando a excomunhão da Santa Sé apostólica sôbre quem quere que fôsse, almirante ou príncipe, que lhe negasse a obediência devida. O conde do Rio Grande empalideceu, dobrou o papel num gesto de aparente calma, guardou-o, e depois de estranhar, com a polidez de um diplomata, que Sua Santidade agradecesse naquêle tom comi-

natório o socorro que suplicara ao rei de Portugal, declarou que acatava, como bom católico, as determinações do Pontífice, mas que em caso algum mandaria arrear a insígnia de almirante que tremulava no mastro de proa da sua nau.

— *Comme il vous plaira!* — respondeu De Bellefontaine, sêcamente, cortejando e retirando-se.

Pouco tempo depois, sob o comando, mais nominal do que efectivo, do almirante francês, a armada inteira — sete naus portuguesas, uma da Senhoria de Venesa, duas de Malta, as charruas, e vinte e oito galés e galeaças maltesas, venesianas, pontificias e florentinas — levantava ferro e saía do pôrto de Corfu, com rumo sul, em

demanda da grossa esquadra venesiana que operava no arquipélago.

Quando a armada zarpuu, no seu camarim doirado da nau *Conceição* o conde do Rio Grande conservava ainda, amarrado nas mãos, o breve insolente do Papa.

* * *

No dia 25 de Junho, De Bellefontaine, tocando no porto de Zante, soube que a armada grossa de Venesa combatera já com os turcos, mas que o recontro não fôra decisivo, porque o vento tinha separado as esquadras. Com effeito, navegando para sudoeste, ao longo das costas da Moréa, encontraram na enseada de

proa, sôbre o sinal do almirante, uma bandeira negra. O general da armada, o bravo Luigi Flangini, herdeiro da glória dos Foscari, dos Morosini, dos Zeno, dos heróis e dos mártires do esplendor naval da Venesa Sereníssima, morrera no combate, cantando o *Miserere*. Substituíra-o o negro Marco António Diedo. Tôdas as naus e galés auxiliares salvaram, saudando a armada venesiana. Reunido o conselho de guerra na nau *Madona del Arsenale*, decidiu-se que as duas esquadras, a de Marco António e a de Bellefontaine, fôsem, juntas, ao encontro das forças navais turcas fundeadas em Nápoles de Malvasia, e lhes

dessem batalha. Depois da armada gloriosa de Lepanto, que o cardeal Granvila e D. Garcia de Toledo organizaram e que o pincel de Ticiano immortalizou, nenhuma outra tão poderosa se erguera ainda contra o poder turco, de novo senhor do império do mar.

Levantadas as amarras, a grande esquadra católica deixou a enseada de Sapiencia, e, navegando para oeste, entrou no golfo de Coronte, onde a sombra rôxa dos loureiros parecia coroada pela crista

de neve do Taygeto. Na manhã de 5 de Julho, uma corveta maltesa, mandada em exploração, avistou, no cabo Matapan, rompendo a bruma azulada e longínqua, cosidas com a terra para virem ganhar-nos o barlavento, as primeiras naus de Constantinopla e as primeiras galeras da Alexandria e de Tunis. Em vez de ir ao encontro do inimigo, Marco António Diedo, espécie de Hércules negro, obstinado e taciturno, pouco disposto agora a bater-se, fêz-se, com as naus venesianas, na volta do mar, de gáveas ferradas; De Bellefontaine, que gritava, de óculo em punho — *ooh, les pleutres, les cochons de Venise!* — seguiu-o, entretanto, dando livre passagem à ar-



— C'EST DONC TOUTE L'ARTILLERIE DE VOTRE ROI, EXCELLENCE?

Sapiencia a armada venesiana, meio destroçada, vinte e cinco naus grossas, tartanas e urcas, sem mastarêus umas, outras sem vergas, tôdas com as escotas quebradas e o costado esburacado de balas, — e, no meio delas, a nau capitânia *Madona del Arsenale*, galeão antigo, de pôpa em painel de talha doirada, obra de arte digna da Venesa de Tintoretto, de Tiepolo e de Veroneso, rôta de enxárcias, com o gurupês estafado, o velame em farrapos, mas florida das flâmulas heráldicas da nobreza venesiana do século XVIII — a faixa de prata dos Morosini, o ramo de rosas dos Mocenigo, a escada de oiro dos Lorédan — no meio das quais fluava, no mastarêu do joanete de



mada turca ; só os portugueses, obrigados a uma obediência afrontosa pela cominação do Papa, mordiam as mãos, de raiva e de vergonha. As duas armadas inimigas cruzaram-se, sem combater. Enquanto, ganho o barlavento, as vinte e duas naus otomanas e as trinta gadirghas bizantinas de olhos enormes aprovavam ao pôrto de Coronte, para fazer água e lenha, a nossa grande armada, depois de andar alguns dias aos bordos e à capa, entre o cabo de Matapan e os rochedos côr de rosa da ilha de Cythera, veio, no dia 15 de Julho, dar fundo na enseada de Passavia, a noroeste do cabo de Santo Ângelo. A península escalvada e rochosa de Maina, prolongada pelo promontório hirsuto de Matapan, separava agora as duas armadas, cujo choque estava iminente. Num novo conselho de almirantes, realizado a bordo da capitânia de Malta, quando o conde do Rio Grande exigia, para salvaguarda da sua honra de por-

TÔDA A ARTELIARIA DA NAU RIBOMBOU...

tuguês e de marinheiro, que a armada católica, embora a desfavor do vento, tomasse a ofensiva contra os turcos, De Bellefontaine chamou-o à puridade, a um canto da câmara, e disse-lhe, enfiado, gaguejando :

— Mais, regardez, ces cochons de vénitiens vont se mettre en fuite !

— Nêsse caso — objectou o conde — irei eu atacar os turcos, sòzinho, com as naus portuguesas !

— Oh, ça, monseigneur, je vous le defends !

O conde do Rio Grande teve vontade de atirar o breve do Papa, que ainda lhe pojava na algibeira do redingote, à face do bailio de Malta. Mas, empenhado em evitar um conflito na presença do inimigo, dominou-se, sorriu, cortejou, afastou a tapeçaria de Arrás que velava a porta, e retirou-se com os seus ofi-

ciais, num escaler à vela, para bordo da capitânia de Portugal.

* * *

Para vergonha dos almirantes cristãos, foram as naus turcas que tomaram a ofensiva, surgindo em frente de nós, na manhã luminosa de 18 de Julho, com os seus cinquentas e oito navios empavezados e embandeirados de sandjaks verdes. Logo a nossa armada grossa, tomada de surpresa, formou em ordem de batalha à bôca da enseada de Passavia, entre o Cabo de Santo Ângelo e o Cabo Grosso : as naus venesianas, com a *Madona del Arsenale*, ocupavam a direita da linha ; as naus de Malta — *Santa Catarina* e *S. Raimundo* — o centro ; as naus portuguesas, com a venesiana *Fortuna Guerreira*, que nunca nos abandonara desde Corfu, a esquerda ; as galês, para não serem quemadas pelos brulotes inimigos, tomaram posição, de remos na água, entre a armada grossa e a terra.

A aragem era pouca; entretanto, a esquadra otomana tinha o barlavento. Vendo que as galés de Argel e de Tunis, para atacarem as nossas, procuravam insinuar-se entre a direita da nossa linha e os rochedos do Cabo Grosso, a capitânia de Venesa, a pretexto de lhes cortar o caminho, voltou sobre a terra; tôdas as naus venezianas arribaram com ela, fugindo cobardemente; e, quando as sultanas de Constantinopla romperam fogo, só encontraram pela frente a armada portuguesa e as duas naus de Malta, que responderam aos terríveis canhões pedreiros dos turcos com o estrondo de tôda a sua artilharia. Uma fumarada fuliginosa envol-

veu as armadas. As águas de Lacônia, chofradas de centenas de balas, espirravam, espadanavam; abatiam, com fragor, gáveas, velames, mastros estalados; na nau *Pilar*, a mais batida dos turcos, trabalhavam já gramotas e bombas; entre aquelas duas tempestades de fogo, o próprio oceano parecia levantar-se, crescer, inchar em vagas, referver em cachões. No meio do combate, as duas naus de Malta, cascos velhos, arribaram, destroçadas, a reboque das galés de Andréa Pizani. As sete naus portuguesas ficaram sòzinhas e imponentes na linha de batalha, afrontando o embate da formidável força naval otomana, em cujos flancos troava uma das melhores artilharias do mundo. Ciumento da glória que esperava a armada de D. João V, De Bellefontaine mandou, debaixo de fogo, a bordo da nau *Conceição*, o comandante das galés maltesas, Mr. Trénoux,

com ordem expressa para as naus de Portugal não darem mais um tiro e se fazerem na volta da terra. O conde do Rio Grande, já ferido, olhou o oficial francês, mediu-o de

cavalheiresco, a nau portuguesa ameaçada, mandou preparar para uma descarga cerrada tôda a artilharia de estibordo. Trénoux, de braços cruzados, com uma frieza glacial, lembrou-lhe que estava infringindo, contra as leis da guerra, as ordens do seu almirante. De joelhos aos pés do conde do Rio, o frade capelão-mór, lavado em lágrimas, suplicava-lhe que não chamasse sobre a sua cabeça as iras da Santa Sé apostólica.

— Vossa Excelência esquece — acrescentou Trénoux — que um breve do Papa o fulmina de excomunhão!

Então, de súbito, viu-se o almirante português amarfanhar nas

mãos um papel, metê-lo na bôca duma das peças de bronze da nau, mandar levantar no mastro do traquete o sinal de fogo, e, voltando-se para Trénoux, exclamar, grandioso, orgulhoso, ensangüentado, magnífico:

— Vá dizer ao bailio De Bellefontaine que mandei o breve do Papa aos turcos, pela bôca dos meus canhões!

Como uma trovoadade, tôda a artilharia da nau ribombou. Redobrou o fragor do combate. Uma hora depois, calava-se a artilharia turca; as sultanas de Constantinopla, destroçadas, fazendo a prôa à ilha de Cythera, alargaram-se ao mar; a fumarada dissipou-se; como um disco de cobre, o sol, através da neblina,

baixava no horizonte.

Os portugueses tinham vencido, sòzinhas, a batalha do Cabo de Matapan.

Júlio Dantas.

(Do livro em preparação, *As grandes batalhas*).



— FIQUE, PARA VER COMO EU CUMPRO AS ORDENS DO ALMIRANTE DO PAPA!

alto a baixo, numa expressão de olímpico desdém, e disse-lhe, enxugando o sangue que lhe brotava da fronte:

— Fique, para ver como eu cumpro as ordens do almirante do Papa!

Dez sultanas de Constantinopla batiam agora a nau *Pilar*, já raze de mastros, navegando para ela, na intenção de a abordarem. O conde do Rio Grande, que lhe estava pela pôpa, deu sinal de manobra; mas, em vez de arribar, como ordenara De Bellefontaine, avançou com a sua nau, meteu à orça entre a *Pilar* e os turcos, e, protegendo tado da canum gesto



Vida Elegante

Festas de Caridade

No ROYAL CINE

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa sociedade elegante, realiza-se na tarde de 19 do corrente, no Royal Cine, à Graça, gentilmente cedido pela empresa, uma interessante «Matinée cinematográfica», seguida de «chá dançante», no salão anexo, cujo produto se destina a favor da benemérita instituição «Lar Universitário Feminino».

Do programa do cinema fazem parte alguns filmes de êxito garantido, e o «chá dançante» será abrilhantado por uma exímia orquestra «jazz-band», que se fará ouvir em um magnífico repertório de músicas modernas.

Os pedidos de bilhetes para esta festa de caridade devem ser feitos pelo telefone Norte 1290.

CEIA DO FIM DO ANO

No vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes realiza-se na noite de 31 de Dezembro para 1 de Janeiro, pela primeira vez entre nós, a «ceia das Belas Artes e da Imprensa», cujo produto se destina a favor da Sociedade de Belas Artes e da Caixa de Previdência dos Profissionais de Imprensa, estando a comissão organizadora, da qual fazem parte distintos artistas e jornalistas, preparando para essa noite uma interessante série de atractivos, que decerto irão marcar pela originalidade e aos quais estará reservado um grandioso êxito.

Casamentos

Em Sintra realizou-se, sendo celebrante o prior reverendo Amaro Teixeira de Azevedo, na paróquia de S. Martinho, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Helena de Lima Mayer, gentil filha da sr.^a D. Octávia Fuschini de Lima Mayer e do sr. Frederico de Lima Mayer, com o sr. Francisco Corrêa Henriques (Seisal), filho dos srs. condes de Seisal.

Foram madrinhas as sr.^{as} Condessa do Cartaxo e D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, respectivamente tia e irmã da noiva, e padrinhos os srs. Pedro Manrício Corrêa Henriques (Seisal) e Rodrigo de Castro Pereira, respectivamente irmão e primo do noivo.

Terminado o acto religioso, foi servido, na

elegante residência da quinta da tia da noiva, sr.^a Condessa do Cartaxo, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para Mangualde, para casa dos tios maternos do noivo, srs. Condes de Mangualde, onde foram passar



CASAMENTO DA SR.^a D. HELENA DE LIMA MAYER E DO SR. FRANCISCO MAURÍCIO CORRÊA HENRIQUES (SEISAL), OS NOIVOS, COM AS GENTIS CAUDATÁRIAS, NA QUINTA DA SR.^a CONDESSA DO CARTAXO, EM SINTRA, DEPOIS DA CERIMÓNIA RELIGIOSA, REALIZADA NA PARÓQUIA DE S. MARTINHO

a lua de mel. Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Com grande brilhantismo, realizou-se, na

Tobin Paiva de Andrade, com o distinto médico dermatologista sr. dr. João Alberto de Moraes Cardoso, filho da sr.^a D. Maria Adelaide de Moraes Cardoso e do sr. Manuel Pedro Cardoso, já falecido, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a cunhada do noivo, sr.^a D. Maria José de Carvalho e Melo de Moraes Cardoso, e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo, o distinto advogado sr. dr. Manuel Pedro de Moraes Cardoso. O acto foi celebrado pelo prior de Santa Maria de Belém, amigo íntimo da família do noivo, Monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Finda a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais na noiva, à rua Castilho, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para Madri, onde foram passar a lua de mel.

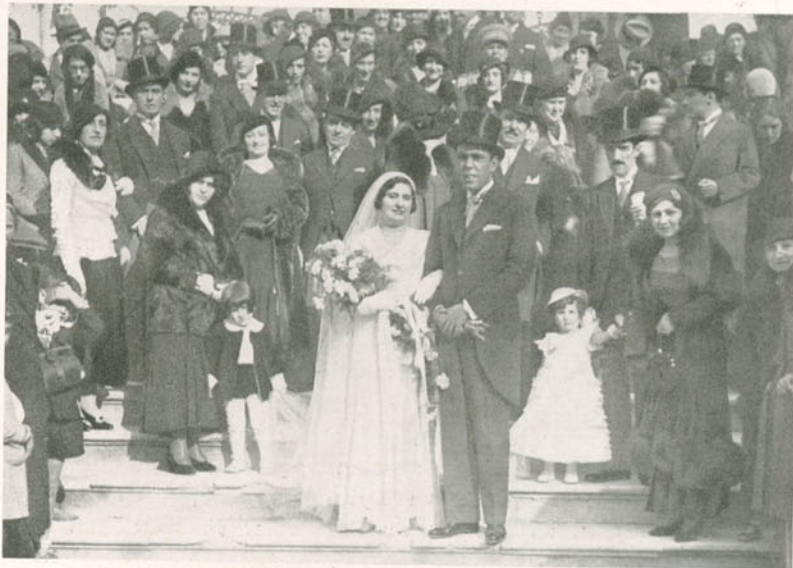
Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Pelo sr. dr. Joaquim Pereira, foi pedida em casamento para seu sobrinho, sr. dr. Henrique Pereira, filho da sr.^a D. Deolinda de Barros Pereira e do sr. Sebastião Pereira, a sr.^a D. Maria Augusta Vieira da Rocha e Sá, interessante filha da sr.^a D. Maria dos Prazeres Vieira da Rocha e Sá e do sr. Augusto de Abreu Rocha e Sá.

A cerimónia realizou-se a por todo o próximo ano.

— Realizou-se na paróquia das Mercês com muita intimidade, devido ao luto recente de uma pessoa de família, o casamento da sr.^a D. Maria da Soledade Sequeira Sinel Cordes com o sr. João José Frederico Bartolomeu Júnior, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria da Soledade Manzoni Macieira e D. Helena Maria Lopes Novo Bartolomeu, e de padrinhos os srs. dr. Luís Pais de Sande e Castro Sequeira e João José Frederico Bartolomeu. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Finda a cerimónia religiosa foi servido, na residência da família da noiva, um finíssimo lanche.

Aos noivos foram oferecidas inúmeras prendas.



A SR.^a D. MARIA MATILDE BURNAY PAIVA DE ANDRADE E O SR. DR. JOÃO ALBERTO DE MORAIS CARDOSO E OS SEUS CONVIDADOS, À SAÍDA DA IGREJA DE S. MAMEDE, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO

paróquia de S. Mamede, o casamento da sr.^a D. Maria Matilde Burnay Paiva de Andrade, interessante filha da sr.^a D. Sara Burnay Paiva de Andrade e do sr. Miguel

Consoada na Flandres



Eu, e os meus companheiros, entrámos nas trincheiras de *Hyde Park* por uma frigidíssima madrugada de Dezembro, em profundo silêncio, como quem entra numa câmara ardente.

A neve caíra durante dias consecutivos de modo que, parapeitos, sacos de terra, esqueletos de casas dismanteladas e as cruzes dos cemitérios de campanha, cobriam-se de largas manchas brancas, verdadeira «patine» de desolação naquele revolvido campo de batalha.

Como grande borrões de tinta, as crateras abertas no terreno pela explosão das granadas, manchavam de negro o largo lençol de neve que cobria o espaço entre as trincheiras. Aqui as sentinelas embrulhadas nos seus pelicos alentejanos, ou em lençóis impermeáveis, vigiavam as encruzilhadas, afrontando a rudeza daquele inverno flandrino e a pouco e pouco, em postos e plataformas, uma por uma, foram rendidas pelos soldados da minha bataria.

Estava, pois, escrito que iríamos passar o Natal perto do inimigo, talvez numa consoada maçabra em honra do Nazareno, o divino Prêgador da solidariedade humana, e, ajouçados ao péso de tremendas responsabilidades, mais uma vez deixamos dilacerados nos espinhos do arame farpado, os requintes da nossa sensibilidade. Éramos todos assim no tempo da guerra. Creio bem que outros serão sempre assim mesmo em tempo de paz.

*
* *

A sede do meu comando era uma espécie de caverna aproveitada nas ruínas de uma casa que ficava à beira da estrada

de Picantín, e como naquele amontoado de destroços ela surgia numa composição bizarra, os ingleses puseram-lhe, à entrada, uma grande taboleta de hospedaria com esta inscrição: «*The Jock Lodge*».

Os soldados, êsses estavam distribuídos por uns buracos infectos talhados aqui e acolá na espessura dos parapeitos e enchouraçados nas mantas e nas linhagens dos sacos de terra, ali se defendiam do frio que, para êles era um inimigo muito mais terrível do que o alemão.

Como êsses milhares de *lanzudos* se encontraram em França, de armas na mão guarnecendo um sector de responsabilidade, nem eu sei, nem mesmo vale a pena esmiuçar.

Quantas coisas miseráveis se teem dito à sombra de uma insuportável literatura de guerra, só pela vaidade de agitar personalidades que, naquele inferno da Flandres, nada eram ao pé do incomensurável sofrimento dos pobres cavadores arrancados à simplicidade do seu torrão natal!

Só os que ali sofreram a neurastenia das trincheiras: a *neura* dos portugueses ou o *caffard* dos franceses, souberam avaliar como essa doença, tendo produzido fundos estragos em espíritos fortes, pôde envenenar a alma do pobre soldadinho que, desligado dos seis milhões de egoístas, seus compatriotas, se deixou esmorecer, perdida a esperança de um repouso prometido, ou no almejado regresso ao lar distante.

No entanto, nas *patrulhas* ou nos *raids*, quando se apanhava para lá do arame farpado, batia-se contra tudo e contra todos, numa fúria de toiro à sôlta, na ânsia de terminar, por qualquer for-



ma heroica, o seu doloroso martírio de esquecido...

*
* *

Hoje, no conchêgo desta doce consoada familiar, é difícil esquecer aquela noite de Natal da Grande Guerra, passada ao relento, a dôze graus abaixo de zero, agachado atrás dos parapeitos, com a alma saudável de Portugal, e, embora me cerquem os rostos felizes dêstes que me têm sido constantes nas horas amargas da minha vida, não é sem um grande calafrio que relembro aquelas horas trágicas em que desapareceram muitos dos meus melhores amigos.

Nesse ano, em 1917, incessantes tempestades de neve tinham envolvido tôdas aquelas planuras da ribeira de *La Lys* de modo que campos, vilas e cidades, quási tudo reduzido a montões de teijolos, achava-se coberto por espessas crostas de algodão em rama, numa curiosa cenografia de calendário.

Lembro-me até de que havia luar e que a paisagem era envolvida por um céu azul-verde-negro, com uma lua de oiro velho, muito redonda, recortando-se por detraz de uma floresta a que chamavam o *Bois de Biez*.

Três invernos tinham decorrido naquele mortífero sector de *Neuve Chapelle* sem que ninguém tivesse dado pelo dia de Natal, tão feroz era a sanha com que todos se atiravam para a luta, desprezando as festas tradicionais, as únicas que, embora por momentos, poderiam suspender aquele delírio de destruição.

Porém naquele ano fôra outra coisa. Mais pela imaginação dos combatentes

do que pela pausa atribuída ao cansaço, ou talvez porque umas névoas de desânimo andavam a pairar na consciência dos que tinham desencadeado a luta, o certo é que uma espécie de armistício reinava de cá e de lá do arame farpado e todos respiravam umas lufadas de ar puro em que viveram as ilusões dos que ali estavam acorrentados ao *duro ofício* de matar.

Havia mais de duas semanas que se não disparava um tiro, nem o brilho fulgurante dos *very-lights* riscava o negro das noites sem fim.

Dir-se-ia que, os homens em guerra, tinham cessado o fogo na véspera do Natal, em louvor do Menino Jesus, talvez na risonha esperança de que Ele pusesse, à meia noite, nos butes enlameados dos soldados, a suspirada *etrennes* da paz universal.

Assim, a despeito da rigorosa invernia, do mau passadio e (o que era pior) das irreprimíveis saúdes da nossa terra, todos se dispunham a consoar naquela tranqüilidade combinada, cada um procurando na sua imaginação ou na sua saúde, aquilo que lhe faltava na dura realidade de um buraco cavado a dois metros de fundo e de súcia com enormes ratazanas.

Como se estava *em paz*, tinham-se todos esquecido dos instrumentos de matar. Assim, as espingardas jaziam no fundo das trincheiras e as metralhadoras quedavam-se abandonadas sem o conchêgo dos braços dos serventes, apontadas para um alvo de circunstância, apenas por descargo de consciência.

As sentinelas, afrouxando a vigilância, fumavam o seu cigarro sentadas nas banquetas e à noite, de um e de outro lado, as patrulhas que andavam a varejar a *terra de ninguém*, faziam-no, sem as antigas precauções, travando-se até, entre portugueses e alemães, diálogos amistosos de escuta para escuta, naquela linguagem do *«pas compris»*, espécie de algaraviada com que se entendiam, amigos e inimigos, nesses negregados tempos da Grande Guerra.

Enfim, tomados de confiança e accites filosoficamente as circunstâncias em que nos encontrávamos naquela véspera de Natal, dispuz-me a consoar com os soldados, os únicos com quem poderia dar largas aos meus sentimentos afectivos, revendo neles a companhia da família

distante, evocando uns com os outros consoadas felizes, fartas rabanadas, magustos regados com o vinho forte de Portugal, na reconstituição mimosá dos presépios ingênuos e das missas do Galo da nossa mocidade.

Assim mandei chamar o cabo Padrão, o Arvéola, que era o meu impedido, e o *Sovelas*, sapateiro de escada em Bragança, para ali se combinar uma ceia para a meia-noite. Não haveria Perú recheado, nem carne de porco assada, nem as deliciosas guloseimas da doçaria nacional, mas com um bocado de ilusão, amanhado o *corned beef* de uma *nova maneira*, e salteado com margarina o *coelho congelado* da ração, rápido improvisaríamos, para todos, uma ceia de campanha em louvor do Menino Jesus.

E assim foi. Próximo da meia-noite vinham chegando ao *«Jock Lodge»* todos os soldados da minha secção e alguns deles trouxeram-me presentes consideráveis. Sentados no chão, à porta do meu abrigo, cada qual rilhando em silêncio a ceia que se pôde arranjar, formavam um espectáculo que jámais esquecerei. Estava-se distribuindo, à falta de vinho, uma ração dobrada de rum para as *«saúdes»*, quando o telefone começou a chamar aflitivamente no seu som abafado e irritante. Era muito simplesmente o comandante da Divisão que determinava um bombardeamento geral das linhas inimigas, justamente para a meia-noite e cinco minutos.

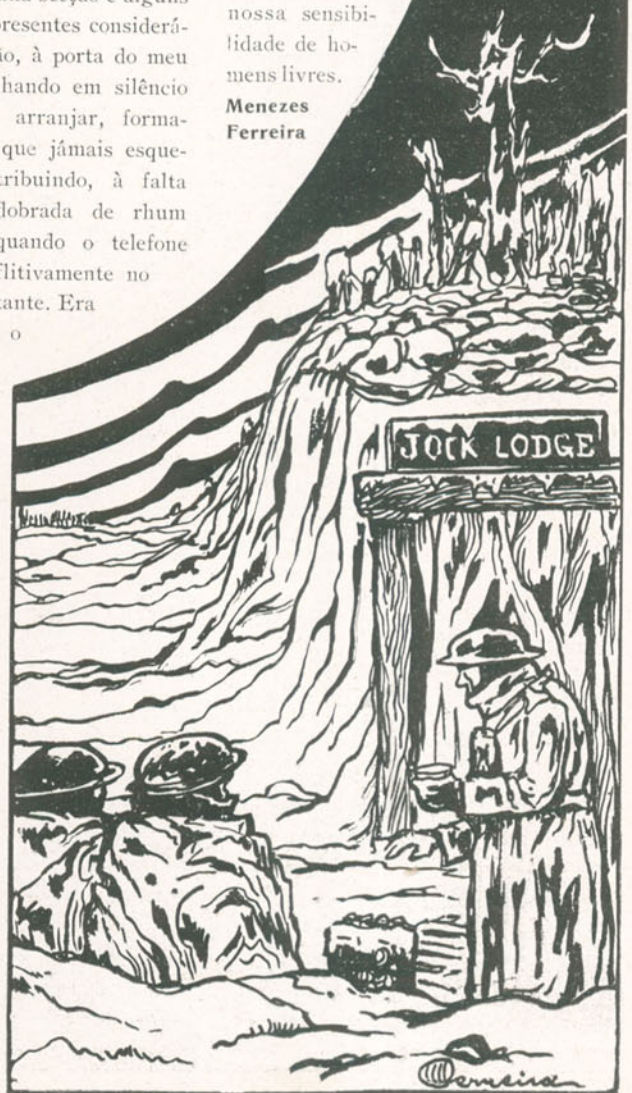
.....

E assim, aquele sector de Neuve Chapelle, que vivera por algum tempo horas calmas na evocação sagrada de tudo quanto há de mais generoso e afectivo nas nossas festas tradicionais, era agitado alguns minutos depois pelo maior bombardeamento que aí se desen-

cadeou sobre os alemães, justamente no momento em que eles se entregavam, como nós, às ilusões de uma felicidade impossível para os homens, que só encontram na guerra o melhor processo de liquidar as suas diferenças.

Estava, pois, escrito que passaríamos o Natal numa consoada macabra, em honra do Nazareno, o doce rabi da Galiléa, o divino prêgador da solidariedade humana, deixando dilacerados pelos espinhos do arame farpado, os requintes superiores da nossa sensibilidade de homens livres.

Menezes
Ferreira



FIGURAS E FACTOS

Dr. Júlio Prestes

ACOMPANHADO de sua ilustre família, encontra-se no Estoril o sr. dr. Júlio Prestes, prestigiosa figura da política brasileira. Presidente eleito da grande república irmã, não chegou, porém, a assumir essas elevadas funções em virtude do movimento revolucionário. Apesar de desapaosado da suprema magistratura do seu país, não se lhe ouve uma única palavra de despeito. Dotado duma singular inteireza moral, duma nobre isenção, dum espírito educado nos mais puros princípios democráticos, — confia no futuro próspero da sua Pátria, e outros não são os votos íntimos do seu vibrátil coração de brasileiro.



O DR. JÚLIO PRESTES E SUA ILUSTRE FAMÍLIA



NA ARTÍSTICA RESIDÊNCIA DO SR. DR. ALDEÍDO DA CUNHA: GRUPO TIRADO APÓS UM JANTAR ÍNTIMO OFERECIDO PELO ILUSTRE ESCRITOR, AGORA ELEITO SÓCIO EFECTIVO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, AO PRESIDENTE DA MESMA, SR. DR. JÚLIO DANTAS, E AOS SEUS CONFRADES SRs. DR. EUGÊNIO DE CASTRO E JOAQUIM LEITÃO



ASPECTO DA ASSISTÊNCIA A UM CONCORRIDO E ELEGANTE BAILE 'HÁ-DIAS' REALIZADO NAS SALAS DO CLUB BRASILEIRO

Concurso fotográfico de flagrantes para amadores

Como já noticiámos, a Ilustração iniciará no próximo número de 1 de Janeiro de 1932, um concurso fotográfico de instantâneos de movimento, publicando tôdas as fotografias que lhe sejam enviadas e que representem flagrantes. Indispensável é que essas fotografias nunca tenham sido publicadas e não sejam de tamanho inferior a 6x9 nem superior a 18x24. As fotografias que satisfaçam as condições do concurso serão reproduzidas com o seu número de ordem.

Haverá 16 prémios

Um para a fotografia que represente mais originalidade, oferecido gentilmente pela afamada Casa Kodak, para o nosso certame.

Esse prémio consiste num aparelho Cine Kodak, do valor de 1.750\$00.

Dois prémios para as duas fotografias imediatamente classificadas também pela sua originalidade.

Outro, de mil escudos, para a fotografia cujo número seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com o primeiro prémio da próxima lotaria de Santo António.

Mais dois prémios para as duas aproximações a esse número.

Ainda mais 10 prémios que, no próximo número, serão discriminados na lista definitiva.

A Ilustração recebe desde já fotografias para o Concurso, cuja publicação será iniciada na data acima referida. Indispensável é que cada prova traga nome e residência do concorrente.

REVISTA DAS ESTREIAS

O filme mais célebre que a quinzena que agora termina nos ofereceu foi, sem dúvida, *O Presídio* que em inglês se chamou *The Big House*. A volta desta obra toda a crítica estrangeira levantou um coro unânime de elogios. Várias razões prejudicaram, porém, a sua exibição entre nós.

Em primeiro lugar a sua apresentação não se fez com oportunidade. *The Big House* marcou um momento importante na história do cinema sonoro. Provou de maneira efectiva e inofensiva que era possível, utilizando os infinitos recursos do som, criar obras de arte originais, que libertassem o fonocinema das operetas e diálogos teatrais em que parecia destinado a limitar a sua acção. Sob este aspecto, *The Big House* foi uma revelação. O diálogo nem por um momento é perturbado pelo convencionalismo próprio do palco. Não modifica a sucessão dinâmica das cenas; faz parte delas e é animado por um ritmo idêntico, vigoroso e profundamente humano. Mas o valor dessa revelação foi prejudicado pela sua apresentação tardia e sobretudo pela anarquia cronológica que, em geral, preside à apresentação dos programas.

Por outro lado, a necessidade bem compreensível de tornar

este filme acessível ao maior número possível de espectadores levou a preferir, para exibição em Portugal, a versão francesa. Embora não conheçamos a versão original interpretada por Wallace Beery, tudo nos leva a concluir que a que nos foi apresentada é sensivelmente inferior. Isto mesmo afirmou um crítico francês estabelecendo confronto entre as duas, e é sabido a parcialidade que todo o francês põe nas questões que brigam com a sua vaidade patriótica.

O Presídio não conheceu por todas estas razões grande popularidade. O seu argumento de moldes rígidos, a sua acção violenta e brutal não eram de molde a conquistar-lhe o favor do grande público. Ficará, no entanto, com uma obra notável já porque iniciou um género e abriu notáveis perspectivas artísticas ao fonocinema, já pelo seu valor como documentário dum presídio americano. E se à crítica compete apontar defeitos, só lhe encontramos este — o de ter sido orientado num sentido exclusivamente cinematográfico, sem procurar extrair do assunto um conceito social elevado. Mas talvez aqui o defeito não caiba ao filme e sim à rigidez da legislação e da moral americanas.

Os amadores de grandes documentários fo-

ram desta vez contemplados com uma produção notável: *Africa speaks*. Depois dos numerosos documentários de valor já exibidos em Portugal, em que os mistérios da imensa selva africana são revelados à nossa curiosidade sob os seus mais admiráveis aspectos, este filme apresentava-se com a prometedora particularidade de nos revelar a «voz de África», os ruídos da floresta, uma das mais curiosas manifestações da vida pujante da selva.

Justamente neste ponto, *A voz de África* não correspondeu inteiramente às nossas expectativas, por motivos que devem ser atendidos. Fácil-mente se calcula o que sido esse

Cinema

cem ser destacadas as cenas dos antílopes saltadores, e todas as da caçada ao leão que atingem, por vezes uma intensidade dramática superior à de quasi todos os documentários que conhecemos.

O Central apresentou-nos o grande actor Conrad Veidt em *A última companhia*, um filme nos moldes clássicos da escola alemã. É mais um trabalho admirável deste grande actor e uma obra em que volta a afirmar-se a arte poderosa de Joe May, o realizador de *Asfalto*. Concebido sobre um argumento sóbrio mas de grande poder dramático, este filme pode ser considerado como a melhor produção sonora apresentada até agora.

Marie Glory, de quem já fomos estandando um pouco esquecidos, reapareceu no Condes em *O senhor director*. A sua actuação é perfeita, e o mesmo se pode dizer dos interpretes que a cercam. Mas de todo o filme, rendilhado dum graça bem francesa, uma coisa apenas fica de pé — a figura amoral da dactilógrafa que pretende triunfar e que não hesita em sacrificar as suas afeições ao futuro cômodo que ambiciona. Esta psicologia, que está bem no espírito da época, é definida numa frase: «Não quero ser esposa dum simples empregado...». E a ambição insofrida que manifesta tem no deslecho uma solução ambígua em que o amor e o interesse se confundem. Como retrato duma psicologia, hoje muito colectiva, é exacto. Como acceitação tácita e indefinida dum estado de espírito, é imoral. E outro defeito não tem o excelente filme

— cinematograficamente — que é *O senhor director*. Filmes cómicos, tivemos — *Casa de duendes*, uma farsa de Stan Laurel e Oliver Hardy. O nível dos filmes cómicos desceu sensivelmente depois da aparição do fonocinema, talvez porque a atepção dos *gagmen* se tem concentrado especialmente nos diálogos. Laurel e Hardy, contudo, num género que lhes é muito característico, vão produzindo filmes que não são piores que os outros e conseguem

fazer rir, sem esforço, o que, nestes tempos de graves preocupações, é bastante meritório.

Buster Keaton em «O Fabricante de Estrélas» confirma isto. O seu filme, em que se acumularam pormenores de interesse para todos os amadores de cinema, é, sem dúvida, um filme curioso. Mas está longe, muito longe mesmo, das antigas produções do famoso Pamplinas, em que a fantasia e a originalidade constituíam qualidades essenciais.

Donde se deve concluir que o bom humor está em crise.

E nunca o mundo dêle teve tanta necessidade...

Manuel L. Rodrigues.



JUDITH WOOD, UMA BELA PROMESSA DA «PARAMOUNT»

passio de dezenas de milhar de quilómetros, através de regiões desconhecidas que defendem, avaramente, os seus mistérios, transportando todos esses delicados aparelhos indispensáveis à tomada de sons. E o trabalho exaustivo que terá representado a sua utilização em plena natureza virgem, longe de todos os recursos da técnica.

Não é pois de estranhar que em muitas cenas o som esteja deficientemente registado ou falte em absoluto. Em todo o caso não deixaram de ser registados os rugidos das feras em liberdade e isso basta para dar ao documentário um inestimável valor.

Na parte propriamente cinográfica mere-



NANCY CARROLL, UMA BELEZA CERCADA DE CONFORTOS — (Foto Paramount, exclusiva para «Ilustração»)

NOTA DA QUINZENA

Filmes Portugueses

FALAR da necessidade de organizar uma produção cinematográfica nacional é já repisar uma ideia velha, mas não é, contudo, inútil.

Não têm faltado ideias, iniciativas, sugestões, alvites e conselhos. Uns são puramente utópicos, outros não têm em conta certas particularidades relativas ao mercado que nos fica aberto. Todas têm, estamos certos, o mérito das boas intenções.

Uma das últimas sugestões apresentadas, para nos servirmos dum exemplo, propunha a realização dum grande documentário, em que o Estado teria a sua cooperação, e que seria destinado a revelar no estrangeiro a beleza das nossas paisagens, a grandiosidade dos nossos monumentos, tudo, enfim, o que existe digno de ser admirado em Portugal.

Sendo generosa a ideia, e merecedora por isso da nossa simpatia, ela revela afinal um cândido desconhecimento de tudo o que se refere ao comércio de filmes. Uma produção do género da que é proposta falharia em absoluto o seu objectivo. Ficaria circunscrita a alguns cinemas do país. O estrangeiro ignorá-la-ia sempre, porque o seu valor como espectáculo seria sempre nulo, quaisquer que fossem as condições artísticas de que se rodeasse a sua realização. Convém não esquecer que o público que frequenta cinemas não suporta essas sucessões monótonas de aspectos panorâmicos e monumentais, qualquer que seja a sua beleza ou o seu valor histórico. Ficariamos possuindo apenas mais um desses inexpressivos documentários nacionais que servem de complemento de programa, e nem mesmo a introdução das melhores canções regionais com todo o seu pitoresco, o salvaria da indiferença do público.

Quanto a nós, parece-nos que a solução do problema deveria ser procurada na organização sistemática duma indústria, protegida,

evidentemente, pelo Estado. Mas é indispensável, por muito que isso pese a todos os teóricos da produção nacional, considerar em primeiro lugar o problema sob o ponto de vista industrial. Em todo o mundo a arte cinematográfica se encontra hoje industrializada. Pretender competir com ela no campo artístico, esquecendo as questões vitais que formam a sua verdadeira base, é pueril. Mas no dia em que uma organização prática, devidamente apetrechada, puder competir em qualidade e custo de produção com o que se faz lá fora, o problema estará resolvido, até mesmo sob o seu aspecto artístico, pelas compensações que poderá oferecer aos que a ela dedicarem a sua actividade. A própria protecção do Estado ficará, então, reduzida ao mínimo (protecção aduaneira, isenção de impostos, etc.) e a economia nacional seria beneficiada por cessar a saída de importantes quantias de ouro e até pela entrada de metal que o mercado do Brasil não deixaria de proporcionar.

Afigura-se-nos que a ideia nada tem de utópica; e estará realizada no dia em que a nossa produção assentar sobre sólidas bases industriais com as quais, só então, os artistas poderão, com proveito, ser chamados a colaborar.

Para uma actriz de cinema, uma coisa existe mais perigosa do que o esquecimento ou a indiferença do público — uma publicidade mal orientada.

Nem sempre é fácil prever as consequências de determinados expedientes de que lançam mão os agentes de publicidade. Os mais experimentados enganam-se e atingem resultados opostos aos que pretendiam obter.

Foi o que aconteceu, recentemente, com a linda Constance Bennett. Os agentes encarregados de agitarem ao vento da publicidade o seu nome famoso, lembraram-se de maravilhar o público do mundo inteiro com as magnificências da bela actriz, com as cifras fantásticas do seu principesco salário. E a Imprensa de todo o mundo espalhou fotografias das suas esplêndidas *toilettes*, da sua suntuosa residência, de todas as prodigalidades magníficas da sua vida de artista célebre.

Ora existem hoje, na América, cerca de três milhões de «sem trabalho», três milhões de indivíduos que lutam com a miséria e cujo esforço não pode ser aproveitado. Vai já longe o tempo em que a evocação de suntuosidades inacessíveis era agradável, necessária mesmo ao fundo de romantismo da multidão. A crise económica, com os seus aspectos cruéis modificou muito a questão. E essa publicidade inoportuna, que servia para acentuar desigualdades injustas, provocou um sério movimento de antipatia.

Os filmes de Constance Bennett estão hoje ameaçados duma autêntica *boycottage*, e o correio dos seus admiradores leva-lhe agora numerosas cartas dos que se revoltam contra a monstruosa desigualdade que os priva do necessário para a cumular de supérfluo.

ROBERTA GALE, DA R. K. O. UMA ARTISTA DE OLHAR SUAVE E SONHADOR



MORAL MODERNA

AMOR DE
ESTRÊLAS

NENHUM assunto tem sido tão explorado pelos jornalistas cinematográficos da América e do resto do mundo como o que se refere à vida sentimental dos *astros* mais famosos da tela.

A mais ligeira desavença conjugal, uma intimidade que alguns julgam excessiva, ou uma assiduidade maior junto de outra pessoa, têm para as revistas americanas e até para os grandes diários, categoria de notícia importante. E à volta desses problemas sentimentais de reduzido interesse, gira a curiosidade dos milhões de leitores das revistas e jornais norte-americanos. O que não deixa de constituir um dos aspectos curiosos e desconcertantes dessa extraordinária civilização yankee.

Para nós, europeus, toda essa publicidade dos sentimentos e afeições oferece um ponto de interesse digno de registo. É que na vida dos grandes *astros* da tela, nas suas paixões, casamentos e divórcios, reflecte-se a psicologia do povo americano. E a vida dos artistas célebres, enormemente ampliada pela publicidade, constitui, assim, uma curiosa revelação dum importante aspecto da mentalidade desse povo.

Abstraindo de alguns aspectos secundários da questão de que a imprensa se faz eco e que só manifestam a curiosidade medíocre do leitor americano, dois pontos se apresentam ao observador menos perspicaz — a frequência dos divórcios e a naturalidade com que todos recomeçam

a experiência, uma vez verificado o erro. Já dissemos que a vida dos actores de cinema não reveste um aspecto único na América. É antes o reflexo e a consequência do ambiente que os cerca. Poderíamos encontrar uma psicologia semelhante no mais obscuro empregado perdido nas profundidades dum imenso arranha-céu de Nova York. E daí o termos de concluir que nos encontramos em presença duma moral nova, que sem ter encontrado a sua directriz está já longe, porém, dos critérios rigoristas de aquém Atlântico.

Para a mulher americana o amor não tem a importância primacial e absoluta que tem entre nós, os latinos especialmente. Os seus desportos, os seus divertimentos, ocupam a melhor parte do seu tempo. Um dia resolve casar-se e liga o seu destino ao do rapaz que lhe agrada. É possível que não reflita muito. Na realidade, não está em presença de nenhum acto irremediável. Depois, o seu temperamento nórdico dá ao seu amor um aspecto calmo, sosegado. Começam por ser bons amigos. No dia em que sentem a falta um do outro casam-se, muito simplesmente.

Nem sempre a experiência é bem sucedida. Alguns meses bastam, às vezes, para nota-

razão de ser a publicidade comercial. Recordá-nos ter lido há bastante tempo já, o depoimento curioso de Clive Brook sobre este importante problema. O conhecido actor via no estado actual da questão na América uma evolução imperfeita para uma fórmula diferente do amor, mais moderna e mais humana. Na sua opinião essa aparente instabilidade do casamento constituía até um motivo de felicidade, por isso que representava a garantia duma afeição sempre que o casamento durasse. E alguma diferença existe, de facto, entre sabermos que uma pessoa se encontra ligada à nossa vida por sua espontânea vontade, e supô-la presa pelos seus sentimentos religiosos, por disposições da lei ou conveniências sociais.

Disto tudo resta concluir que os americanos, e em especial os actores de cinema, são felizes no casamento, ou, pelo menos, vivem na consoladora certeza de serem amados. E não nos custa acreditar que, embora a regra não seja geral, é pelos menos isto o que sucede com muitos deles, embora à custa de várias tentativas infrutíferas. A acreditar os jornalistas americanos Ben Lyon e Bebe Daniels continuam a viver em constante idílio, aumentado agora com as alegrias dum nascimento. Harold Lloyd, proclama a sua felicidade de marido e de pai com uma vaidade ingénua e desculpável. William Powell, assegura ter encontrado a felicidade no amor de Carole Lombard. E, em conjunto, o tempo parece correr propício ao amor lá para as paragens luminosas de Hollywood.

Nem mesmo o divórcio vem ensombrar esse quadro. Depois duma separação amigável, sem protestos nem recriminações, a boa harmonia volta a reinar. Não é raro encontrar dois ex-consortes passando como os melhores amigos deste

mundo. Poucas semanas depois do seu divórcio, John Gilbert apresentava-se em toda a parte na companhia de Ina Claire, sua ex-mulher. Alguém falou numa reconciliação. Não se tratava disso. Reconheciam a impossibilidade de viver em comum, mas não renunciavam à sua boa amizade. E era tudo.

Uma nova moral se prepara, pois, mais conforme às exigências da vida moderna. E no dia em que ela se definir e impuzer, estamos certos que se terá simplificado a vida e contribuído para a felicidade colectiva.



DOROTHY JORDAN PREPARA COM AMORÁVEIS CUIDADOS A ÁRVORE DE NATAL ONDE ALGUNS AFORTUNADOS GAROTOS TERÃO A SUA HORA DE FELICIDADE

rem que se enganaram, que os seus caminhos na vida só durante um curto instante foram paralelos. Nada mais fácil, nesse caso. Divorciem-se. E ambos partem, de novo, à quimérica conquista da felicidade.

Será isto um obstáculo à felicidade? Não constituirá a possibilidade constante de recomeçar motivo de maior infelicidade para todos?

Parece que não, e para o provar lá estão todos os lares sosegados e felizes — que os há entre os grandes *astros* do cinema, mesmo excluindo aqueles que terão por principal

É preciso fazer desporto



As gerações actuais crescem e desenvolvem-se na paixão de uma vida exterior intensa e movimentada, sedenta de sol e de ar livre, numa concepção da existência diferindo totalmente da que receberam em herança. As crianças actuais, apenas atingido o desembaraço na marcha, entregam-se a jogos variados que são a miniatura copiada dos divertimentos dos homens. Determinam-se, assim, as

preferências que serão, no futuro, tomadas como as características da nossa época; os nomes que hoje mais andam na boca do povo, aqueles cuja popularidade percorre o mundo, são de criaturas notabilizadas na massa enorme dos apóstolos do músculo e do movimento, aviadores ou atletas, pugilistas ou nadadores, jogadores de *tennis* ou ases do pedal.

Os homens das cidades, nos dias de liberdade, acorrem aos campos a presenciar a palpação vigorosa da mocidade nas lutas de um encontro de *football*.

A paixão pelo movimento é tão grande que o valor individual parece actualmente aquilatar-se pela automobilidade, as coisas e os seres aumentando de interesse na directa proporção das suas facilidades de deslocamento.

As manifestações intelectuais do homem acusam a mesma tendência, quer seja na moderna forma do romance, literatura de acção e aventura, quer seja nos domínios vários da arte, onde se procura insuflar às figuras uma misteriosa vibração de instabilidade.

A humanidade atingiu uma época de desporto. O gosto pelo movimento e pelo jogo enraizou-se por tal forma nos costumes do século que pode ser considerado uma das suas características dominantes.

Não precisaríamos olhar muito para trás, menos de meio século bastaria, para encontrar um tempo em que esta palavra não tinha no nosso país significação concreta, nem nas nações da vanguarda, como a Inglaterra, equivalência possível com o actual estado de coisas.

Nesses tempos o músculo era, para a imensa maioria dos homens, um instrumento de trabalho. O exercício físico,

ignorado ainda pela pedagogia, patenteava-se ao maior número de indivíduos como uma aborrecida imposição militar ou, raras vezes, como uma obrigação higiénica; havia, é certo, um esol que espontaneamente o praticava já com a alegria sã dos fortes no dispêndio da energia própria, ainda que fosse na actividade artificial do gymnásio.

Mas o desporto não é essa gymnástica, nem é esse trabalho; é o jogo, o divertimento, a vida tonificante ao sol e ao ar. Fazer desporto, que na definição do barão Pierre de Coubertin é o culto voluntário e regular do exercício muscular intensivo, firmado num desejo de progresso que pode ir até ao sacrifício, deve ser em nosso critério—posta de parte a ideia especial de competição—uma simples distracção pela qual o indivíduo procura prolongar até o mais tarde possível a sua mocidade. Para isso aproxima-se da natureza, praticando exercícios naturais, estabelecendo um mais íntimo e prolongado contacto com os elementos naturais.

Os nossos avós julgavam-se superiores a estas brincadeiras.

O músculo estava fora de moda. O herói do romance não era o atleta, e muito menos era desportista a heroína.

A saúde, a robustez, não eram factores de interesse; atribuíam-se uma certa poesia à languidez, à fragilidade, à clorose das raparigas criadas à sombra, plantas de estufa relegadas agora para o canto dos objectos desusos.

Duas gerações basta para criar um ambiente fazendo surgir um entumecido que, pela sua precia e constante ausência não pode atrair o snobismo ou imitativo. A quando não se passa a fenómeno causas

ra m novo, sistên- mento, buir a espírito moda, é um capri- geiro, é um no social de profundas.

O conhecimento das variadas modalidades desportivas é muito anterior ao início da era actual de prática generalizada; tempos pas-

saram sem que a humanidade sentisse o im entregar- vimento, gos um mo pêndio de cul ar e para bene beijo quen perioso apetite de se ao culto do mo- buscando nos jo- tivo para dis- energia mus- uma ocasião ficiar do te do sol e



da carícia tonificante do ar livre.

Deve procurar-se, portanto, pretendendo investigar das causas do presente movimento desportivo, uma qualquer razão psicológica que coordene o seu incremento com a situação da sociedade humana deste século.

Não é lógico atribuí-lo à influência dos propagandistas cientistas, pois neste campo é ele ainda rijamente combatido e as próprias leis da higiene actual,

essencialmente baseada na vida da natureza, são mais consequência da prática desportiva que suas origens.

Teremos que reconhecer expontaneidade instintiva nesta nova feição da existência social. A evolução para o regime do músculo fez-se obrigatoriamente, fatalmente, e foi a expressão de uma necessidade orgânica. A humanidade foi levada para lá pela mudança lenta, mas constante e determinada, do *modus vivendi* das sociedades civilizadas.

Civilização e desporto caminham de mãos dadas, o segundo surgindo mais imperioso quando mais elevado for o grau de cultura da primeira.

O homem civilizado sente, sem que lhe compreenda a origem, um impulso orgânico para a actividade física, que na geração presente mais uma vez se manifesta numa necessidade de desporto.

A história elucida-nos, com exemplos famosos, sobre as condições de aparecimento desta necessidade desportiva. É fácil convencermos-nos que os desportos são automaticamente inventados pelas raças ameaçadas de declínio, para suprir a actividade natural que a civilização fez desaparecer, tornando a existência demasiado comodista.

Os gregos, que sempre são citados como os mestres da educação física e dos jogos ao ar livre, nunca pensaram em tal nos primitivos tempos das suas lutas heróicas, tendo enveredado por esse caminho quando o cidadão descarregou sobre os ombros dos escravos os pesados trabalhos das oficinas e mesteres; em Roma, igualmente, os exercícios atléticos foram um correctivo à excessiva opulência do império.

A inactividade dos cidadãos, pondo assim em perigo a saúde da raça, a nação refugiava-se instintivamente no jogo,

como correctivo do desequilíbrio físico causado pela falta de trabalho.

A saúde do ser vivo, diz o dr. Béliard, é o preço de uma luta na qual o músculo intervém, e o músculo atrofia-se quando não trabalha. A lei do trabalho é, talvez, dura, mas é uma lei natural a que não podemos eximir-nos sem dano.

Quando o homem era obrigado a recorrer à caça para se alimentar, quando a rivalidade e a batalha eram seu pão quotidiano, quando necessitava dos braços para matar o inimigo e satisfazer às necessidades immediatas da sua existência, e das pernas para perseguir ou para fugir, era são e forte. Mas quando a civilização amorteceu as rivalidades, facilitou a satisfação das necessidades orgânicas, criou instrumentos que diminuíram o esforço ou construiu máquinas que o dispensaram por completo, a falta de trabalho utilitário tornou obrigatória, para compensar, uma luta artificial contra o envelhecimento prematuro e a atrofia pela inação.

A verdadeira causa da necessidade desportiva, que modificou os nossos costumes nestes últimos vinte e cinco anos e ficou definida



nas linhas acima, é que a humanidade se definiu num excesso de comodidade. O homem actual super-alimenta-se em relação aos seus antepassados e despande no trabalho quotidiano muito menor soma de energias; uma coisa agravando a outra.

A civilização de que tanto nos ufamos traz-nos consigo, em contra-partida, uma baixa progressiva do coeficiente físico. Começamos prezando o valor do nosso índice muscular porque lhe antevemos o desfecho final da prostração causada pela atrofia causada pelos seus músculos, o homem forjou músculos de aço, escravizados ao seu querer, obedecendo-lhe cega-

mente e fornecendo-lhe, com um mínimo de esforço, tudo quanto êle necessita.

O cérebro, pôsto ao serviço do organismo humano, inventou os meios de lhe aumentar o poder produtivo poupando-lhe o dispêndio de energia física; contente do seu bem-estar, o indivíduo tende despreocupadamente para um desequilíbrio orgânico, e este enfraquecimento do corpo acarretará fisiologicamente um adormecimento das faculdades intelectuais.

E, pouco a pouco, o homem caminharia para o seu aniquilamento.

A natureza não consente, porém, que se perca a sua obra, corrigindo-a automaticamente, e o gosto pelos desportos e pela vida ao ar livre aparece nesta época de declínio como uma reacção necessária, como uma vontade orgânica de rejuvenescimento das raças.

O progresso não parará, e quanto mais avançar mais diminuirá o esforço utilitário do homem, transformado pela força das circunstâncias em vítima do seu próprio génio inventivo.

O instinto o salvará, estimulando-lhe no espírito cada vez mais a paixão pelo esforço com



culo xx, mais nacional que os setes avoengos, tem diante de si larga existência se souber defender-se da intoxicação desmoralizante da época da invasão do mercantilismo e da política.

Dentro do campo desportivo só pode existir um ideal: a cultura do corpo como meio de aperfeiçoamento moral. Isto abstractamente, sem intenção determinada; o culto de cada um para aumento do valor colectivo.

Queremos o exercício físico apenas como um estimulante revivificador do sangue anemiado do velho mundo, os jogos desportivos como agentes da função social que a história da humanidade lhes confere em exemplos inofismáveis.

As competições internacionais serão o balanço periódico do nosso activo em força vital, colocando frente a frente as energias simbólicas dos melhores atletas seleccionados em todos os continentes. A ideia espalhar-se-á sem limites, até ao dia em que a terra inteiramente conquistada seja demasiado pequena para as energias humanas, e novos fcairos partam a conquista do céu.

Salazar Carreira.





O regresso, a Lisboa, do heróico aviador Costa Veiga, cujo aparelho, quando demandava Nova-York, caiu no alto-mar, seu paradeiro, com o dos seus dois companheiros da travessia transoceânica, durante largos dias se ignorou, chegando a recitar-se pelas suas vidas. NO PRIMEIRO PLANO: O JOVEM AVIADOR CONTANDO, NUMA RODA ÍNTIMA, OS MAIS DRAMÁTICOS EPISÓDIOS DA SUA ODISSÉIA



ASPECTO DA ASSISTÊNCIA AO BANQUETE OFERECIDO AO SR. RAÚL MONTEIRO GUIMARÃES, INDIVIDUALIDADE QUE DISFRUTA UMA POSIÇÃO DOMINANTE NO MEIO INDUSTRIAL BRASILEIRO E QUE DURANTE MUITOS ANOS FOI TAMBÉM, EM PORTUGAL, UM INTELIGENTE ANIMADOR DE INICIATIVAS ÚTEIS E PATRIÓTICAS. EM BAIXO: A RECEPÇÃO, NA AGARÉ DO ROSSIO, AOS ESTUDANTES DE MEDICINA MADRILENOS QUE VIERAM AGORA RETRIBUIR A VISITA QUE POR OS NOSSOS ACADÊMICOS, HÁ DOIS ANOS, LHEIS FOI FEITA

PROMULGADA a Constituição, a República Espanhola elegeu o seu primeiro Presidente: D. Niceto Alcalá Zamora, figura de um grande prestígio mental, orador de talento, carácter ímpoluto, espírito nitidamente liberal, que ao ardor combativo soube sempre aliar a nobre virtude da tolerância, motivo por que até os seus adversários lhe pronunciam com respeito o nome. Deve ter cessado, assim, o período de transição de regime, como em tóda a parte e em todo o sempre perturbado pela resistência dos vencidos e pelos excessos dos vitoriosos. Sob o mando sábio e prudente de Alcalá Zamora, a Espanha inicia neste momento a consolidação da democrática forma de governo que ambicionou e conseguiu conquistar com gallardia. Que a ordem e o trabalho, factores únicos da prosperidade das nações, entreteçam o seu futuro, éste é o voto fraterno de todos os portugueses!



Vida Feminina



ESTAMOS na época do ano mais grata ao coração da mulher. O Natal é a ocasião de animar e

presentear os que nos são queridos, especialmente as crianças, que põem na família o raio de sol da

esperança e a continuidade. Poucas são as famílias que não têm a felicidade de possuir uma criança, que rejuvenesce e alegra os espíritos. E quando assim sucede, há ainda os filhos dos amigos a quem queremos, e que com a sua ingénua amizade tanto se insinuam na nossa alma.

Tôdas nós pensamos no brinquedo que elles preferirão e nesta época não há mulher que não pare encantada, diante das montanhas dos brinquedos.

E como nos sentimos alegres com a sua barulhenta surpresa diante da Arvore de Natal, ou do sapatinho que trasbordada de brinquedos e bombons. Como ecoam no nosso coração êsses risos e essas exclamações alvoroçadas dos pequeninos, que festejam o Natal com a sua esfusiante alegria! Mas é preciso que não esqueçamos que há crianças que não têm essa felicidade e que há famílias que nem sequer têm pão

para lhes dar, quanto mais brinquedos... Há criancinhas que nascem nos hospitais e não têm um trapinho para as cobrir e para as livrar do frio gélido de Dezembro. São êsses que entram no mundo pela porta da desgraça, que eu lembro às leitoras bondosas, para que repartam com as infelizes a alegria que destinam às crianças que lhe são queridas. Um enxovalzinho é bem fácil de organizar com retalhos em casa,



restos de que se fazem os trabalhos, e os brinquedos que as crianças já não gostam de outros para

«HÉRET» EM VELUDO PRETO (Criação de Louise Bourbon)

a maior alegria aos que, habituados a nada possuírem, se deslumbram com êsses brinquedos. E, para as crianças, nada melhor do que o hábito de repartir o que possuem com aqueles que nada têm.

Para ter um Natal feliz nada há de melhor do que dar um pouco de alegria aos outros, sobretudo aquelles que tão poucas alegrias têm na vida e é tão triste pensar que há crianças que sofrem! O sofrimento nos grande é impressionante, mas nas crianças é revoltante. A criança só se compreende feliz, alegre, cheia de risos e vida. Contribuir para que as crianças não sofram frio e tenham um pouco de alegria nesta época é ter um Natal feliz e alegre com o direito de o estar.

Maria de Eça.

A moda

PARA a mulher é sempre um sonho a sua toilette de noiva. E nesse dia, ella quer estar mais bela do que nunca.

A moda actual presta-se muito a dar a toilette nupcial tôda a sua elegância e todo o seu ar modesto e de alta elegância. As saias e as mangas compridas ligam muito bem com a magestosa cauda. Damos hoje três modelos encantadores. Num desses modelos nota-se a inovação (que para as raparigas pequeninas e delgadas é muito favorável) da saia apenas até ao chão e a cauda formada pelo longo véu de tule, que forma uma leve nuvem atrás da noiva; para as mulheres altas ou de estatura magestosa é sempre mais elegante a cauda acompanhada pelo véu. Em vez da corôa de flor de lorangeira estão-se usando os toucados em pérolas, à moda russa. Um ramo de lírios ou rosas brancas deve sempre acompanhar a branca toilette rivalizando em frescura com a noiva.

Educação

As grandes escolas elementares americanas instituídas há cinco anos pela Fundação Rockefeller são baseadas no princípio da co-educação. O lugar que nos «Colleges» é occupado pelos desportos, é nelas tomado pela hygiene e pela gymnástica. Em tôdas as escolas há um grande quadro com o seguinte decálogo: «1.º Trato de estar sempre numa atmosfera pura, seja onde estudo, seja onde brinco, seja onde durmo. 2.º Estar ao ar livre o mais tempo possível. 3.º Dormir com a janela aberta. 4.º Respirar pelo nariz e não pela boca. 5.º Tomar banho. 6.º Não sujar o fato. 7.º Estar sempre direito na aula, estudando ou





INTERESSANTE
CONCURSO DE PIJAMAS REALIZADO
NO RIO DE JANEIRO

escrevendo. 8.º Lavar sempre as mãos antes de comer. 9.º Não cuspir nunca no chão. 10.º Lavar os dentes de manhã e à noite.

Como seria bom que nas nossas escolas se usasse este decálogo!

A mulher na Arte

É UMA verdadeira manifestação da vida artística feminina, a exposição de pintura de Maria Eduarda Lapa. Todos os seus quadros demonstram a sua arte profunda. Os seus encantadores desenhos, de uma delicadeza enorme e de uma grande firmeza de traço, atestam que Eduarda Lapa é uma pintora que sabe desenhar, e não se pode ser uma verdadeira pintora sem conhecer a fundo o desenho. As suas flores, de uma frescura e de uma suavidade de cores, tornam-na a primeira pintora de flores que agora possuímos. E nada que mais se coadune com um espírito de mulher do que pintar flores. Na paisagem é também muito feliz e temos a certeza que Maria Eduarda Lapa, já tão conhecida no Brasil e em Portugal, trabalhará sempre para aumentar a sua arte e será uma glória feminina nacional.

Higiene e beleza

As mãos são uma das maiores belezas da mulher. E com as mãos que ela acaricia, ampara e socorre. Uma senhora pode ser muito bonita; se tiver as mãos feias, grosseiras, mal tratadas, a sua formosura não é completa. D'Annunzio, o grande escritor italiano, dedicou as suas melhores páginas à mão da mulher. A aristocracia e a raça conhecem-se na mão branca e esguia de uma senhora.

Uma mão delicada de unhas róseas e polidas é um encanto. Para conseguir a beleza das mãos é preciso tratá-las. Um dos primeiros cuidados é lavar sempre as mãos em água morna. A água fria torna as mãos vermelhas, a água quente faz sicco e estraga a pele. Deve usar-se um bom sabo-

nete e à noite untar as mãos com a pasta de que damos a receita:

Amêndoas doces e amargas, 150 gramas; sumo de limão, 50 gramas; leite, 30 gramas; óleo de amêndoas doces, 90 gramas; álcool, 150 gramas.

Deixando ficar toda a noite, de manhã a pele estará macia e branca. Há ainda uma receita para usar de dia: Sumo de limão, 20 gramas; glicerina, 20 gramas. Untam-se as mãos, deixa-se estar uma hora e em seguida lavam-se em água com uma colher de água oxigenada a 12 volumes. Conseguem-se assim umas mãos lindas e macias.

Mesa de Natal

ESTAMOS no Natal e todas as famílias se reúnem na ceia de Natal ou ao jantar desse dia. A mesa em volta da qual se reúnem família e amigos, nesse dia em que os ausentes são lembrados e os que partiram para sempre estão no coração dos que vivem; a mesa tem de ser mais bela e mais variada a sua decoração. Damos uma gravura de uma linda mesa para o dia de Natal, onde triunfa a simbólica estrada de pastores e reis Magos para a humilde gruta onde



3.º PRÊMIO

2.º PRÊMIO

cido com fitas e o inevitável «Mistletoe» indispensável na ornamentação de mesas e salas no Natal inglês; uso que por todo o mundo se espalhou. O «Mistletoe» é azevinho e encontra-se no campo em profusão. E assim é com facilidade que

se obtém essa decoração e uma linda mesa para o dia de Natal, festa da família.



«ROSSAS» DA PINTORA EDUARDA LAPA

nascou o Rei dos homens. Com papel de cores e prateado fazem-se as grinaldas onde se penduram os balões de todas as cores. Ao centro um lindo cesto com fruta guarne-

Trabalhos femininos

CHEGOU o frio e bebé necessita de dormir bem agasalhado porque a sua irrequieta turbulência não lhe permite dormir sem se descobrir. Damos hoje um modelo de pijama em tricot com a respectiva amostra do ponto e os moldes, que é de muito fácil execução. Este modelo é em malha Dubied, sempre tão bonita e que de tanto agasalho é.

Para quem não goste de agasalhar muito as crianças as crianças para dormir, pode servir para o levantar da cama, quando em cabriolas expandem pela casa a sua vivacidade.

De mulher para mulher

A. C.—Sim, minha senhora, esse seu procedimento é o mais digno e não se arrependa. Ainda é muito nova e não faltará quem aprecie os seus encantos.

Flor dos Alpes—Com os chapéus deste ano já se não usa a «toilette» apertando os

cabelos. A sua forma não o permite como muito bem diz. Uma cabelceira despenteada pelo vento é às vezes mais interessante do que um impecável penteado.

Mãe encantada—Para lavar as flanelas do seu filhinho use sempre água morna e o Lux. Assim não encolhem e duram o dobro.

Receitas de cosinha

BACALHAU A «BENEDICTINE»

O bacalhau é um dos pratos mais usados entre nós e portanto todas as receitas são poucas para variar a ementa familiar. Esta maneira de o fazer torna-o um prato fino e delicioso. Depois do bacalhau demolido e cozido, escorre-se perfeitamente, deslaca-se, tirando-lhe as peles e as espinhas. Seca-se ligeiramente no forno. Depois deita-se no almofariz e amassa-se com sessenta gramas de batatas, cozidas como para fazer puré, escorridas e muito secas. Com esta massa forma-se uma pasta, juntando-lhe dois decilitros de azeite muito fino e meio litro de leite fervido, que se deitam pouco a pouco, batendo sempre a pasta. Quando esta tem pouca consistência, está branda, deita-se num prato de ir ao forno, alizando a superfície e regando-a com manteiga a ferver. Vai ao forno até dourar.

O anel

O anel é a jóia tradicional por excelência, desafiou o tempo e o espaço. Encontra-se no túmulo das rainhas faraónicas junto dos povos mais longínquos da África e da Oceania para os quais é um sinal de poderio, de magia e de fidelidade. A parisiense escolheu agora para as suas mãos, o anel, dantes reservado para o sexo forte. Os seus

dêdos brancos e finos são cingidos por anéis de forma robusta e muitas vezes maciços. Passou o tempo dos trabalhos de agulha, do leque, do lenço bordado, que se prestavam aos graciosos gestos, que faziam brilhar a pérola, a safira ou os brilhantes. As mãos da desportiva de «depois da guerra» que estão ao volante, preferem a opacidade de um grande coral, da ametista ou da água marinha. O anel da moda, que não é caro, é de uma infinida variedade de côres.

É arquitectado numa montagem de prata ou platina sem ornamentos. O ébano, o marfim, o ouro são igualmente utilizados pelos ourives, para êstes pesados anéis, que fazem resaltar a fragilidade de uma mãosinha fina.

Assim a mulher depois de tantas conquistas, tirou também ao sexo forte o seu anel.

Ninguém protestou e defendeu a única jóia que era permitida a um homem elegante. Resta aos europeus fazer como os americanos, não usar anéis.



Usos de Natal

São interessantes em toda a parte os usos de Natal, mas nenhum me impressionou como o uso de festejar a noite do nascimento de Cristo, dos pretos da cidade da Práia, ilha de S. Tiago, do arquipélago de Cabo Verde. Já lá vão muitos anos e era o primeiro Natal que eu passava fóra de Portugal. A cidade bonita e airosa era pouco iluminada e a candieiros de petróleo. As janelas abertas por onde entrava uma tépida brisa da época fresca ali, começaram a deixar entrar o som de uma estranha melopeia. Eram grupos de pretinhos pequenos, que com velas na mão e conduzindo uma tósca imagem de barro do Menino Jesus, cantavam câções glorificando o filho de Deus, parando em frente das janelas iluminadas e terminando a sua cantilena desejando boas festas e «Bó Natal». Claro que esta gentileza tinha de ser remunerada com algum pataco daquela época. Mas como era gracioso ver aquelas crianças negras gentis e alegres cantarem, conduzindo a imagem branca do Menino Deus. Nenhum uso de Natal me pareceu mais encantador e estranho do que este da ilha perdida entre as outras, nas águas do Atlântico, em que os pretinhos glorificavam com tanta alegria a data feliz do nascimento do Redentor da Humanidade.

Alegria que a beleza da noite de uma temperatura tépida e deliciosa tornava mais vibrante e sobretudo impressionante para os que estavam habituados à festa de Natal, por uma fria noite de Dezembro, em que os pobres não manifestam a ruidosa alegria com que as crianças negras, quasi nuas, saíam o Menino Deus.

Pensamentos

Quem tem no coração a necessidade de admirar, acha qualquer profeta acima de todos.

GORTHE.

Os infelizes são sempre perigosos.

GOETHE.

Os vivos têm por eles o direito.

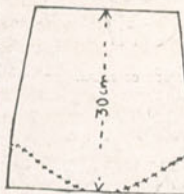
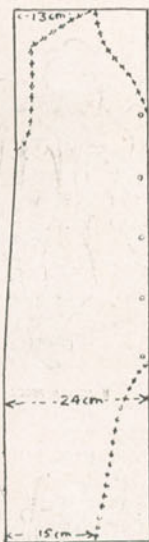
SCHIELLER.

Só a natureza sabe o que precisamos.

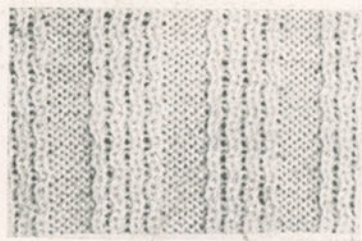
GOETHE.

A natureza é uma infinita auxiliar de Deus.

SCHIELLER.



PIJAMA PARA CRIANÇA: MOLDES E AMOSTRA DE PONTO



GIMNÁSIO CLUB PORTUGUÊS

Aspecto do animado baile que ali se realizou em 6 do corrente —



Invenção curiosa

Os sábios inventaram aparelhos para medir, no universo, as menores coisas como as maiores; mas é preciso ir à América do Norte para ouvir falar num instrumento destinado a medir... o pudor feminino.

Se se acreditar no que diz um jornal técnico de Nova York, este instrumento curioso consiste numa placa de borracha sintética onde vêm inserir-se filamentos termo-eléctricos, sensíveis ao infimo aumento de temperatura e ligados a um galvanómetro cuja agulha marca a transformação de energia calórica em energia eléctrica.

A jovem a ser examinada põe a sua face em contacto com a placa de borracha e... ouve o interrogatório do examinador.

Se este último consegue fazê-la corar, a agulha do galvanómetro revelará o grau exacto do pudor da paciente.

AVISO IMPORTANTE

Conforme a «Ilustração» tem anunciado, só os seus assinantes novos ou os antigos que renovassem as suas assinaturas até ao dia 15 do corrente ficariam habilitados à participação no prémio que por ventura pertencer ao n.º 11.330 da próxima lotaria do Natal. Esse prazo é agora prorogado até ao dia 22, véspera da lotaria, sendo, porém, indispensável que o pagamento das assinaturas seja feito na administração da «Ilustração», rua Anchieta, 31, 1.º, podendo os pretendentes da província enviar a importância pelo correio. A assinatura, como já dissemos, não pode ser por período inferior a 6 meses.

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO

Evolução do retrato



OUTROTA RETRATAVAM-SE ASSIM OS REIS...



E AGORA ASSIM;



OS GRANDES MINISTROS ASSIM...



E AGORA ASSIM.

O reino das mulheres

Um sábio mexicano, o dr. Xernandez, voltou há pouco tempo de uma viagem que efectuou, há alguns meses, nas ilhas do arquipélago mexicano.

Numa conferência que fez recentemente, falou dos habitantes da ilha de Tiburou e dos seus costumes, que são dos mais curiosos.

Segundo o dr. Xernandez, esta ilha é habitada por uma tribo indiana, os Seris, governada somente pelas mulheres. Os homens não têm o menor poder e são empregados exclusivamente nos trabalhos caseiros. Tiburou é uma ilha deserta, muito pouco frequentada e por assim dizer esquecida do mundo. Recentemente ainda, contava ela cinco mil habitantes, mas agora apenas restam uns quatrocentos. Os Seris conservaram o espírito de independência que caracterisava dantes as tribus indianas da América.

Conhecer nossos semelhantes é uma coisa tão vital, tão importante, que, se me perguntassem qual a primeira condição para se fazer bons negócios, responderia:

— Conhecer os homens.

E se me perguntassem qual a primeira virtude para se chegar a ser homem de Estado, advogado insigne ou educador notável, responderia:

— Conhecer os homens.

E se tivéssemos de aprender uma só coisa neste mundo, qual seria a mais necessária, a mais indispensável?

— Conhecer os homens!

PAULO MANTEGAZZA.

Fim de festa

TÃO SIMPLES!

Ele:—Sabes, meu amor, desejava tanto que pudéssemos casar! Mas a dificuldade é a falta de meios para o fazer.

Ela:—Ah! isso não tem dúvida. Há um padre muito amigo de minha família, e ele, com certeza, casa-nos de graça.



Entre amigas íntimas:

Estela:—O Mário diz que me acha sempre mais bonita de cada vez que me vê.

Beatriz:—O que tu devias fazer era pedir-lhe que te visse mais vezes.



POR CAUSA DELA OU DELE?

—Na verdade, a Julieta não devia cantar. O médico proibiu-a absolutamente.

—Porquê? O médico é vizinho dela?



—Oh! minha senhora! então põe-me fora de sua casa por causa de uma miséria de três maçãs?

—Ora essa! acha pouco? Por causa de uma só, pôs Deus Adão e Eva fora do Paraíso!



NÃO HAVIA REMÉDIO

—Mãizinha, tenho por força de lavar o peçoço esta manhã?—preguntou a Nini, espreitando à porta do quarto da mãe.

—Já se vê que sim, minha filha—respondeu esta.—Enquanto eu te governar, hás-de lavar o peçoço *tôdas* as manhãs.

—Ai!—susprou a pequenita—então preciso casar muito cedo.



—Mas, doutor, há-de lembrar-se que me tem recomendado sempre o evitar as mínimas excitações!

—Com certeza, porque lhe podem ser muito prejudiciais. Sempre lho tenho dito e repito-o.

—Então, porque me mandou ontem a sua conta?



—Então, morreu o marido da Carolina? E ela, como ficou?

—Ela... ficou viúva!...

DE REGRESSO

O guarda da cadeia:—O quê! Você já para cá volta outra vez?

O prisioneiro:—Sim, senhor. Há alguma carta ou qualquer coisa do correio para mim?



Quando o grande pregador Massillon pregou, pela vez primeira, em Versailles, o Advento, ao ir, no fim do sermão, cumprimentar Luís XIV, que o ouvira da tribuna real, este disse-lhe familiarmente: «Abade, tenho ouvido outros pregadores, e, depois de os ouvir, tenho ficado contente com eles. Hoje, porém, fiquei descontente comigo. É o mais que lhe posso dizer.»



PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8		
9		10								11
12	13		14						15	
16		17		18				19		
20			21				22			
23						24				
25					26		27			
28				29		30		31		
32			33				34		35	
			36					37		
		38								

HORIZONTAIS

- 1—Embutir estópa alcatroada. 10—Medicamento. 12—Preposição e artigo. 14—Osso do antebraço. 15—Igreja. 16—Formiga do Brasil. 18—Relação. 19—Turno. 20—Vara da parreira. 22—Rosto. 23—Perfume. 24—Mostra-se contente. 25—Filha de coisas sobrepostas. 27—Voz do gato. 28—Poesia em honra da divindade. 29—Astro. 31—Origem. 32—Preposição e artigo. 33—Sala pequena. 35—Carta de jogar. 36—Acanhados. 38—Dinheiro.

VERTICAIS

- 2—Elemento. 3—Perceber um escrito. 4—Querer. 5—Mau cheiro. 6—Magistrado municipal. 7—Parente. 8—Preposição e artigo. 9—Dansarino. 11—Não elegante. 13—Instrumento de sôpro. 15—Cortava. 17—Partícula impenetrável. 19—Inconstante. 21—Patroa. 22—Preposição. 26—Mexer. 29—Direcção. 30—Ópera de Verdi. 33—Afirmativa. 34—Maior. 36—Pronome pessoal. 37—Nota de música.

PROVA EM CONTRÁRIO

Um sportsman a outro:

—Eu e a minha bicicleta somos verdadeiramente inseparáveis!

—Creio, que não será tanto assim! Ainda ontem, por exemplo, te vi caído numa valeta, e a bicicleta estendida ao comprido no meio da estrada!...



—Como está o teu compadre Soares?

—Menos mal; o médico já lá não vai.

—Ah! então, está livre de perigo.



PROCEM MAIS QUATRO JOGADORES E UMA MAÇA DE JOGAR O 'CRICKET', QUE HÃO DE ENCONTRAR ISSO TUDO AQUI



OBSERVAÇÃO DE UM FILÓSOFO

—Ah! se minha sogra não tivesse nascido, como eu viveria contentê e feliz com minha mulher!...



A mãe:—Joãozinho, fazes favor de não comer com os dedos!

Joãozinho:—Ó mamã, então os dedos não são mais antigos do que os garfos?

A mãe:—Os teus, não.



Pediu o grande soldado Duarte do Casal uma mercê a el-rei D. João II, valendo-se de terceira pessoa para intermediário.

O rei, encontrando-o numa sala do paço, disse-lhe à queima-roupa:

—Se tens mãos e braços para servir-me, porque não tens língua para falar-me?



O Rodrigues:—Parece-lhe, minha senhora, que seu pai se poria ao meu casamento com V. Ex.ª?

A interpelada:—Não lhe sei dizer. Mas se êle pensasse exactamente como eu, optaria-se, decerto.



Um pretendente necessitado pediu audiência ao cardinal Mazarino. Este, importunado por êle, resolveu, por fim, recebê-lo, mas mandando-lhe dizer que só lhe concedia duas palavras.

O homem entrou e aproveitou a concessão, assim:

—Frio e fome!

—Lume e pão—respondeu o ministro, sorrido. E mandou-lhe abonar uma pensão.

Porque está na berlinda?

Estamos recebendo muitas respostas a este concurso, o que demonstra o interesse que despertou entre os nossos leitores. Conforme notificámos no n.º anterior, o prazo para a entrada, na nossa redacção, dessas respostas terminará em 31 do próximo mês de Janeiro.



SÍLVIA:—ERAS CAPAZ DE TE CONTERMENTAR COM O AMOR DE UMA CABANA?
 NOÉMIA:—TALVEZ FÓSSE. CONTANTO QUE A CABANA TIVESSE «GARAGE» E FICASSE NUM BAIRRO ELGANTE.
 (Do Punch)

No próximo ano completa dois séculos a mais importante livraria editora de Portugal

A LIVRARIA BERTRAND de Lisboa

Não é uma notícia banal aquela que encerra esta página: a de um duplo centenário duma casa comercial. Género de comércio este, porém, que não abrange apenas interesses económicos, porque, na verdade e à justa, se prende, e com laços estreitos, a uma das mais altas manifestações da vida de um povo: o movimento e a expansão da sua cultura intelectual. Livraria, e para mais livraria editora, a «Livraria Bertrand» pode orgulhar-se de, no decurso dos dois séculos que comemora no ano próximo de 1932, ter em muito contribuído para o incremento quer da instrução popular quer das chamadas belas-letras.

A traços largos, historiemos a sua fecunda

Anos passados, reconstruída a capital, a loja de Bertrand voltava a instalar-se na grande artéria de Lisboa onde ainda hoje todos a vêem, no mesmo prédio expressamente edificado para esse fim. Já em 1773, era «ao pé da Igreja dos Mártires».

Novas modificações, com o decorrer dos anos, veio a sofrer a firma. Numa destas suas fases, além doutros literatos nossos que deixaram nome, Alexandre Herculano frequentou a livraria e ali passava horas em douta palestra.

Até que, no início do ano de 1876, a casa foi trespassada a José Fontana, associado ao conselheiro Saraiva de Carvalho. José Fontana, porém, sobreviveu pouco à sua entrada



O EDIFÍCIO ONDE ESTÁ INSTALADA A LIVRARIA BERTRAND



ASPECTO DO 1.º SALÃO DE VENDAS

aqui, mas é deste período o começo do grande desenvolvimento da livraria, sobretudo nas suas relações com o Brasil e mais países estrangeiros. José Bastos, homem muito conhecedor de tal actividade, ingressara também, tempos antes, na casa, e veio depois, quando ela passou por uma crise, a obter a sua posse. Posteriormente, teve José Bastos como sócio, mas por pouco tempo, o actual chefe da casa.

Seguiram-se-lhes o grande livreiro Francisco Alves com Júlio Monteiro Aillaud, ainda com este Eça e Júlio Fonseca, aqueles dois também falecidos e de saudável memória. Actualmente, à frente da casa encontram-se Arthur Brandão e João de Eça.

Esta grande empresa editora, de tão prestigiosas tradições, tem à sua volta, a prestigiá-la, os nomes mais ilustres da literatura e é o ponto de reunião da intelectualidade portuguesa.

Quantas evocações! Quantas páginas, ricas de documentação sobre a vida nacional, daria a história, contada passo a passo, desta conceituada Livraria Bertrand!



ASPECTO DO 2.º SALÃO DE VENDAS, ONDE SE ENCONTRA A SECÇÃO ESTRANGEIRA

existência, porque isso oferece pontos curiosos.

O mais antigo indício que há, positivamente averiguado, da Livraria Bertrand, data de 1732. Estava, então, estabelecida na rua Direita do Loreto, esquina da rua do Norte, sendo a sua firma, à data, *Pedro Favre e Irmãos Bertrand*, Favre ou *Faure*, como quer o sr. dr. Xavier da Cunha, nas suas *Impressões Deslandianas*.

Em 1732, João José Bertrand era o moço imberbe representado no antigo emblema da livraria. Por duas vezes parece ter-se modificado a firma primitiva, até que, em 1750, estava João José Bertrand instalado defronte da ermida do Senhor Jesus da Boa Morte, onde ainda se conservava em 1764. Causará estranheza, pela certa, a mudança da livraria Bertrand, do grande centro comercial de Lisboa onde fora inicialmente instalada, para sítio tão firme e tão distante, como se nos afigura devia ser o do Senhor da Boa Morte. Explica-se tal, porém, pelo estado de ruína em que ficara o prédio em que ela estava quando foi o terramoto de 1755 e pelo facto de, em virtude dessa mesma catástrofe, terem acorrido àqueles sítios mercadores de todos os géneros e, o que é sobretudo importante, uma grande parte dos institutos intelectuais da época. Para ali foram, também, a Casa da Suplicação, a Mesa da Consciência e Ordens, etc., etc. Eis porque Bertrand se transferiu para lá.

A CASA FERRARI

Os conserveiros e doceiros italianos sempre tiveram em Lisboa uma aceitação de príncipes.

As grandes casas fidalgas tinham turineses, napolitanos, florentinos e venezianos na direcção das suas copas. Ter um pasteleiro sardo ou siciliano dava uma nota de distinção. Da mesma forma os grandes botequineiros e

quetes, as grandes ceias da sociedade elegante são eles que as compõem e dirigem. Não há baile de todo onde os seus serviços não sejam implorados. O nome estava feito. De então para cá a casa Ferrari tornou-se uma instituição.

A vida foi-se modificando. Começaram a rarear os bailes, mas outras manifestações de convívio social apareceram. Aos «cotillons» que acabavam com o clarear da madrugada, sucessores dos «lanceiros» e das «quadrilhas», sucederam os chás



Sala de chá distintíssima, a casa Ferrari categoriza os que a frequentam

donos de casas de pasto na primeira metade do século passado, foram italianos também. Era um tradicionalismo elegante. As vezes formavam-se dinastias. Foi o que sucedeu com os Ferraris. Hilário Ferrari, em 1818 já em Lisboa dava leis aos *gourmets*, e a tradição mantém-a a descendência. Foi esta geração que educou o paladar guloso dos lisboetas.

Habitados às pesadas composições dos doces conventuais, às travessas e terrinas acoguladas de espécies de ovos, açúcar, leite e amêndoa, estranharam ao princípio a delicadeza e a apresentação das guloseimas italianas, mas a moda — que até no paladar há moda — foi-lhes impondo a pouco e pouco, os pratos delicados, sorridentes e finos, os bolos de composição rara, alindados na apresentação, garridos no acondicionamento de papel frizado que estava longe de corresponder às rendas de papel recortadas que cobriam as caixas provenientes dos laboratórios dos mosteiros. O empólio doce dos conventos, entregue a oficinas particulares em 1834, foi-se abastardando. Os Ferraris começaram então a dominar, e, vencedores na luta contra os conserveiros e doceiros franceses — como o *Fidéli Berger*, lograram uma situação primacial na capital. As grandes festas, os grandes ban-

à inglesa, às cinco horas britânicas, como motivo de reuniões amáveis, menos inçados de preconceitos e mais livres de pragmáticas. Ferrari, acompanhando sempre a moda, evoluiu com ela. Ao festim de «champagne» seguiu-se o «Porto de Honra» nacionalizando os ágapes festivos de homenagem. A guarnição das mesas variou; a composição das ignarias e dos doces modificou-se. Só permanece imortável o repasto de casamento, o «lunch» das bodas. Seguindo essa linha evolutiva, a casa Ferrari, apetrechada para tudo, com um conhecimento perfeito do *métier*, lançando sempre, como uma novidade gulosa, um novo atrativo, mantém a sua admirável tradição. O segredo do seu êxito está nisto. Casa de chá elegantíssima — porque nós tornámos elegante este costume britânico, burguesíssimo — a sala da Ferrari é uma célula distinta que categoriza os que a frequentam agora, tanto a distinguiram, com a sua preferência, gerações e gerações de apreciadores.

E, a propósito, não quer o leitor uma chavena de chá? Pois entremos na Ferrari, na rua Nova do Almada!

LISBOA-JARDIM

A cultura e a venda de flores — tão necessárias à vida como o alimento — é um dos mais elegantes comércios que pode haver. As flores são gem e como um devoto da floricultura. Trata as flores carinhosamente, cultiva-as com paixão, e sabe depois, com arte, atá-las em *bouquets* e



O proprietário do Lisboa-Jardim cultiva as flores com paixão

as jóias e as alfaias dos pobres. Uma rosa ao peito, uma jarra de cravos numa mesa, valem como um broche de rubis ou como um serviço de prata. O Lisboa-Jardim, da rua da Emenda, cultiva e vende essas jóias, como amador de jardina-

gerbes, compõem-las em *corbeilles*, cercá-las de verduras, e fazer, à portuguesa, um ramo que cheire bem e que seja lindo.

Para tratar e cuidar flores é preciso ser artista. Espreitem o Lisboa-Jardim — rua da Emenda, 70 — e vê-lo-ão lá dentro.

SANTOS MATOS

A linha feminina impõe-na a Moda, sempre volúvel e caprichosa. Criando o espartilho, a cinta, o «soutien», o corpete, variando constantemente, exige que a indústria a acompanhe num galopar de criações obedientes. É o que faz a casa Santos Matos, dispondo, além da sua casa de venda na rua do Ouro, que nenhuma mulher lisboeta desconhece, largas oficinas na Amadora. A curva feminina educa-se aqui neste laboratório de beleza, reentrando, sobressaindo, ondulando conforme o mandamento parisiense. É um «atelier» para mulheres bonitas e elegantes. Corrige e educa a linha e a forma, e, sem tratamentos, modifica-as ao sabor da Moda, fazendo no bonito para os olhos de hoje o que era lindo para os olhos de ontem.



PASTELARIA MARQUES

A montra desta casa é sempre uma recordação de novidades. Pelas festas apresenta sempre um produto novo, surpreendente, cheio de originalidade, em que o carácter nacional se marca. As frutas doces em cestos vindimos, os mangericos de S. João, as bombas de Santo António, as bróas

do Natal, as filhoses do Entrudo, as amendoas da Páscoa, tudo quanto é tradicional aqui se encontra. É a confeitaria portuguesa por excelência. Apenas transige no seu chá elegante. Tem o segredo dos banquetes, dos «lunchs» e dos «Portos de Honra». É uma das Rainhas do Chiado.

MIRANDA
 OEUVRES DE LALIQUE & FOS SOCHIADO, LISBOA
 JOÍAS, PRATAS ARTÍSTICAS

GARCEZ, L.^{DA}

Rua Garrett, 88 - LISBOA

GARCEZ, o proprietário da casa que é uma das notas mundanas e modernas do Chiado, sabedor como poucos da



arte delicadíssima da fotografia, a que a vida actual deu um desenvolvimento espantoso, teve neste desenvolvimento um papel primacial. Como fotógrafo-jornalista, fazendo a reportagem de revoluções e da Grande Guerra, na vida agitada e arriscada da primeira fila, em frente ao acontecimento, dominando as emoções, ou como director de atelier, Garcez remodelou a acção da Doguerre, deu-lhe beleza e interesse, soube fazer

uma propaganda inteligente e fecunda, e está agora vendendo pelo movimento extraordinário da sua casa os frutos semeados.

A fotografia interessa agora a toda a gente. Não é uma arte restrita. Generalizou-se pelo aperfeiçoamento das máquinas, pela sua simplificação. É quasi um *sport* indispensável aos turistas, aos viajantes, aos que veraneiam e frequentam termas e estações de inverno, aos ricos e aos pobres, às crianças e aos adultos.

Garcez, neste ramo de arte, ocupa um dos primeiros lugares. O seu passado de jornalista educou-lhe a actividade. Orientou-o no comércio, o seu bom gosto, o seu senso prático e a sua probidade de artista.

Eis aqui o segredo do seu êxito e prosperidade da sua casa-«atelier» que todo o país conhece de cor.

VISTA ALEGRE

A montra mais portuguesa e artística do Largo do Chiado é a da Vista Alegre, onde as porcelanas nacionais disputam a primazia aos melhores fabricos de Sèvres e de Limoges.

O espirito português, na forma e na decoração, da argila admirável da região de Aveiro.

ROIZ, L.^{DA}



A fotografia é hoje uma arte acessível aos apetites dos remediados. O comércio dos artigos fotográficos feito com grande inteligência vulgarizou-a e expandiu-a. Novas marcas de películas, novos apa-

relhos, novas lentes, surgem todos os dias no mercado, degladiando-se em preço e em qualidade. A película «Perutz» e as lentes «Rodenstoak» e «Hugo Mayer», disputam a outras marcas os seus primores. Papéis de impressão como os da casa L'hingwert's acreditaram-se imediatamente.

Tudo isto tem a casa Roiz, Limitada, da rua Nova do Almada, 82 e 84, esplêndido atelier e laboratório-perfeito, onde se fazem revelações e ampliações, e onde se encontra tudo quanto sonha um amador ou um profissional.

A fazer ressaltar a profusão de aparelhos artísticos que a casa Roiz, L.^{da}, possui e impõe, um salão de vendas onde um ambiente de moderno bom gosto e de requintada elegância atrai e seduz uma distinta clientela.

A. E. de Sousa, L.^{da}

A cinzeladura das pratas é uma das nossas glórias artísticas, e, desde antigos tempos, que os portugueses são considerados como notavelmente propensos a esta arte, onde os nossos lavrantes produziram obras que hoje honram os Museus, confundindo-se algumas com as mais apuradas peças inglesas e francesas.

A inconsciência, a volubidade e a riqueza da vida moderna, exigindo a industrializa-

ção do trabalho dos prateiros, perturbaram a linha progressiva da sua obra, e só recentemente a admirável persistência e o espirito de artistas de alguns cinzeladores, reagindo contra o abastardamento da arte, lograram obrigar o público a olhar com desprezo para a fãncaria industrial e atentar, novamente enlevado, nos produtos de pura arte. O público foi educado assim.



A frente desse movimento rejuvenescedor encontra-se a casa A. E. de Sousa, Ltd.^a. A inteligente interpretação que faz dos antigos motivos decorativos, a adaptação deles, sem quebra de harmonia, nem de pureza de linhas, aos objectos de carácter moderno criados pela civilização, o lançar constante de novos modelos e de novas estilizações, deram a esta casa um lugar único. As monturas da casa, hoje dirigida por

Angélico de Sousa, filho do grande Augusto de Sousa, seu fundador, tem um segredo atrator para todo o público, da maior a mais modesta cultura. A uns interessa pela pura execução, pelo delicado da cinzeladura, pelo justo equilibrio decorativo; a outros pela novidade, pela surpresa, pelo inéditismo das peças.

A casa A. E. de Sousa, Ltd.^a, na rua do Mundo, não dormindo sobre os seus assinalados êxitos nas recentes exposições de Sevilha e de Barcelona, raro é a estação que não lança uma peça de novo modelo, um objecto prático alindado pelo seu gosto admirável que torna agradáveis e atraentes as formas menos propícias às linhas elegantes. Há decorações iniludivelmente suas, tão cheias de particularismo que equivalem a uma marca.

O êxito da sua já vasta obra mede-se pelo esforço despendido. Justificam-se e equilibram-se.

PATISSERIE BENARD

BENARD é um nome que sôa bem ao ouvido dos lisboetas e que eles há muito tempo se habituaram a ouvir. Tem qualquer coisa de distinção, de elegância, de bom gosto. Casa de chá de um «chic» tradicional, confeitaria e pastelaria, fabricante de guloseimas preciosas, laboratório culinário donde

são os mais finos serviços de «lunchs», banquetes e «Portos de Honra», a casa Bernard pertence ao número daqueles estabelecimentos que fazem época numa cidade e a enobrecem. Pertence ao Chiado e o Chiado pertence-lhe.

É já um noivado antigo.

Oferecer uma gravata do CARNAVAL DE VENEZA é uma nota de bom gosto de quem a oferece e de quem a usa.

“EVA”

- uma linda capa -

Uma elegante primeira página—Uma sensacional página central—Os mais lindos dos figurinos—

Primorosa colaboração literária:

Artigos, Crónicas, Crítica literária, Conselhos e adivites, Culinária

Obras de JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
..... (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que eu lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que eu lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 15\$00; br....	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 15\$00; br....	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. 3\$00	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	2\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	6\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	8\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	3\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 LISBOA

Um interessante brinde do Natal para as crianças

As histórias mais bonitas, mais divertidas, de maior aventura, de maior encanto, pelos mais distintos escritores portugueses, encontram-se na

Biblioteca Infantil

Na terra e no mar, por António Sérgio
Bonecos falantes, por Carlos Selvagem
Contos gregos, por António Sérgio
O que canta o pintasilgo, por Jane Ben-
 saude e Agostinho de Campos.
O Romance da Raposa, por Aquilino Ribeiro

Cada volume ilustrado, em brochura, Esc. 7\$00

Pedidos à Livraria Bertrand, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS
 POR
 MANUEL GUSTAVO
 BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes ilustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e cores sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br..... 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

COMO SE FAZ FORTUNA

por SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca
 1 VOLUME DE 264 PÁGINAS., BROCHADO, 10\$00
 Pedidos à Livraria Bertrand, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS, FUNDADA EM 1907
 Banqueiros: **Borges & Irmão**

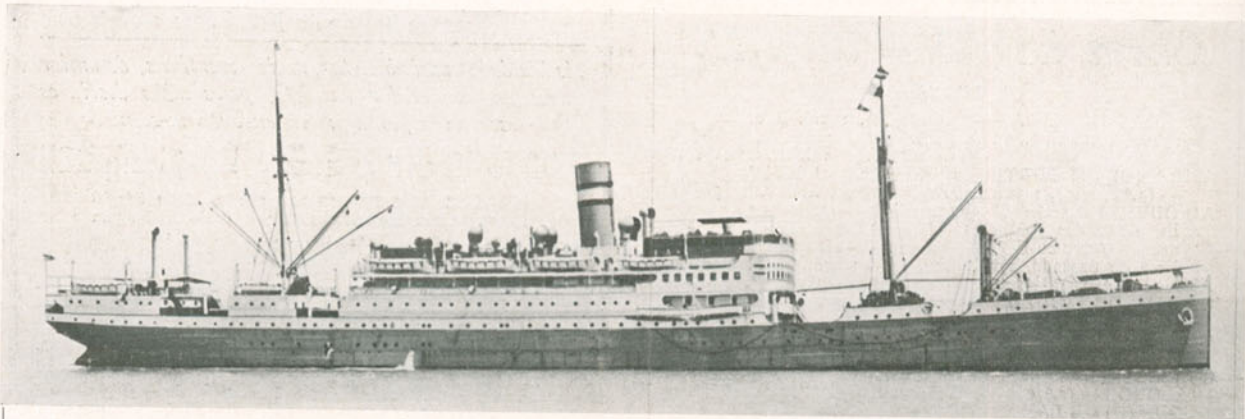
SEGUROS de: Fogo — Agrícolas — Cristais — Marítimos — Postais e seguros de vida em todas as modalidades

LISBOA — Rua do Alecrim, n.º 10
 PORTO — Rua Sá da Bandeira, n.º 5

Capital e Reservas: Esc. 2.903.097\$82 — Sinistros pagos: Esc 7.737.399\$01

A todos cumpre acatar estas sagradas palavras de sua Excelência o sr. Ministro das Finanças: «é indispensável que todos se compenhem de que chegam a hora de restringir a drenagem de ouro para fóra do País; servindo-se apenas do que possa ser produzido pela Indústria Nacional».

Todo o Português que prefere a indústria estrangeira é um elemento de ruína de si proprio e dos outros



PAQUETE MOUSINHO



PAQUETE COLONIAL—SALÃO DE JANTAR DE 1.ª CLASSE

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

S. A. R. L.

Séde em **LOBITO**
Administração em **LISBOA**

Rua do Instituto Virgílio Machado, 14

Carreira rápida da Costa Ocidental e Oriental, com saída a 10 de cada mês, escalando os portos de Funchal, S. Tomé, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Cap Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.

Carreira da Costa Ocidental, com saída em 25 de cada mês, escalando os portos de Príncipe, S. Tomé, Luanda, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela.

Carreira do Norte da Europa, com saídas quinzenais, escalando os portos de Hamburgo, Rotterdam, Anvers, Havre e Leixões.

FROTA

Paquetes

«MOUZINHO»
«COLONIAL»
«JOÃO BELO»
«LUANDA»
«AMBOIM»
«GUINÉ»

Vapores de carga

«CASSEQUEL»
«GANDA»
«BENGUELA»
«PUNGUE»
«MALANGE»
«LOBITO»



PAQUETE MOUSINHO—SALÃO DE SENHORAS DE 1.ª CLASSE

Cabotagem na Costa Oriental
com os vapores «Sena» e «Buzi»



CONCURSO DA FOSFOREIRA PORTUGUESA

200 CONTOS

de prémios em sorteios contínuos
(pela última lotaria de cada mês)

Guardem 100 etiquetas das marcas:

PORTUGUESES — FAMILIA — ANTONINOS e VENCEDORES

de cera e madeira pelas quais vos será fornecida uma senha

As senhas não premiadas deverão ser conservadas, pois habilitarão oportunamente ao sorteio especial de

UMA CASA EM ESTILO PORTUGUÊS

construída no local do país onde o contemplado escolher

EM LISBOA: Rua Augusta, 280, 2.º — **NO PORTO:** Avenida dos Aliados, 9, 1.º
e na província: Nos agentes da Companhia em todos os concelhos



(LEGÍTIMO W. B. W. ALEMANHA)

Único hidrofugo garantido contra:

HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Sucr.

GALERIA DE PARIS, 42. — PORTO

Depositários em Lisboa: S. RAMOS LDA. — Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS



O FAMÓSO CREME
PARISIENSE

J. LESQUENDIEU

*Veja este lindo rosto
de mulher, é tratado
com a
Reine des Crèmes
Amanhã será
o vosso Creme*

REINE DES CRÈMES

A venda em todas as boas casas de Portugal
Agente exclusivo para Portugal AZULAY & C.ª L.ª 100 rua Aurea Lisboa



"YOUPA-LA"

Aparelho para o desenvolvimento físico das crianças

Desenvolve e ensina a andar.

Protege contra todos os acidentes.

Substitui uma criada de crianças.

Diverte a criança proporcionando-lhe uma higiene completa.

recomendado pelo Corpo Médico.

ADOTADO por todas as Pouponnières e Creches em França e pela Maternidade da Misericórdia de Lisboa, Pouponniere da Maternidade A. Bensaúde, Creche dos Hospitais Cívicos de Lisboa, Assistencia aos Filhos dos Cabos e Soldados da G. N. R. e Dispensario de Puericultura de Castelo Branco.

Dirigir pedidos à RUA DE S. JULIÃO, 23, 1.º — LISBOA — Telef. 22574

PAULINO FERREIRA

■ ■ ■ **ENCADERNADOR-DOURADOR** ■ ■ ■

As maiores oficinas do paiz,
movidas a electricidade



CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em todas
as exposições a que tem concorrido

DIPLOMAS DE HONRA

na exposição da Caixa Economica Operaria
e na Exposição de Imprensa



TRABALHOS TIPOGRÁFICOS
EM TODOS OS GÉNEROS
SIMPLES E DE LUXO



ORÇAMENTOS GRATIS

RUA NOVA DA TRINDADE, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074



Os nossos PREÇOS são sempre os MAIS BARATOS

A norma da CASA PENIM

foi sempre, e será vender BONS ARTIGOS, entre os MAIS BELOS E MAIS CHICS, de qualidade absolutamente GARANTIDAS

V. Ex.^a dando-lhe preferencia defende os seus interesses

A CASA PENIM AGRADECE

Com agua até aos joelhos,



a caça é um dos desportos mais interessantes; porém para caçar necessitamos aplicar todos os nossos sentidos. Que nos importa se faz sol ou chove, se temos que pisar pó ou meter-nos na agua! Mas ao regressarmos a casa sofremos as consequencias, em forma de mal estar geral, dôres de cabeça e dôres nos ossos e nos membros. Neste caso nada mais é preciso do que tomar

CAFIASPIRINA

que é o remedio indispensavel para todo o desportista, pois não só elimina rapidamente todas as especies de dôres — dôres de cabeça e de dentes, enxaquecas, nevralgias, etc. — mas tambem reanima e regularisa a circulação do sangue, sem afectar o coração nem os rins.

Tome, pois, Cafiaspirina.



Não afecta o coração nem os rins.

ANTES DE FAZER O SEU SEGURO DE VIDA

CONSULTE

“LA EQUITATIVA” (Fundacion Rossillo)

Que oferece os contratos mais vantajosos com Apólice complementar para o caso de morte por acidente e invalidez do segurado

Esta Companhia, que tem em vigor seguros no valor de mais de 356 MILHÕES de pesetas, emitiu, em 1930, apólices no valor de 100 MILHÕES de pesetas, a maior produção de seguros sôbre a vida obtida em Espanha, batendo o «record» entre tôdas as COMPANHIAS, nacionais e estrangeiras, prova de confiança e estima do público e elogio às vantagens das suas apólices

SEDE SOCIAL:

Alcalá, 65 (edifício próprio)

MADRID

AGENTE GERAL:

Humberto José Pacheco

DELEGAÇÃO EM PORTUGAL:

Avenida da Liberdade, n.º 3

Telef. 2 1579

— — Todos os fundos da companhia respondem pelas transacções em Portugal — —

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- | | | |
|--|---|--|
| <p>1—DA TERRA À LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.</p> <p>2—À RODA DA LUA, 1 vol.</p> <p>3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.</p> <p>AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:</p> <p>4—1.ª parte—<i>Os ingleses no Polo Norte.</i> 1 vol.</p> <p>5—2.ª parte—<i>O deserto de gelo.</i> 1 vol.</p> <p>6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.</p> <p>7—AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES, 1 vol.</p> <p>8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.</p> <p>OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:</p> <p>9—1.ª parte—<i>América do Sul.</i> 1 vol.</p> <p>10—2.ª parte—<i>Austrália Meridional.</i> 1 vol.</p> <p>11—3.ª parte—<i>Oceano Pacifico.</i> 1 vol.</p> <p>VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:</p> <p>12—1.ª parte—<i>O homem das águas.</i> 1 vol.</p> <p>13—2.ª parte—<i>O fundo do mar.</i> 1 vol.</p> <p>A ILHA MISTERIOSA:</p> <p>14—1.ª parte—<i>Os naufragos do ar.</i> 1 vol.</p> <p>15—2.ª parte—<i>O abandonado.</i> 1 vol.</p> <p>16—3.ª parte—<i>O segredo da ilha.</i> 1 vol.</p> <p>MIGUEL STROGOFF:</p> <p>17—1.ª parte—<i>O correio do Czar.</i> 1 vol.</p> <p>18—2.ª parte—<i>A invasão.</i> 1 vol.</p> <p>O PAÍS DAS PELES:</p> <p>19—1.ª parte—<i>O eclipse de 1860.</i> 1 vol.</p> <p>20—2.ª parte—<i>A ilha errante.</i> 1 vol.</p> <p>21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.</p> <p>22—AS INDIAS NEGRAS, 1 vol.</p> <p>HEITOR SERVADAC:</p> <p>23—1.ª parte—<i>O cataclismo cósmico.</i> 1 vol.</p> <p>24—2.ª parte—<i>Os habitantes do cometa.</i> 1 vol.</p> <p>25—O DOUTOR OX, 1 vol.</p> <p>UM HERÓI DE QUINZE ANOS:</p> <p>26—1.ª parte—<i>A viagem fatal.</i> 1 vol.</p> <p>27—2.ª parte—<i>Na Africa.</i> 1 vol.</p> | <p>28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.</p> <p>29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.</p> <p>30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.</p> <p>A CASA A VAPOR:</p> <p>31—1.ª parte—<i>A chama errante.</i> 1 vol.</p> <p>32—2.ª parte—<i>A ressuscitada.</i> 1 vol.</p> <p>A JANGADA:</p> <p>33—1.ª parte—<i>O segredo terrível.</i> 1 vol.</p> <p>34—2.ª parte—<i>A justificação.</i> 1 vol.</p> <p>AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:</p> <p>35—1.ª parte—<i>A descoberta da terra.</i> 1.º vol.</p> <p>36—1.ª parte—<i>A descoberta da terra.</i> 2.º vol.</p> <p>37—2.ª parte—<i>Os navegadores do século XVIII.</i> 1.º vol.</p> <p>38—2.ª parte—<i>Os navegadores do século XVIII.</i> 2.º vol.</p> <p>39—3.ª parte—<i>Os exploradores do século XIX.</i> 1.º vol.</p> <p>40—3.ª parte—<i>Os exploradores do século XIX.</i> 2.º vol.</p> <p>41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.</p> <p>42—O RAIO VERDE, 1 vol.</p> <p>KERABAN, O CABEÇUDO:</p> <p>43—1.ª parte—<i>De Constantinopla a Scutari.</i></p> <p>44—2.ª parte—<i>O regresso.</i> 1 vol.</p> <p>45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.</p> <p>46—OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO, 1 vol.</p> <p>MATIAS SANDORFF:</p> <p>47—1.ª parte—<i>O pombo correio.</i> 1 vol.</p> <p>48—2.ª parte—<i>Cabo Matifoux.</i> 1 vol.</p> <p>49—3.ª parte—<i>O passado e o presente.</i> 1 vol.</p> <p>50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.</p> <p>51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.</p> <p>52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.</p> <p>NORTE CONTRA SUL:</p> <p>53—1.ª parte—<i>O ódio de Texar.</i> 1 vol.</p> <p>54—2.ª parte—<i>Justiça!</i> 1 vol.</p> | <p>55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.</p> <p>DOIS ANOS DE FÉRIAS:</p> <p>56—1.ª parte—<i>A escuna perdida.</i> 1 vol.</p> <p>57—2.ª parte—<i>A colónia infantil.</i> 1 vol.</p> <p>FAMÍLIA SEM NOME:</p> <p>58—1.ª parte—<i>Os filhos do traidor.</i> 1 vol.</p> <p>59—2.ª parte—<i>O padre Joan.</i> 1 vol.</p> <p>60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.</p> <p>CESAR CASCABEL:</p> <p>61—1.ª parte—<i>A despedida do novo continente.</i> 1 vol.</p> <p>62—2.ª parte—<i>A chegada ao velho mundo.</i> 1 vol.</p> <p>A MULHER DO CAPITÃO BRAN-
NICAN:</p> <p>63—1.ª parte—<i>A procura dos naufragos.</i> 1 vol.</p> <p>64—2.ª parte—<i>Deus dispõe.</i> 1 vol.</p> <p>65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.</p> <p>66—EM FRENTE DA BANDEIRA</p> <p>A ILHA DE HÉLICE:</p> <p>67—1.ª parte—<i>A cidade dos biliões.</i> 1 vol.</p> <p>68—2.ª parte—<i>Distúrbios no Pacifico.</i> 1 vol.</p> <p>69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.</p> <p>A ESFINGE DOS GELOS:</p> <p>70—1.ª parte—<i>Viagens aos mares austrais.</i> 1 vol.</p> <p>71—2.ª parte—<i>Lutas de marinheiro.</i> 1 vol.</p> <p>72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.</p> <p>O SOBERBO ORENOCO:</p> <p>73—1.ª parte—<i>O filho do coronel.</i> 1 vol.</p> <p>74—2.ª parte—<i>O coronel de Kermor.</i> 1 vol.</p> <p>75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.</p> <p>76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol.</p> <p>77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol.</p> <p>78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.</p> <p>79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.</p> |
|--|---|--|

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

A
LINHA
MODERNA
ADQUIRE-SE
COM
FACILIDADE



GRACA E ESBELTEZA

Elegância e harmonia dos movimentos
Frescura e macieza da epiderme
Encanto e vigor da juventude
É o sonho de toda a mulher moderna
que ela realiza sem
tratamento fasti-
dioso, sem incomodo,
sem perda de tempo,
com asseio e com
pouca despeza por

" SUDOREX "

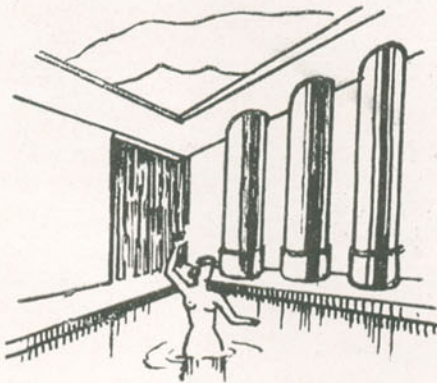
será para as senhoras
o complemento indis-
pensavel da sua cura
de beleza. Desemba-
raçando-as de gordu-
ra inutil, suprimirá to-
das as indisposições.

" SUDOREX "

aparelho portatil de
BANHOS DE VA-
POR EM CASA

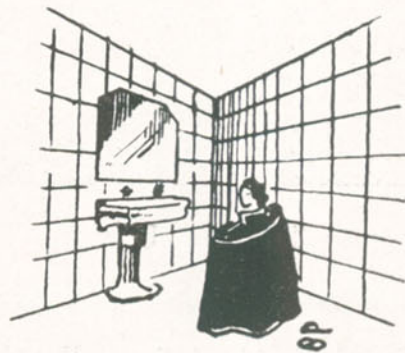
ABSOLUTAMENTE INFALIVEL EM
TODOS OS CASOS DE OBESIDADE

Reumatismos, artritismos, gôta, sciatica, nevralgias, rins, figado, intestinos, etc.



MÉTODO
das
BELEZAS
ANTIGAS

THERMAS



MÉTODO
das
ELEGANTES
MODERNAS

SUDOREX

À VENDA
em todas as FARMACIAS E
GRANDES ARMAZENS
SUDOREX
102 Rue de La Boeie - PARIS (8)
Brochure n.º 507 gratis por pedidos

SUDOREX BANHOS DE VAPOR

**Está doente
com Sezões?**

Experimente o
FEBRICIL

Se tem amôr á vida, tome-o

Medicamento contra as Febres Palustres. —
Não contem quinino. — Todos o podem
tomar sem receio. — Tónico. — Re-
constituente. — Aperitivo.

**Á venda nas principais Farmacias
e Drogarias**

Centos de testemunhos insuspeitos á disposição
dos interessados que os queiram examinar

NA
COMPANHIA COMERCIAL DE QUIMICA INDUSTRIAL

Rua do Carmo, 15, 1.º — LISBOA

Telefone: 2 4580 — Telegramas: FEBRICIL — LISBOA

**NÃO SE BEBE UM "MOSCA TEL
DE SETUBAL"**

SABOREIA-SE...



J. M. FONSECA, Succ.ª, L.ª DA
L. CORPO SANTO, 6-2.º



TOMAR UM

QUINADO MOSCA TEL

ANTES DE CADA REFEIÇÃO
É GARANTIR

UMA LONGA VIDA

J. M. FONSECA, Succ.ª, L.ª DA
L. CORPO SANTO, 6-2.º

**Novidade
Sensacional**
Com o **PENTE ONDULADOR**
transforme os seus cabelos
lisos em naturalmente on-
dulados para toda a vida !

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma :
Larvam-se os cabelos e secam-se pouco ; depois de
desenrolados com um pente apropriado (desen-
rolador), penteam com o pente ONDULADOR, de forma que as
ondas do pente sejam dirigidas para o exterior.
Fazer desfilar o pente através dos cabelos na
posição indicada é de 10 a 15 vezes, e assim se
obtem uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda :
ACADEMIA SCIENTIFICA
D. E. B E L E Z A
M. de CAMPOS
Av. da Liberdade,
35 — Lisboa

PEIGNE ONDULATEUR
VIENNA

Preço Esc.
15\$00

O MESTRE POPULAR

OU

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

CALEDONIAN INSURANCE COMPANY

FUNDADA EM 1805

Capital \$ 1.000.000

Reservas \$ 10.018.293

**SEGUROS DE FOGO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS**

AGENTES GERAIS

BORGES & IRMÃO

Secção de Seguros:

Avenida 24 de Julho, 2 — Lisboa

Telefone: 2 0531 (2 linhas)

Telegramas: Caledonial-Lisboa

ECONOMIA DOMÉSTICA

LIMPESA DE LUVAS — Tomem-se 200 gramas de água, 70 gramas de sabão branco, 15 gramas de álcool e 5 de ácido bórico.

Dissolva-se o sabão em água e acrescente-se-lhe o ácido bórico,

tendo o cuidado de esfriar a mistura.

Esfregam-se bem as luvas com um pedaço de flanela untada com a pasta obtida e rapidamente ficarão limpas.

GRATIS

**Um guia
para
melhor cozinhar**

O bom apetite é um dos tesouros mais apreciáveis que se pode possuir. E que pode haver de melhor para estimular o apetite do que novos pratos deliciosamente preparados, ou as guloseimas favoritas mais apetitosamente preparadas?

V. Ex.^{ta} pode encontrar muitas destas receitas no famoso livro de cozinha Maizena Duryea. Permita-nos enviar-lhe um exemplar — é grátis. Simplesmente preencha o coupon que aparece em baixo. Receberá um exemplar na volta do correio.

MAIZENA DURYEA

CARLOS DE SA PEREIRA, L^{DA} — Rua dos Sapateiros, 115, 2.^o — LISBOA

Queira enviar-me um exemplar grátis do seu livro de cozinha.

Nome

Morada

Localidade



PROTOS

Aparelhos electricos para uso domestico













VENIDAS NAS BOAS CASAS DO GENERO

SIEMENS

Companhia de Electricidade

LISBOA

PÓRTO

R. da Prata, 108, 2.^o

R. das Carmelitas, 12

BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



Variadas e
saborosíssimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

"His Master's Voice"



**DISCOS
RADIO
GRAMOFONES**

"His Master's Voice"

GRANDE BAZAR DO PORTO, L. DA — 150, RUA AUGUSTA,
152 - LISBOA — 192, RUA DE SANTA CATARINA, 198 - PORTO



Em Qualquer Lar

onde se não tenha apagado o bom gosto, e onde se não deite dinheiro á rua em beberagens ordinarias, ha a dirigi-lo uma mulher de gosto requintado. Ela sabe pela sua longa experiencia, que ha só um chá que todos apreciam, pela fragancia, pela delicadesa do paladar, o

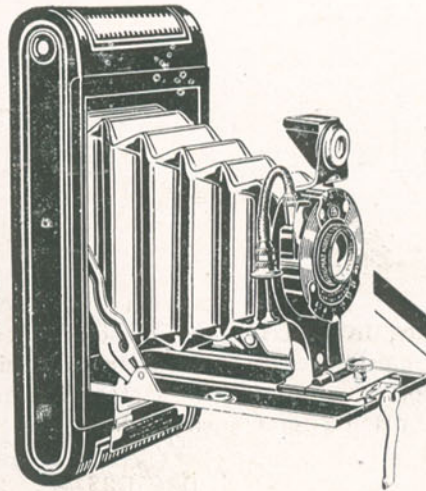


CHÁ HORNIMAN



Que se obtem em todos os estabelecimentos, mas sómente em pacotes de 14—50—125 e 250 gramas.





O aparelho que V. Ex.^a deve adquirir!

“Kodak Hawk-Eye”

com objectiva f. 6.3 verdadeira anastigmática

Eis um aparelho fotográfico, simples e robusto na sua construção, preciso e rápido na sua óptica, que vos permitirá obter interessantes instantâneos “Kodak”, mesmo á sombra, mesmo em dias escuros.

Não hesiteis! Ide hoje mesmo a qualquer boa loja de artigos fotográficos e examinai com atenção o modelo “Hawk-Eye”, o “Kodak”, que possui uma lente tão penetrante como os olhos do falcão, o aparelho produzido em fábricas providas dos mais recentes maquinismos.

A elegância das suas linhas, a sua comodidade, o seu facil manejo, a sua eficiência encantar-vos-hão! O “Hawk-Eye”, com objectiva f. 6.3 verdadeira anastigmática, dar-vos-ha perfeitas fotografias, sem mais trabalho do que premir o obturador, e custa apenas 276\$00.

*Hawk-Eye, com objectiva rápida rectilínea, desde 242\$00

*Hawk-Eye, com objectiva acromática, desde 230\$00.

Para garantia de bons resultados:

Use **Película “Kodak”**, — em embalagem amarela — cuja emulsão possui qualidades inimitáveis

Exija as provas em **“Velox”**, o papel fotográfico próprio para a impressão dos negativos de amator.

Kodak, Limited — Rua Garrett, 33 — LISBOA

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

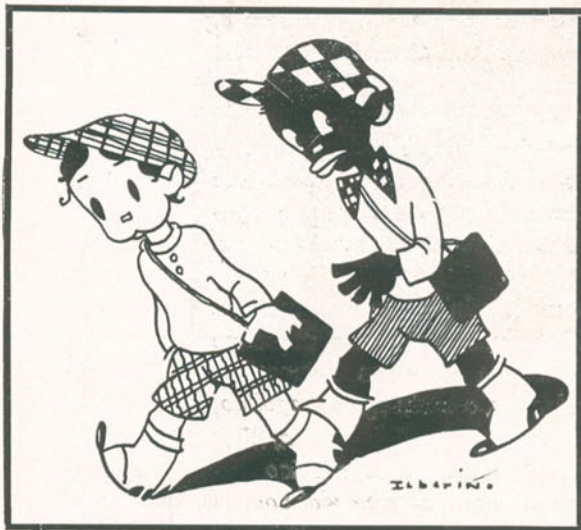
Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravuras, cartonado	10\$00
Encadernado luxuosamente	18\$00

33.º — ANO — 1932

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

**Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



UM LINDO PRESENTE DO NATAL

O Pretinho de Angola

POR

CÉSAR DE FRIAS

Nos sete formosos capítulos deste 32.º volume da **Biblioteca dos Pequeninos** conta-se a história comovedora do mais simpático pretinho estudioso.

Sugestivas ilustrações de Ilberino dos Santos

Preço: 5\$00

A' venda na Filial do *Diário de Noticias*, **Largo de Trindade Coelho**, 10 e 11, e em todas as livrarias



PRESIDINDO A TODOS OS ACTOS DA VIDA

Em cima de qualquer meza de trabalho deve existir sempre um telefone.

Ele presidirá a todos os actos da vida. Na felicidade servirá para transmitir as boas novas, as alegrias; e nas horas de angustia será pelos fios que se chamará o medico, o operadór, a policia, os bombeiros.

Como auxiliar do homem de negocios o seu valor é incalculavel; transmitirá ordens, receberá informações, servirá para ordenar compras urgentes e evitar um prejuizo.

Para a dona de casa é o criado mais docil e veloz. Fará as suas encomendas, dará as suas instruções aos fornecedores, deleitará na conversação com as amigas e os parentes.

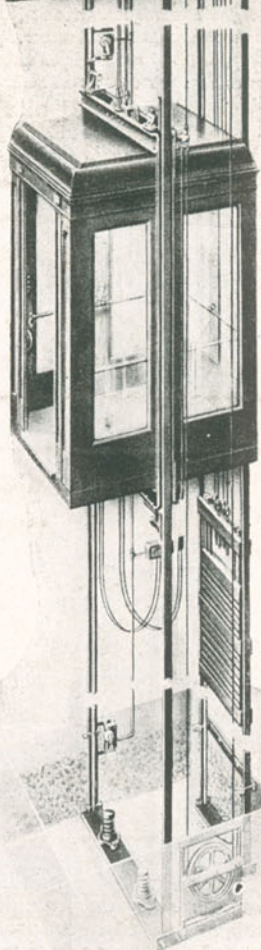
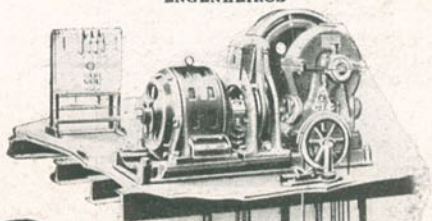
O valor do telefone é tão grande que Lisboa procura ter um telefone em cada casa. Mais de 500 telefones novos acabam de instalar-se neste mez, graças á actividade dos empregados da Companhia.

Residencias 50\$00 por mez. Comercio 80\$00

Este é um anuncio da
REGIO PORTUGUESA TELEPHONE Co. LTD.
 R. NOVA DA TRINDADE, 43 — LISBOA
 R. DA PICARIA, 5 — PORTO



ENGENHEIROS



RUA DOS CORREEIROS, 113-1.º

Tele { fone : 2 7310
gramas : TREBLA

LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL



**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc.** — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E. 72

COLECCÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO
Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Rainha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80—LISBOA

FABRICA DE LOUÇA DE SACAUEM

A MAIOR FABRICA DE CERÁMICA FINA DA PENINSULA

LOUÇAS DOMÉSTICAS — SERVIÇOS DE JANTAR E DE CHÁ

LOUÇAS SANITARIAS

(Lavatórios, bacias de retrete, bidés, etc.)

MOSAICOS CERÁMICOS

(Pavimento sem rival para cozinhas, quartos de banho, etc.)



TODOS ESTES ARTIGOS SÃO DE PRIMEIRA QUALIDADE

SÉDE — LISBOA

126, Rua da Prata, 132

PORTO

40, Rua dos Carmelitas, 40



EAGLE OIL

O óleo que a prática
recomenda

Exclusivo de H. VAULTIER & C.^A

PARIS, LISBOA, PORTO, COVILHÃ, ESTREMOZ,
PONTA DELGADA, FUNCHAL

Como obter ideias lucidas e clareza de espírito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores *Haig, Cantani e Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, 7\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LÍNGUA PORTUGUESA

POR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acordo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Acaba de sair a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de resaca, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
— **Julio Dantas.**

I vol. de 276 pags., brochado
10\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

MANCHAS
DE PETRÓLEO
EM LIVROS
OU
PAPEIS

Entre duas fôlhas de papel mata-borrão, forte, coloca-se a página de papel manchado de petróleo e passa-se-lhe por cima um ferro de engomar quente. Assim, o óleo mineral não tardará a evaporar-se e a ser absorvido pelo papel mata-borrão.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a
Editor: Francisco Amaro
Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30—Lisboa
PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias	—	63\$00	126\$00
(Registada).	—	67\$50	133\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.^o—Lisboa
Visado pela Comissão de Censura

Um dos melhores brindes do Natal, é a

Biblioteca das Noivas

Organizada por **César de Frias**

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. **3\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Contos, Novelas e Romances

- Amor e o Tempo (O)
por Dr. Augusto de Castro 15\$00
- Art.º 438.º (O)
por D. Carmen de Burgos, tradução de Lopes de Sousa 3\$00
- Cinco Mil Francos por Mês
por Reinaldo Ferreira. 3\$00
- Colecção "Diário de Notícias"
por diversos autores. 7\$50
- Drama na Sombra (O)
por Ferreira de Castro 3\$00
- Ele e Eu
por Augusto Pinto 5\$00
- Fumo dos Casais
por D. Maria da Nobrega 10\$00

- Homem dos Dois Corações (O)
por Rocha Martins 3\$00
- Matou por Amor (A que)
por D. Emilia de Sousa Costa 3\$00
- Minha Mulher
por W. Fernandes Flores. 3\$00
- Mort de D. Juan (La)
por Paulo Osório 8\$00
- Noite de Núpcias
por Lourenço Cayola 3\$00
- Ruínas
por D. Helena de Aragão. 8\$00
- Sombras e Claridades
por D. Helena de Aragão. 8\$00
- Veneno do Sol (O)
por D. Fernanda de Castro. 10\$00

À venda na filial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11

TAPETES DE BORRACHA

Recomendados para todos os consultorios, salas de banho,
halls, etc., etc.

ENORME DURAÇÃO, LIMPEZA, HIGIENE

O melhor amortecedor de ruidos

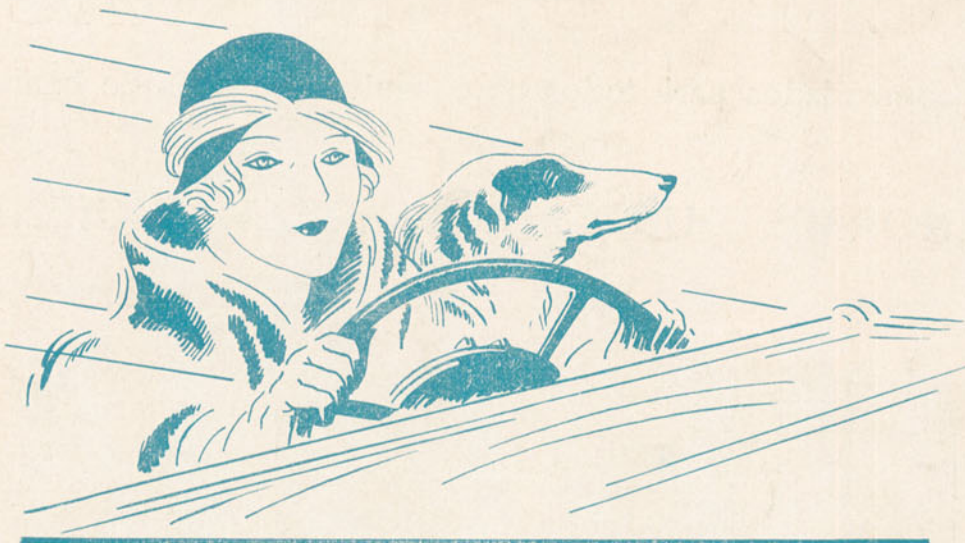


FABRICA DE BORRACHA
LUSO-BELGA

DE VICTOR C. CORDIER, L.^{DA}
SÉDE—Rua do Açucar ao Beato

DEPOSITOS:
LISBOA
Rua da Prata, 275, 277

PORTO
Rua das Flôres, 136, 138



Gazolina Auto=Gazo
...e uma leve pressão
no acelerador!



VACUUM
OIL COMPANY, INC.